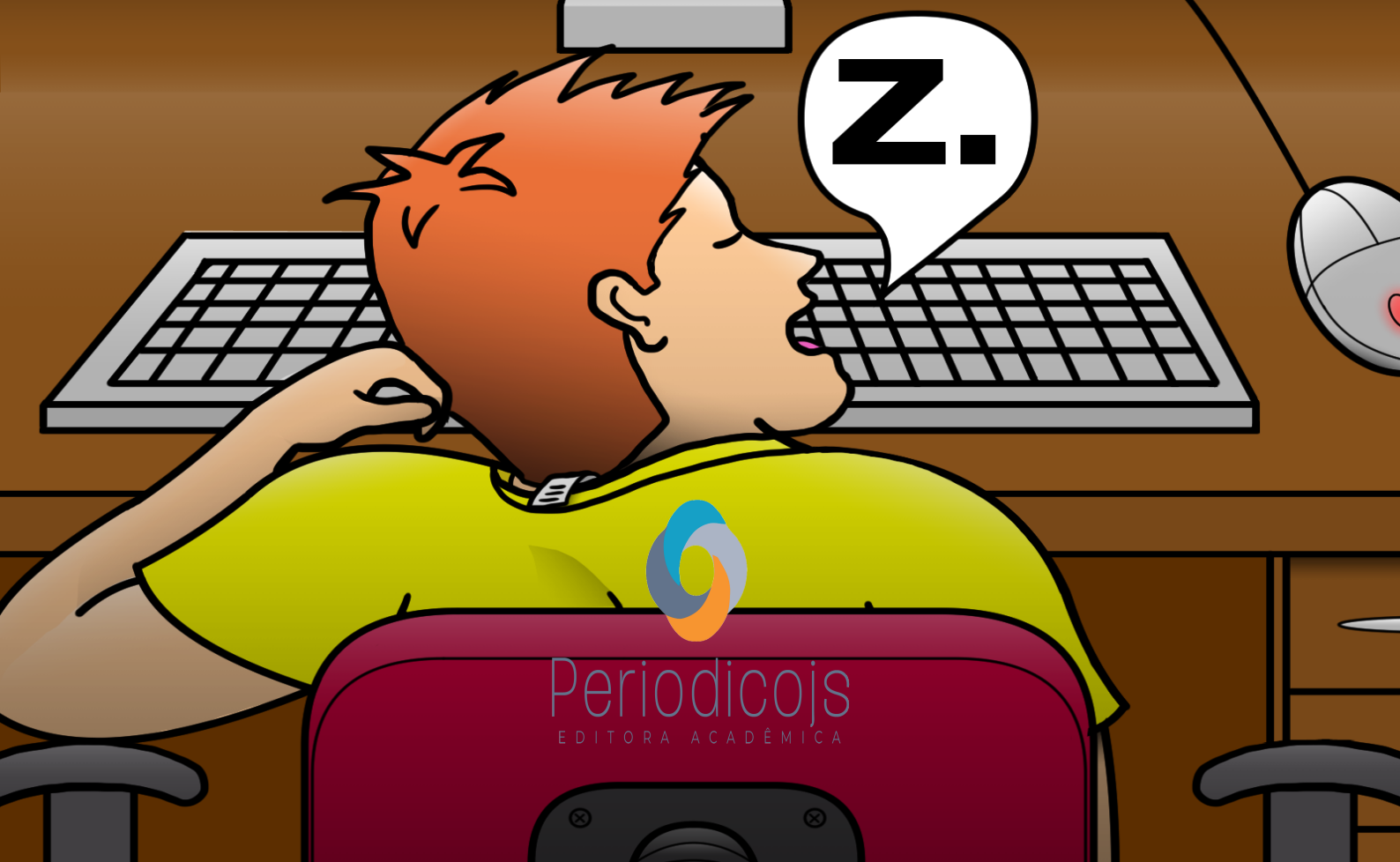
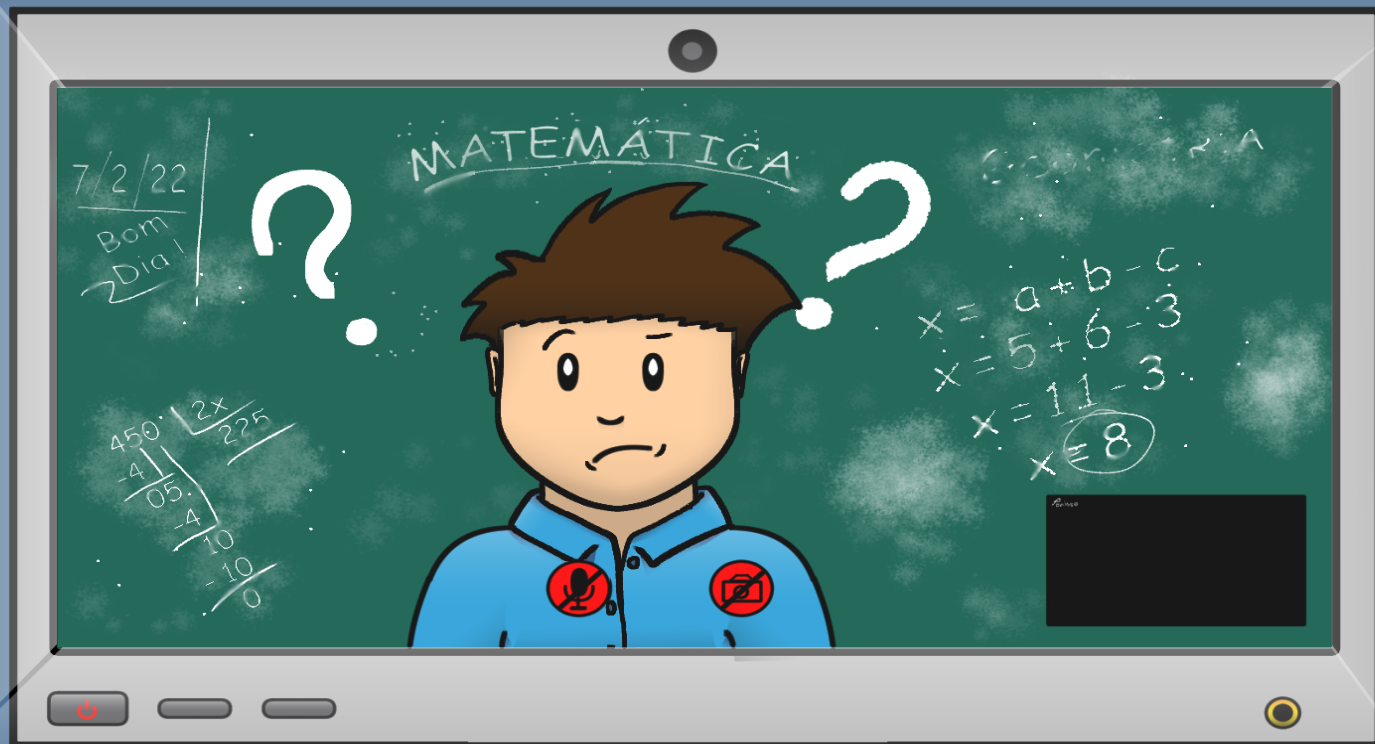


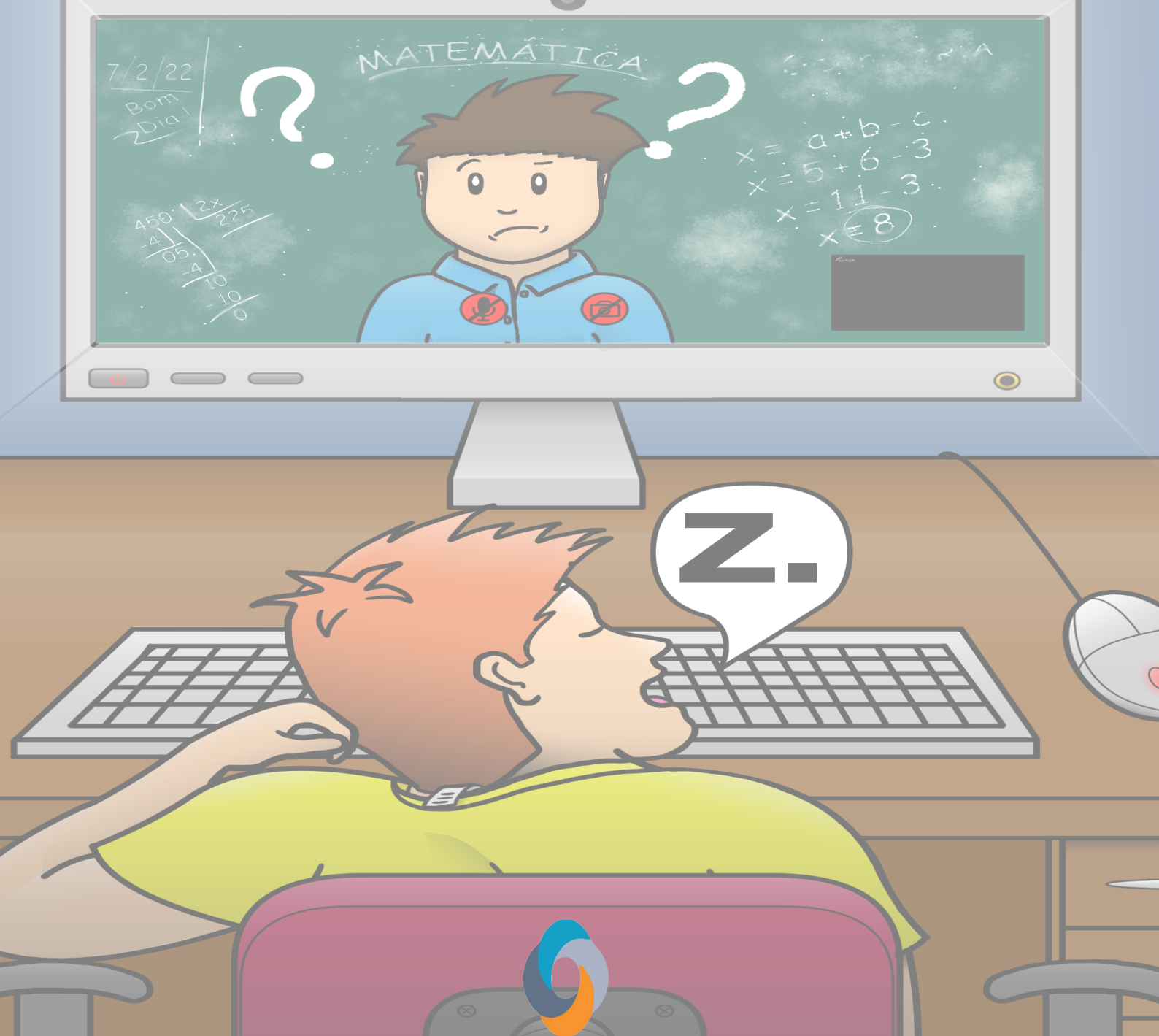
Israel Aparecido Gonçalves e Maria Aldenora dos Santos

Educação em tempos de Pandemia

Vol 2.



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Educação em tempos de pandemia vol. 02

Volume VI da Seção de Pesquisas na América Latina da Coleção de livros Humanas em
Perspectiva

Israel Aparecido Gonçalves

Maria Aldenora dos Santos

Organizadora

Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação em tempos de pandemia - Volume 2. / Israel Aparecido Gonçalves, Maria Aldenora dos Santos. – João Pessoa: Periodicojs editora, 2022.
E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-89967-36-1

1. Educação. 2. Pandemia. I. Gonçalves, Israel Aparecido. II. Santos, Maria Aldenora. III. Título.

CDD 370

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação - 370

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Seção de Pesquisas na América Latina da
Coleção de livros Humanas em Perspectiva**



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

**Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: [@periodicojs](https://www.instagram.com/periodicojs)**

Prefácio



É uma honra poder fazer a apresentação deste livro, obra esta que vem compartilhar momentos de aprendizagens, reflexões educacionais, políticas sociais e culturais no decorrer da pandemia da COVID-19. A leitura dos capítulos presentes neste livro buscam introduzir o leitor nos desafios, possibilidades, ensinamentos, debates e reflexões os quais a pandemia proporcionou quando pensamos nos momentos mencionados acima. Essas foram as intencionalidades dos autores nesta obra, permitindo ao leitor um conhecimento sobre algumas dificuldades ocasionadas no período pandêmico nas mais diversas áreas de ensino e de interesse social.

A heterogeneidade é um dos principais diferenciais desta obra, pois ela destaca as diversas área do conhecimento com a escrita de capítulos que versam sobre o ensino da Matemática, o ensino da Enfermagem, o ensino da Engenharia do Trabalho, Educação para pessoas Jovens e Adultas (EPJA) a Gestão Escolar, as Políticas (anti)Educacionais do atual governo federal, a importância da Educomunicação, a dificuldade no acesso à internet, entre outras temáticas sociais e educacionais que permeiam nossa sociedade.

Alguns capítulos apresentam as vivências, as dificuldades e as ações realizadas por professores no decorrer do período da COVID-19. Vale destacar que, muitos docentes tiveram a sua carga de trabalho aumentada neste período pandêmico, devido às atividades serem desenvolvidas no modo remoto ou até mesmo de maneira híbrida. Assim, em alguns capítulos, encontramos diversos desafios que os docentes vivenciaram para ensinar os mais diversos conteúdos nas modalidades de ensino

Educação em tempos de pandemia

citadas.

Diversas situações de ensino e aprendizagem são relatadas neste livro, oriundas das vivências dos professores que precisaram, do dia para a noite, adequarem suas aulas para atenderem as recomendações sanitárias de distanciamento social. Deste modo, encontramos situações de ensino e aprendizagem que foram pensadas para serem executadas de modo presencial. Contudo, devido ao contexto imposto pela pandemia, precisaram ser repensadas e remodeladas para serem trabalhadas no modo remoto ou híbrido. Essas vivências e atividades compartilhadas pelos autores podem servir de inspiração para que outros profissionais possam aproveitar as experiências aqui mencionadas, a fim de aplicá-las em seu contexto profissional ou até mesmo adaptá-las a sua realidade.

Já em outros capítulos, os autores convidam o leitor a refletir sobre as ações governamentais, sociais e informativas que impactaram diretamente o ensino e a disseminação de informações durante o período da pandemia. Além disso, alguns capítulos buscaram retratar como nossa sociedade foi impactada pelas políticas educacionais, com as quais o atual governo federal se mostra inapto a lidar, deixando transparecer que a educação pública, gratuita e de qualidade não é uma preocupação da atual gestão. Em outro capítulo, são abordadas as Fake News e como elas impactam a comunicação social brasileira, demonstrando que nossa sociedade ainda carece de um amadurecimento para utilizar as Tecnologias Digitais no que diz respeito ao acesso à informação, à verificação dos fatos mencionados e à disseminação da notícia para outras pessoas da nossa comunidade.

Cada um dos capítulos, foram escritos por autores que estudam, vivenciam e pesquisam as temáticas aqui mencionadas. São pesquisadores, professores, gestores que se preocupam com a qualidade do ensino, com a transparência e a veracidade das informações e que fazem de sua profissão, um canal de comunicação direto com a sociedade, demonstrando que ser um profissional da área educa-

Educação em tempos de pandemia

cional exige o comprometimento com o ensino, com a educação, com a ética, com a informação, com a denúncia de irregularidades e com a formação de um cidadão crítico, reflexivo, que não se permite ser manipulado por pessoas ou governos.

Por fim, deixo meus parabéns a todos os autores pela escrita dos capítulos presentes nesta obra. Ressalto que, com a leitura dos capítulos, foi possível conhecer mais sobre a profissão de cada um, os desafios enfrentados, as concepções que cada um possui acerca dos temas mencionados e importância de se divulgar as ações desenvolvidas durante um período tão conturbado, com o qual a população mundial ainda convive, a pandemia da COVID-19. Agradeço também aos organizadores desta obra pelo convite para a realização da apresentação deste livro que vem agregar na minha formação acadêmica, social e humana e, por fim, convido o leitor a apreciar o livro que foi feito com muita responsabilidade e dedicação por parte de todos os envolvidos.

Prof. Dr. Tiago Giorgetti Chinellato

Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), Mestre e Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

Sumário



Capítulo 1

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: PANDEMIAS PANDEMÔNIOS E CONTRADIÇÕES

9

Capítulo 2

ENTRE O ESTADO E O ÍNTIMO: UM ENSAIO SOBRE A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE
PANDEMIA

20

Capítulo 3

OS OBJETIVOS ANTIEDUCACIONAIS DO ATUAL GOVERNO: POLÍTICAS PÚBLICAS
OU DESMONTE DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL?

33

Capítulo 4

METODOLOGIA HÍBRIDA NO BRASIL: UMA ANÁLISE INCLUSIVA PARA A PRÁTICA
PEDAGÓGICA EM UM FUTURO PÓS-PANDEMIA

41

Capítulo 5

EDUCAÇÃO PARA PESSOAS JOVENS E ADULTAS – EPJA NO ITINERÁRIO PANDÊMICO
DA COVID - 19: REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA

7

Educação em tempos de pandemia

49

Capítulo 6

O ENSINO DA MATEMÁTICA EM TEMPO DE PANDEMIA

66

Capítulo 7

EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA
COMUNICATIVA NO COMBATE ÀS FAKE NEWS

81

Capítulo 8

IMPACTOS EDUCACIONAIS NA VIDA DOS ESTUDANTES ESPECIAIS DO ENSINO
SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ACRE

93

Capítulo 9

A EDUCAÇÃO NO ENSINO DA ENFERMAGEM EM TEMPOS DE (DES)CONSTRU-
ÇÃO

104

Capítulo 10

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS FRENTE À CONDIÇÃO DE APRENDIZAGEM REMOTA
IMPOSTA PELA PANDEMIA DE COVID-19: OS DESAFIOS DA ENGENHARIA DO

TRABALHO FRENTE A UM MUNDO PÓS-PANDEMIA

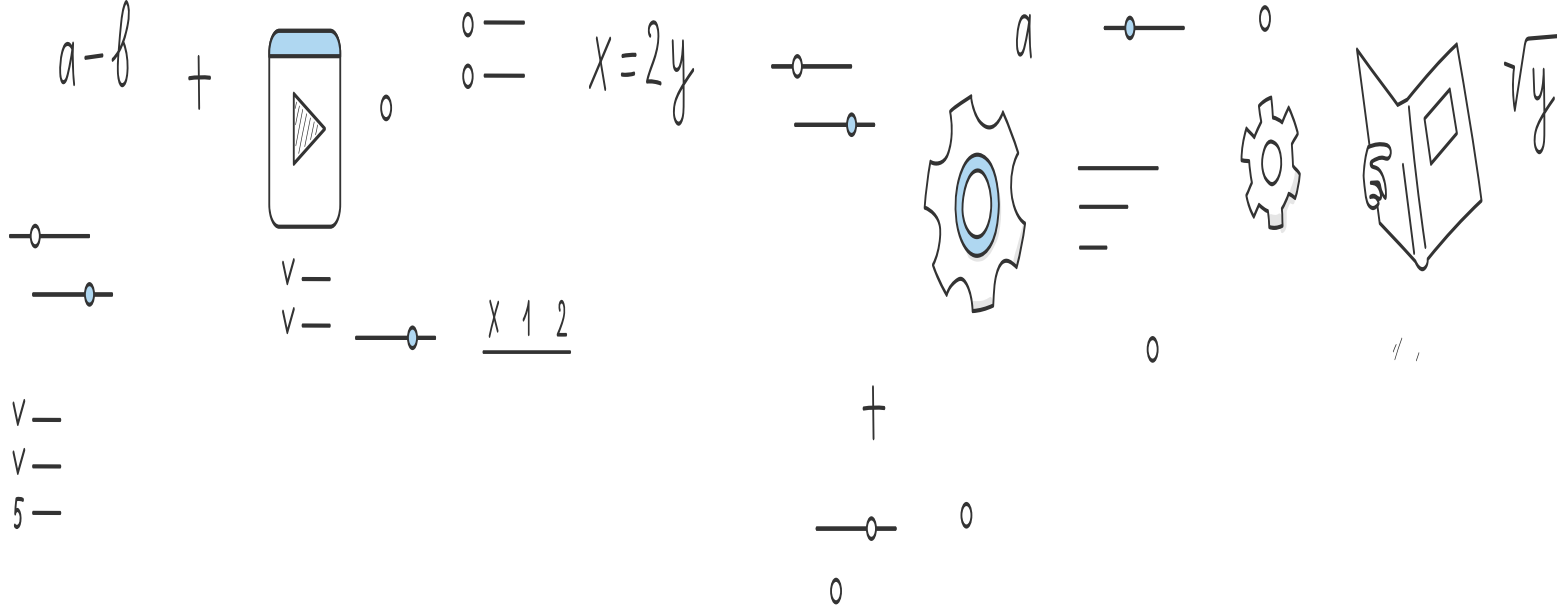
113

Capítulo 11

GESTÃO ESCOLAR NA PANDEMIA: PARCERIA COM O INSTITUTO VOTORANTIM

(PVE)

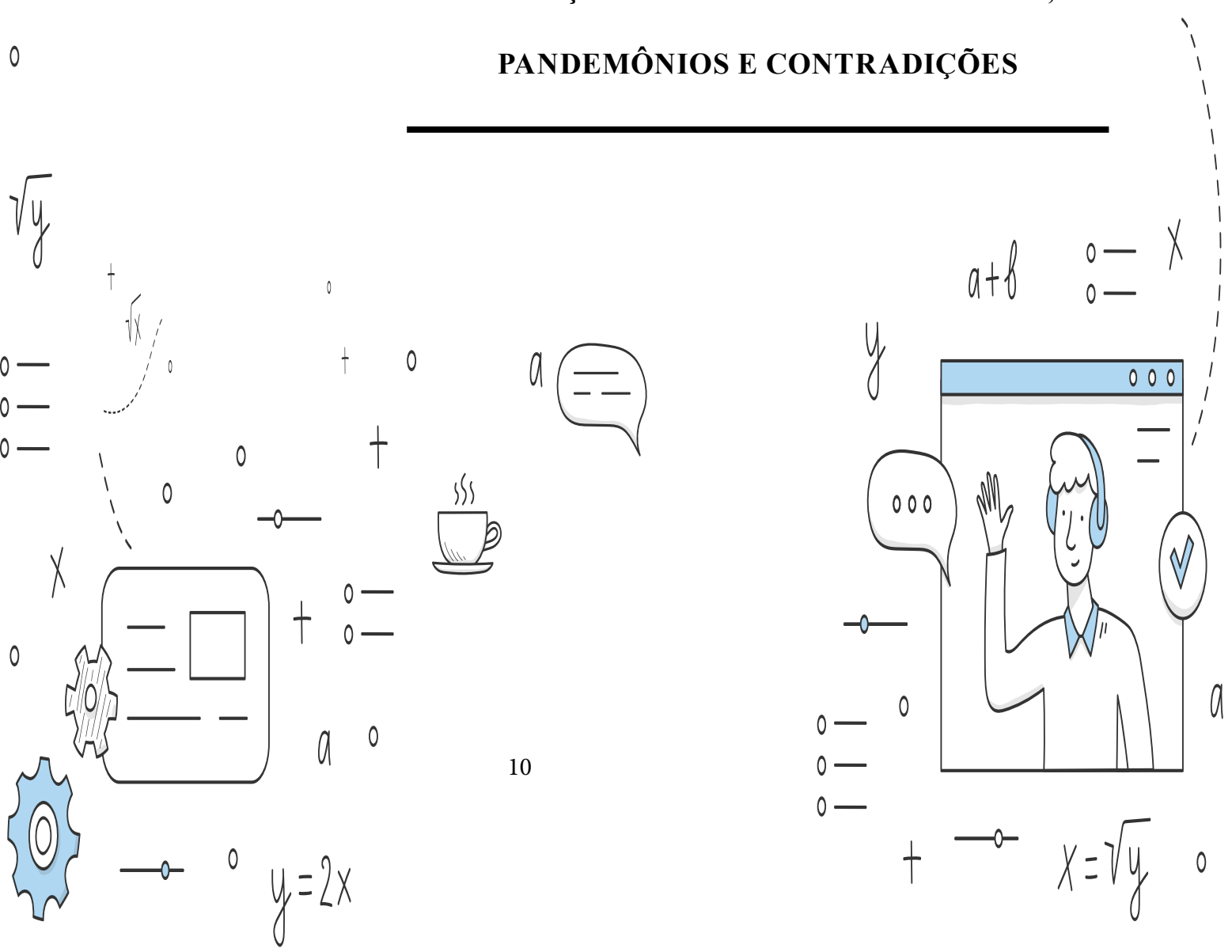
130



Capítulo

1

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: PANDEMIAS, PANDEMÔNIOS E CONTRADIÇÕES



EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: PANDEMIAS, PANDEMÔNIOS E CONTRADIÇÕES

Adrielle Camargo dos Santos¹

Introdução

A pandemia no Brasil completou o seu primeiro ano no mês de março de 2021 e a escrita desse ensaio iniciou-se em 22/03/2021. Após dias sem conferir o noticiário, hoje o número de mortos chegou a 294.042² (duzentos e noventa e quatro mil e quarenta e duas mortes). Assim, a dor insurge sobre aqueles que têm consciência do que esses números representam. Esse é o cenário atual do Brasil e é justamente esse contexto que fomentará a escrita desse ensaio. Um momento de silêncio em respeito às vítimas, bem como às suas respectivas famílias, pois a angústia deve ser grande pela perda de pessoas queridas por um vírus que já apresenta vacina.

Viver nesse contexto em que o Brasil se inscreve significa lidar constantemente com o sentimento de revolta e impotência diante das inúmeras contradições explicitadas com a pandemia provocada pelo coronavírus. Se não bastasse o vírus da COVID-19 e sua disseminação, enfrentar o pandemônio revelado pela pandemia também se tornou uma urgência. As contradições sociais são resultados de uma lógica política capitalista que organiza a sociedade desde a sua formação. Basta recordar os custos exorbitantes de produtos higiênicos básicos no início da pandemia, escancarando as contradições sociais de um país tão desigual. Enquanto uns correram aos supermercados para estocar papel higiênico e álcool em gel (produto que chegou a custar 161% a mais do que custava antes da

1 Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Unime – Universidade Metodista de Piracicaba (2017). Mestranda em Linguística com ênfase em Linguística Textual pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. É professora de Língua Portuguesa e Projeto de Vida na rede pública estadual de ensino.

2 Ao longo da escrita desse ensaio, pretendo registrar o número de mortos desde o primeiro dia de sua escrita a sua finalização.

Educação em tempos de pandemia

pandemia³), outros (o que abrange uma grande parcela de brasileiros) que já lutavam para sobreviver economicamente dentro desse sistema, tiveram dificuldades ainda maiores no acesso a esses produtos.

Além dessa pandemia, a contemporaneidade traz consigo outras pandemias que acometem o tecido social e seus sujeitos. Uma delas se caracteriza pelo pandemônio de desinformação que reflete diariamente nos pensamentos e atitudes da população. Sobre desinformação, compreende-se um conjunto de fatores que versam sobre a instabilidade do valor da verdade, bem como a rapidez com que fatos e informações manipuladas circulam em mídias sociais. As consequências do vírus da ignorância e do negacionismo são tão reais e concretas quanto as consequências do vírus que desencadeou esse estado de pandemia.

Contradições, pandemias, desinformação, pandemônio. Como tudo isso impactará o convívio nas esferas sociais, sobretudo na escola, um espaço social tão importante? Como essa pandemia pandemônica afetará os sujeitos, tanto em termos individuais e cognitivos, quanto em termos coletivos e seus espaços sociais, a saber, a escola?

Nas seções que prosseguem, a discussão estruturar-se-á nos eixos a seguir: pandemia e pandemônio, pandemia e as contradições sociais e os impactos dessas contradições no debate escolar.

Pandemia e pandemônio: a (des)informação e os ataques à ciência no enfrentamento à COVID-19

Primeiramente, é necessário definir o que é o pandemônio para que seja possível compreender a sua complexidade e seus impactos. De acordo com a definição proposta pelo Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, pandemônio é: “1 Nome imaginado pelo poeta inglês Milton (1608-1674) para designar a corte dos infernos. 2 Conluio de indivíduos para fazer o mal ou armar desordens. 3

3 Disponível em: </https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/12/governo-controla-precos-tabelar-mascara-alcool-gel-agua-coronavirus.htm#:~:text=Segundo%20o%20site%20J%C3%A1%20cotei%20que,4%20de%20mar%C3%A7o%20deste%20ano./>. Acesso em: 14 de jun. 2021.

Educação em tempos de pandemia

Balbúrdia, tumulto.”.

O pandemônio não é algo que surgiu com a pandemia, mas está em curso e estrutura-se à maneira como a sociedade se organiza e funciona. Porém, com a pandemia o pandemônio ficou em evidência quando as dimensões de suas consequências se tornaram visíveis. O aumento exorbitante de pessoas mortas, o aumento de desempregados e as dificuldades socioeconômicas para sobreviver no Brasil são exemplos reais desse pandemônio. Brito e Calejon (2020) afirmam que a pandemia causada pelo vírus agitou e pôs em evidência o pandemônio que rege a sociedade. Para os autores,

As evidências aparecem no percentual de mortos, na falência do sistema público de saúde, no crescimento dos índices de violência, no aumento dos moradores de rua, nas dificuldades dos que vivem nas chamadas comunidades, ou seja, nas condições mais precárias de renda, moradia, educação e saúde (BRITO, A.; CALEJON, L.:2020, p.291).

De igual modo, Ianoni (2020) assegura que o pandemônio brasileiro é institucional e está em curso, sobretudo, a partir de 2015, com a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff, que culminou no golpe de 2016, em que a presidenta foi deposta de seu cargo por jogadas políticas. A palavra pandemônio vem para figurar o cenário desse governo caótico que o Brasil se inscreve desde a última eleição presidencial até então. O bolsonarismo, muito antes da pandemia, já construía o cenário de caos com seus ares de incompetência política, mascarando a sua lógica fascista de ser. Desde o início da disseminação do vírus, a necropolítica de Bolsonaro refletiu em ataques contínuos (e severos) à ciência e à própria legitimação da ignorância diante do vírus, dificultando o seu processo de contenção, resultando em aumentos exorbitantes de pessoas mortas, ou seja, de vidas que poderiam ter sido poupadas. Para Ianoni (2020), “a maior expressão do pandemônio do sistema político é a emergência do bolsonarismo, alavancado em um líder de ocasião, oriundo do baixo clero parlamentar, defensor da ditadura e da tortura.”. (IANONI, M. 2020, p. 113).

Educação em tempos de pandemia

Os ataques à ciência cometidos por Jair Messias Bolsonaro é só mais um reflexo do pandemônio que assola a sociedade brasileira. Não dá para esperar nada positivo e construtivo de um governo que desde a sua campanha eleitoral já desprezava as instituições científicas, bem como a imprensa tradicional de informações, com inúmeras fake news que ascenderam a figura de Bolsonaro, manipulando as massas, hackeando as eleições e modulando a cognição das pessoas para seu o bel-prazer.

Diante disso, convém mencionar aquilo que a OMS (Organização Mundial de Saúde) nomeou como “infodemia”, sendo urgente a luta pela contenção da contaminação do vírus, como também a epidemia de informações falsas que dificultam ainda mais o combate ao vírus. Quando se tem um representante político, que ocupa o cargo de presidente da república, afirmando, em suas falas oficiais e em suas mídias, ideias como o “Kit Covid”⁴ – esse kit foi refutado pela OMS por falta de comprovação científica de eficácia -, e a suposta imunidade de rebanho, os reflexos (e os riscos) são inevitáveis, pois o eleitorado de Bolsonaro reproduz os mesmos discursos que ele, ocasionando no processo de legitimação social da ignorância, configurando e expandindo o cenário de caos.

A postura governamental diante da pandemia denuncia o despreparo (ou talvez desdém) para o devido enfrentamento da crise em que o país se situa. A postura de ataque às vacinas, a negação ao isolamento social e todas as recomendações feitas pela OMS, da mesma forma que as (des)informações travestidas em fake news, legitimam a ignorância e refletem, inevitavelmente, na escola. Se proporcionar educação de qualidade para todos já era um grande desafio a ser enfrentado na escola, com o pandemônio, as feridas das contradições foram abertas.

Pandemia e pandemônio: a ferida cujo nome é contradição

A contradição, ou melhor, as contradições sociais parecem ser a gênese dessa sociedade.

4 Para aprofundamento da questão acessar : <https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/volta-da-cpi-perguntas-vacina-corrupcao-fake-news/>. Publicado em 31/07/2021. Acesso em: 04/08/2021.

Educação em tempos de pandemia

Basta observar o mundo com as lentes da criticidade e será possível perceber um mundo real que vai além da nossa individualidade. Essas contradições se enraizaram no *modus operandi* de nossa coletividade. Eis o maior desafio de todos: curar as feridas e cortar as raízes dessa maneira de ser em sociedade.

Essas contradições dividem os que têm acesso a bens materiais e simbólicos e os que não têm, e esse é um processo contínuo que vem muito antes da crise sanitária que estamos enfrentando. A principal contradição desse sistema capitalista se materializa quando ocorre a divisão social entre centro e periferia. Nesse sentido, “essa questão direciona nossa reflexão para pensar a concentração de renda e a distribuição da riqueza produzida no país como uma das dimensões do pandemônio que a pandemia tornou visível.” (BRITO, A.; CALEJON, L.:2020, p.292). Essa configuração de sociedade que se pauta na desigualdade se dá de maneira contínua e nos molda até hoje, porque o Estado perpetua essa lógica desigual com seus aparatos de manutenção. É como se a má distribuição de renda fosse algo benéfico para o governo, que em decorrência disso, ocasiona um abismo enorme de diferença entre renda x riqueza. Enquanto a maioria das pessoas busca sobreviver com a renda (e aqui não estamos incluindo as pessoas sem renda alguma), existem aquelas poucas pessoas que gozam de seus privilégios e nem sentem os impactos causados pela pandemia por terem riquezas.

Além disso, o governo Bolsonaro parece funcionar dentro de uma lógica necropolítica, e essa lógica caracteriza-se como uma das principais contradições de uma democracia que é instaurada em cima de uma Constituição que prevê igualdade e assistência social entre todos os indivíduos. De acordo com Achille Mbembe (2018), o conceito de necropolítica se baseia na escolha do Estado sobre quem deve viver e quem deve morrer. É a lógica da morte associada ao plano de governo. Nesse caso, o descaso do governo é intencional. Para Juliana Neuenschwander e Marcus Giraldes (2020),

Bolsonaro estimula o aumento de mortes por COVID-19 e boicota as medidas de socorro social e econômico que são necessárias para preservar empregos e combater a fome. Partindo para o tudo ou nada, ele cultiva o caos social para

Educação em tempos de pandemia

colher ditadura (NEUENSCHWANDER, J.; GIRALDES, M.; 2020, p.57).

Eduardo Gudynas, pesquisador e ambientalista defende que “a necropolítica é a política do deixar morrer. É admitir que a meta de assegurar a vida fique relegada.” (GUDYNAS, 2021). Nesse caso, o número exponencial de mortes vai se acumulando em virtude de governos que não superam as fragilidades enfrentadas pelos sistemas públicos de saúde. O autor argumenta que o clímax necropolítico no Brasil vem por meio da figura de Bolsonaro com a sua inação “qualificando a doença como uma gripezinha”.

Não bastasse isso, o programa de vacinação eficiente é um grande desafio a ser enfrentado, pois os ataques à ciência, à vacina, bem como os casos de corrupção sobre a compra de imunizantes deflagrada pela CPI da Pandemia dificultam o processo de contenção do vírus. Não dá para negar que esses embates atuais que vêm de muito antes se acentuaram. E a escola, espaço que já carecia de transformações e investimentos como aparato de reparação social, apresenta hoje uma realidade ainda mais complexa e latente para as desigualdades que se equilibram nessa perspectiva necropolítica. Então, como lidar com esses desafios sem sucumbir à revolta que adoece e não revoluciona?

Pandemia e pandemônio: contradição sendo a ferida da educação

Diante de todo esse contexto exposto nesse ensaio, questionamentos pertinentes em relação à educação pública surgem, tais como: de quais maneiras essas pandemias refletem no ensino público? Como elas afetam as relações existentes entre alunos-docentes-sociedade? Qual é o papel desempenhado pelo estado de São Paulo frente às notórias contradições vislumbradas pela pandemia? Novo normal para quem?

Em primeiro ponto, pode-se lançar luz sobre a máxima “ano letivo atípico”, expressão que foi e continua sendo largamente usada pela rede estadual de ensino. De fato, não deixa de existir

Educação em tempos de pandemia

verdade nessa afirmação, porém, a contradição se faz presente quando ao lado dessa expressão vêm inúmeras práticas (des)pedagógicas, pois não é justo manter um sistema de avaliação e reprovação de alunos sem considerar a realidade de cada um deles. Existe uma discrepância enorme de realidades na escola e nem todos têm acesso ao básico. Há apenas um único celular para a família toda, quando não, é o caso de não terem nenhum aparelho. Que fique estabelecido que a intenção aqui não é a de responsabilizar os profissionais da educação por essas contravenções, uma vez que quem deve ser responsabilizado está aquém de saber como é de fato a realidade da escola pública.

A verdade é que o sistema de ensino já era carregado de lacunas, de falhas e contradições. Acontece que, com o cenário pandemônico, essas falhas foram expostas e só não as enxergam quem prefere fechar os olhos. Pergunto: como podem afirmar que estamos em um ano letivo atípico se os mecanismos de avaliação continuaram os mesmos, desconsiderando deliberadamente a realidade crucial que não dá para ser evitada: não partimos do mesmo ponto. Cada aluno, cada professor, cada indivíduo sente os reflexos da pandemia a partir de seu contexto, tanto em termos de estruturas materiais quanto em estruturas socioemocionais.

08/06/2021 – 475.000 mortes. Retorno.

Considerarei importante demarcar as datas nessa escrita desde quando a iniciei. Hoje (08/06/2021) o Brasil marca o número de 475.000 mortos. Vidas não são números, mesmo que a maneira como nos organizamos em sociedade leve à sensação de que números são mais importantes do que pessoas.

Na escola pública não é diferente. A falácia da progressão continuada demonstra que a preocupação do sistema educacional não está voltada para a formação social dos alunos. Pelo contrário. Números são mais importantes porque, em tese, eles “mostram resultados”. Alunos são categorizados como números e é essa a realidade do sistema de ensino. A pandemia no Brasil necropolítico de Bolsonaro evidencia os desafios a serem enfrentados pela escola, Brito e Calejon (2020) asseguram que:

Educação em tempos de pandemia

Dada à complexidade destes desafios, é necessário que os educadores tenham condições de trabalho, que as famílias tenham acesso às condições mínimas de moradia, alimentação e escolarização, que as políticas públicas da educação assumam de modo claro o papel que atribuem à escolarização e à função da escola. (BRITO, A.; CALEJON, L.; 2020, p.307).

A ansiedade e o desgaste dos profissionais da educação também acontecem e refletem no alunado e seus familiares. O ensino remoto é necessário, mas não deixa de ser desgastante. Além disso, a dimensão da desigualdade econômica e social “constitui-se como um obstáculo para o acesso de muitos estudantes aos conteúdos escolares” (p.297).

Desse modo, para que o processo educacional seja realmente efetivo e coerente, ainda mais em tempos de pandemia, é preciso sanar as contradições sociais refletidas na realidade escolar, já que a escola é um reflexo (e parte integrante) da sociedade.

Considerações finais: caminhos para pensar a transformação social, ou seja, curar as feridas das contradições.

Antes de encerrar essas páginas, hoje (07/08/2021), o Brasil carrega em suas costas o número de 563 mil mortes. O número quase duplicou em relação ao início dessa escrita. Incito um momento de silêncio novamente em respeito às vítimas.

Como não chamar de genocida aquele que provoca o caos? Aquele que representa o verdadeiro pandemônio que nos assola? Aquele que tripudia em cima da dor alheia? Mesmo que a pandemia seja consequência de um vírus, os altos índices e a taxa de letalidade são consequências de escolhas humanas, logo, são escolhas políticas. Portanto, essa conta é de responsabilidade de Bolsonaro, logo, genocida.

Educação em tempos de pandemia

Para curar as feridas das contradições é preciso que o diálogo com a população seja intenso por muito tempo, de modo que nossa memória coletiva se baseie no fato de que o agravamento da pandemia no Brasil se deu por conta do (mau) gerenciamento político dela. Já, em relação ao debate escolar, é preciso ter um olhar crítico frente às mudanças constantes de cenários e encontrar caminhos para resistir diante dessa realidade complexa expressa pela escola e todos os indivíduos que a constitui. Esse é o grande desafio. Para resolver um problema, é preciso assumi-lo primeiro. Então, que a leitura dessas páginas se relacione com a leitura de mundo, ou seja, é preciso ler, refletir e relacionar os problemas que enfrentamos para alcançar uma transformação social que feche e cicatrize as feridas da contradição. Que nossas escolhas políticas para 2022 se baseiem em fatos e não apenas em opiniões. Chamar aquele que tripudia sobre a dor alheia de genocida não é uma opinião, é um fato.

Referências

BRITO, Alan de Santana; CALEJON, Laura Marisa Carnielo.; Entre a pandemia e o pandemônio: uma reflexão no campo da educação. EDUCAmazônia. Educação, sociedade e Meio Ambiente, Humaitá. Amazonas, vol. XXV, Núm 2, jul-dez, 2020, pág. 291-311.

GUDYNAS, Eduardo. Necropolítica: a política da morte em tempos de pandemia. IHU-Instituto Humanitárias Unisinos. Porto Alegre. Abr.2021.

IANONI, Marcus. Três crises: sanitária, econômica e política. In: BRANDÃO, Cristiane. SANTOS, Augusto Rogério Dutra (orgs.). Pandemias e pandemônio no Brasil. São Paulo: Tirant lo Branch, 2020.

MBEMBE, Achille. MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, polí-

Educação em tempos de pandemia

tica da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. p. 124-151.

NEUENSCHWANDER, Juliana. GIRALDES, Marcus. “Amanhã vai ser outro dia”? reflexões sobre as questões do presente no mundo em crise. In: BRANDÃO, Cristiane. SANTOS, Augusto Rogério Dutra (orgs.). Pandemias e pandemônio no Brasil. São Paulo: Tirant lo Branch, 2020.

ENTRE O ESTADO E O ÍNTIMO: UM ENSAIO SOBRE A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Alice de Lima Coelho dos Santos¹

Introdução: aspectos do descaso

Descaso é um substantivo masculino que se refere ao desdém, desconsideração e desprezo. Esse texto convida os leitores a um diálogo que analisa alguns aspectos do descaso das governanças, que refletem diretamente na intimidade da mente de cada um dos governados. Assim, a formação educacional é um direito de todos e, com o conhecimento, experiência e convívio em instituições de ensino, espera-se cidadãos que construam uma sociedade justa. Além de oferecer educação, o Estado deve garantir condições de igualdade ao acesso, permanência e, sobretudo, sucesso de todos os alunos na Educação Básica (REZENDE, JACOB, SILVA e MARQUES, 2021, p.3). Em tempo de pandemia da COVID-19, os embates contraditórios da educação fornecidos pela rede pública do estado de São Paulo ficaram latentes e pulsantes. A confusão causada no interior do ser de todos, que de alguma maneira interagem com a rede de ensino, tem raízes profundas no paralelo entre a vida privada e a pública.

...são muitos os impasses enfrentados pelo poder público para assegurar educação básica a todos os alunos da rede pública. Paralelamente aos entraves enfrentados pelo Estado, as dificuldades encontradas pelas famílias, estudantes e profissionais da educação, diante do cenário que se impõe à educação brasileira na atualidade, não podem ser desconsideradas na análise dos impactos imediatos do “pacote” amplamente conhecido como Ensino Remoto

¹ Professora da rede pública do Estado de São Paulo, 2021. Licenciada em Artes Visuais-Faal, (2018).

Educação em tempos de pandemia

(ER) (REZENDE et al, 2021, p.3)

Estudantes, Professores, Gestores, Supervisores e toda rede de pessoas envolvidas, são orientadas por burocracias pensadas na democratização do ensino. Porém, ter um documento com informações integradas e atualizadas perde o impacto quando as condições de aplicação são desfavoráveis. Segundo o artigo “Educação básica pública em tempos de pandemia: um ensaio sobre a garantia da igualdade no acesso à educação”:

...o modelo de Ensino Remoto proposto pelo sistema educacional brasileiro não oferece ao estudante situações práticas para que ele se desenvolva cognitivamente, nem oferece vivências ou experiências práticas que lhe permita entrar no mundo do trabalho, uma vez que a proposta de educação, virtual, online ou remota, foca no aspecto quantitativo de conteúdos e na transmissão mecânica do “conhecimento”, em uma via de mão única, na qual o professor “ensina” e o aluno “aprende. (REZENDE et al. p. 7)

As contradições se destacam quando, na prática, a situação social não corresponde com os objetivos traçados nos projetos de garantia dos direitos, e CANIELO E SANTANA (2020) afirmam que:

A análise da situação e dos desafios na educação apresentada pelas Metas Educativas 2021 declara como objetivo do decênio organizar uma educação que ofereça uma resposta satisfatória às demandas sociais urgentes, de modo a conseguir que os alunos estudem durante mais tempo, com uma educação de qualidade reconhecida, sendo igualitária e inclusiva, tendo a participação da maioria das instituições e setores da sociedade. O projeto reconhece que a educação é a estratégia fundamental para avançar na coesão e na inclu-

Educação em tempos de pandemia

são social. (2020, p. 294)

E antes mesmo de sentir o primeiro impacto de se vivenciar uma pandemia, o medo da disseminação do vírus, as preocupações voltadas à sobrevivência e a falta de recursos básicos sendo recorrentes para a maioria dos brasileiros, retomam ao capitalismo como um instrumento de manutenção da desigualdade. Portanto, a aplicação da educação inserida no contexto do capital despreza a individualidade, a sensibilidade e a própria vida.

Além disso, a reclusão no espaço, o distanciamento social. A experiência do confinamento. O real da solidão do ser falante, esteja ou não com companhia. De um tempo subjetivo, estranhamente familiar, e o pânico. Um pânico também coletivo pela possibilidade de contágio e pelo inevitável estouro do sistema de saúde que introduz a necessidade de um tempo lógico: “Não fiquem doentes de uma só vez, por favor. (ALEJANDRO, 2020, p. 80)

A sensação de medo ressoa, vem de séculos passados e, com o tempo, refina-se e modifica as máscaras com os novos contextos, ou seja, a formação cultural e simbólica que predomina dentro das instituições de ensino e a parcela da população que interage com as escolas são herdeiras de ditaduras. Os prédios escolares, a organização e a hierarquia presente no conjunto da educação do estado de São Paulo evidenciam a estrutura colonial. Segundo João Ricardo², no artigo “Necrocapitalismo e neofascismo em tempos de peste”:

Em sociedades historicamente autoritárias, coloniais, excludentes, elitistas, baseadas em culturas oligárquicas e escravistas, onde os privilégios das classes dominantes se naturalizam e se apresentam como normalidade, o “fascismo potencial”, apontado por Adorno, articula a dimensão do individual e do

social, onde a pulsão de morte passa a prevalecer em relação à pulsão de vida.

2 Artigo disponível no livro: Pandemias e pandemônio no Brasil [livro eletrônico].

(2020, p. 93)

Os impactos no indivíduo que se desenvolve em berços autoritários perpetuam no coletivo as violências e o descaso com o sensível, distanciando a possibilidade de liberdade para aprender, já que na formação para Jorge Larrosa,

Não há uma experiência humana não mediada pela forma e a cultura é, justamente, um conjunto de esquemas de mediação, um conjunto de formas que delimitam e dão perfis às coisas, às pessoas e, inclusive, a nós mesmos. A cultura, e especialmente a linguagem, é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós. Mas quando uma forma converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado e falsificado. Porque, às vezes, nos livros, ou nos filmes ou, até mesmo, na paisagem, há tantos bordões que nada está aberto. Nenhuma possibilidade de experiência. Tudo aparece de tal modo que está despojado de mistério, despojado de realidade, despojado de vida.

(2013, p. 49)

Mesmo que, por um segundo, no íntimo, caros leitores, possamos pensar em reformular e ressaltar a cultura da liberdade para a formação da vida.

Fuga dos sentidos

No ano de 2020, quando vivenciamos o isolamento e o fechamento das escolas, rapidamente a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo apresentou soluções milagrosas para os acontecimentos e trouxe diversos aparatos para mudar nossas vidas durante o tempo necessário. Simultaneamente, vimos os estudantes “desaparecerem”. Foram meses até ficar evidente quem eram os alunos

Educação em tempos de pandemia

os quais tinham acesso a celulares, televisores, internet e todo o aparato para que a educação não parasse. Logo, toda essa mobilização demonstrou:

Transferir o “chão da escola” para o “chão da residência” dos estudantes pressupõe outras iniciativas para além do que foi proposto para a escola pública, plasmado no Ensino Remoto. Os recursos tecnológicos e o acesso à internet banda larga (mesmo que gratuita) não conseguem resolver nem contornar a situação de milhares de alunos, pois seus pais nem sempre têm a formação pedagógica necessária para lhes auxiliarem nas tarefas escolares. (REZENDE et al. p. 7)

Se por um lado temos os familiares e responsáveis dos estudantes com dificuldades de integração ao novo modelo de ensino, do outro, encontramos professores sem afinidades com a tecnologia e a sobrecarga de informação. Na prática notamos:

A morosidade e descontinuidade das políticas públicas acabam promovendo atraso em diversos segmentos, inclusive na educação. Na realidade das TICs “um dos principais entraves para a utilização destas é a falta de conhecimento e domínio dessas tecnologias por grande parte dos professores”, informam Leite e Ribeiro (2012, p.177), atentando para a formação deficiente na inclusão das novas tecnologias e ao fato de que não estão atreladas aos currículos acadêmicos. (PEIXOTO, PEREIRA e RIBEIRO, 2021, p. 5)

Mais uma vez, observamos que a problemática das ações governamentais, traçadas para a exigida democratização do ensino, em sua aplicação, não corresponde com seu próprio objetivo. O artigo *Entre a Pandemia e o Pandemônio: Uma Reflexão No Campo Da Educação* também evidencia a carência e o obstáculo só aumenta:

Educação em tempos de pandemia

Em relação a escolaridade dos pais observa-se que as mães têm uma escolaridade maior que os pais, sendo que 13,8% das mães chegaram até o ensino superior, enquanto 51,72% dos pais tinham o ensino fundamental incompleto. A maior parte destes alunos (86%) frequentou a escola pública na escolarização anterior. A análise dos planos de ensino das diferentes disciplinas que compunham a matriz curricular sinalizava uma diversidade de teorias explicativas do desenvolvimento humano e da aprendizagem, tratadas de modo aligeirado com uma crítica reduzida de seus fundamentos epistemológicos, oportunizando uma posição eclética e concepções pouco consistentes a respeito deste processo. A leitura das teorias era baseada em comentadores, com pouco acesso as fontes originais. O uso dos recursos da tecnologia da informação e da comunicação era instrumental, ou seja, a internet era usada para enviar e receber mensagens de colegas ou dos professores, para acessar o sistema usado pela universidade para as informações e atividades a serem realizadas e busca de bibliografia. Os participantes não conheciam jogos digitais criados para ensinar conceitos e noções matemáticas. (CARNIELO e SANTANA 2020, p. 301)

O absurdo está no conjunto dos pequenos descasos. Quem orienta não tem condições para tal. Com calma, pense: como um cidadão comum, citado acima, diante de uma situação de pandemia e drásticas mudanças, assimila cada um dos decretos, aulas online, lives com o secretário, lives com os técnicos, tutoriais, relatórios de trabalho e todas as ferramentas que anunciam a solução da educação em tempos de pandemia?

Lembre-se: a intenção aqui é chamar a atenção para algumas facetas da desordem interna, causada pela tentativa de ordem externa, ou seja, enquanto indivíduo, vagamos na vida entre nossas

Educação em tempos de pandemia

vontades e as demandas sociais de sobrevivência nesse devir. Em cada ato nosso, ao exercê-lo, ao compreendê-lo e ao compreendermos dentro dele, transparece a projeção de nossa ordem interior. Constitui uma maneira específica de focalizar e de interpretar os fenômenos, sempre em busca de significados (OSTROWER, FAYGA. 2011, p. 9). Contudo, a interiorização do descaso leva à fuga ou à perda dos sentidos.

Vencidas pelo cansaço

O 2021 começa e a situação volta a piorar por negligência governamental. O secretário da educação do estado de São Paulo declarou abertamente, em suas habituais lives, que as escolas voltariam ao presencial mesmo sem vacina, pois a educação não podia esperar. No artigo Educação, Direito À Vida E As Pandemias Da Contemporaneidade:

A escola pública e privada não apenas exercem o papel formador e socializador das culturas em particular, mas também representam espaços de socialização e, em muitas situações no caso das públicas, de confinamento de crianças e jovens para que a classe trabalhadora consiga exercer suas atividades ocupacionais. (SOUZA e ARAÚJO, 2020, p. 8)

Com o olhar voltado para a situação das mulheres, cuidadoras, muitas vezes responsáveis pelo núcleo familiar, ao saírem de suas casas com o intuito de sustentar e proteger suas famílias, as professoras arriscam o ar em seus pulmões e a contaminação das pessoas as quais tentam manter vivas. O retorno às aulas sublinha a condição da mulher perante a sociedade, pois durante a pandemia da Covid-19, segundo Simone Paulon:

Sim, o impacto é maior nas mulheres e isso está ligado ao machismo estrutural. A sobrecarga e acúmulo de funções, a carga mental invisível, a violência

Educação em tempos de pandemia

doméstica e de gênero são produtos históricos da cultura patriarcal e machista na qual nos encontramos. (PAULON, 2020)

Assim, a mulher tem tantas demandas que não resta energia para transformação. Ao tentar manter viva a sua família, reproduzem as contradições e perpetuam sua condição social. Para Maria Lacerda, A mulher é uma degenerada: “Quantas cousas repetem as mães e as professoras - inconscientes de que servem de esteios fortes na conservação da própria escravidão! (2018, p. 12)”. Mesmo quando suas atitudes demonstram emancipação, ainda precisam lidar com as violências diárias. No artigo “Entre a pandemia e o pandemônio”, constata-se que existe uma prevalência nas mulheres da agressão cometida por pessoas conhecidas (REZENDE et al. p. 293); A insegurança em seus lares causa angústia, quando atrelado ao Femicídio:

Em 2013 estávamos na quinta posição internacional entre 83 países do mundo segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação à agressão a mulheres. Enquanto nos 83 países analisados a taxa média era de 2.0 homicídios por 100 mil mulheres, no Brasil em 2013, era de 4.8 100 mil mulheres. Os dados apontam ainda a heterogeneidade do nosso país, evidenciando regiões com indicadores acima da média nacional, onde se encontram taxa de 15,3 homicídios ou 9,3 homicídios por 100 mil habitantes. (REZENDE et al. p. 293)

Observe e compare os dados atualizados:

Um indicador interessante são os serviços de disque-denúncia (como o 180). A Itália, que iniciou o isolamento social mais cedo, registrou um aumento de 161,71% nas denúncias entre os dias 1º e 18 de abril, de acordo com órgãos oficiais. O serviço argentino teve um aumento de 39% na segunda quinzena

Educação em tempos de pandemia

de março. No Brasil, o aumento foi de 14% no primeiro quadrimestre, com o ápice em abril, registrando aumento de 37,6% em relação ao ano anterior. Isso equivale a 37,5 mil denúncias apenas nos quatro primeiros meses. (PAULON, 2020)

Tantas mortes abafam o potencial da mulher: no âmbito escolar se esforçam para manter a educação funcionando e, em tempos de pandemias, o medo, atrelado ao cansaço, transborda aos olhos quando a volta ao trabalho presencial ocorre sem a vacinação.

Considerações finais

Intimidade, com a licença poética, dedicarei essa conclusão à liberdade do desabafo. No presente, as escolas estão abertas recebendo os estudantes por meio da organização possível. Hoje, 6 de agosto de 2021, encerrou-se a primeira semana após o retorno presencial com o revezamento dos alunos. Nós, professoras e professores, recebemos uma formação sobre o novo ensino médio. Mais um dia em que, com nosso interior abalado, não encontramos forças para pedir tempo, espaço, calma. As informações mudam de um dia para o outro e meu respiro é escrever, pintar, dançar, enfim, articular minhas expressões. Para Larossa:

No entanto, há vezes em que um livro, ou um filme, ou uma música nos faz olhar pela janela e, aí, na paisagem, tudo parece novo; ou nos faz pensar em alguém e, de repente, sentimos mais nitidamente sua presença; ou simplesmente faz nos determos um momento e nos sentirmos, a nós mesmos, de uma forma particularmente intensa. E a paisagem, ou a pessoa evocada, ou nós mesmos, estamos nessa escrita palavra-por-palavra, quase ao pé da letra. E, todavia, não é que tudo isso esteja aí exatamente descrito. O que ocorre,

Educação em tempos de pandemia

melhor dizendo, é que aí está a imagem interior das coisas e das pessoas. E o ponto justo de silêncio e de vazio para que essa imagem interior possa renovar-se uma-e-outra-vez. (LARROSA, JORGE. 2013, p. 49)

Concluo com o silêncio, um minuto em respeito a todas as vidas perdidas pelo descaso, e o tempo necessário para que os leitores deste ensaio e dos outros artigos que compõem este livro permitam-se ser transpassados pela escrita aqui apresentada. No íntimo, habitam nossas emoções que nos levam às ações no mundo coletivo. Portanto, para que esse diálogo do dentro e do fora respeite a vida, o livro *Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário* nos permite pensar que:

Finalmente, a arte tem o papel de tornar o mundo digno de ser vivido, reencantando-o, tornando-o um lugar não apenas de luta pela sobrevivência cotidiana, mas um lugar de imaginação criadora, de sonho e de utopia. É fundamental reafirmar a importância da arte como impulso transformador de pessoas portadoras de uma nova visão do ser humano, capaz de elevar a sua autoestima, de humanizar e emancipar o espírito. Enfim, de contribuir para o aprimoramento das pessoas e das sociedades. (FARIA e GARCIA 2002, p. 58)

Referências

BEZERRA, N. P. X.; VELOSO, A. P.; RIBEIRO, E. Resignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 323917, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v2i3.3917.

CARNIELO, Laura Marisa; SANTANA, Alan. Entre a pandemia e o pandemônio: uma reflexão no

Educação em tempos de pandemia

campo da educação. Revista EDUCAmazônia, 2020.

COMOLI, Eliane; CANTO, Karen. Pandemia impacta mais a vida das mulheres. Notícias Unicamp. 18-AGO, 2020. Cultura e Sociedade, LAB-19. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>. Acesso em: 09 ago. 2021.

FARIA e GARCIA. Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo, Instituto Pólis, 2002. 108p. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, v. 1)

LACERDA, Maria. A mulher é uma degenerada 4ª edição comentada. São Paulo: Tenda de livros, 2018. Edição fac-símile(1932).

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas/ texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5. ed.; 1. reimp.- Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2013.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis, Vozes, 2011.

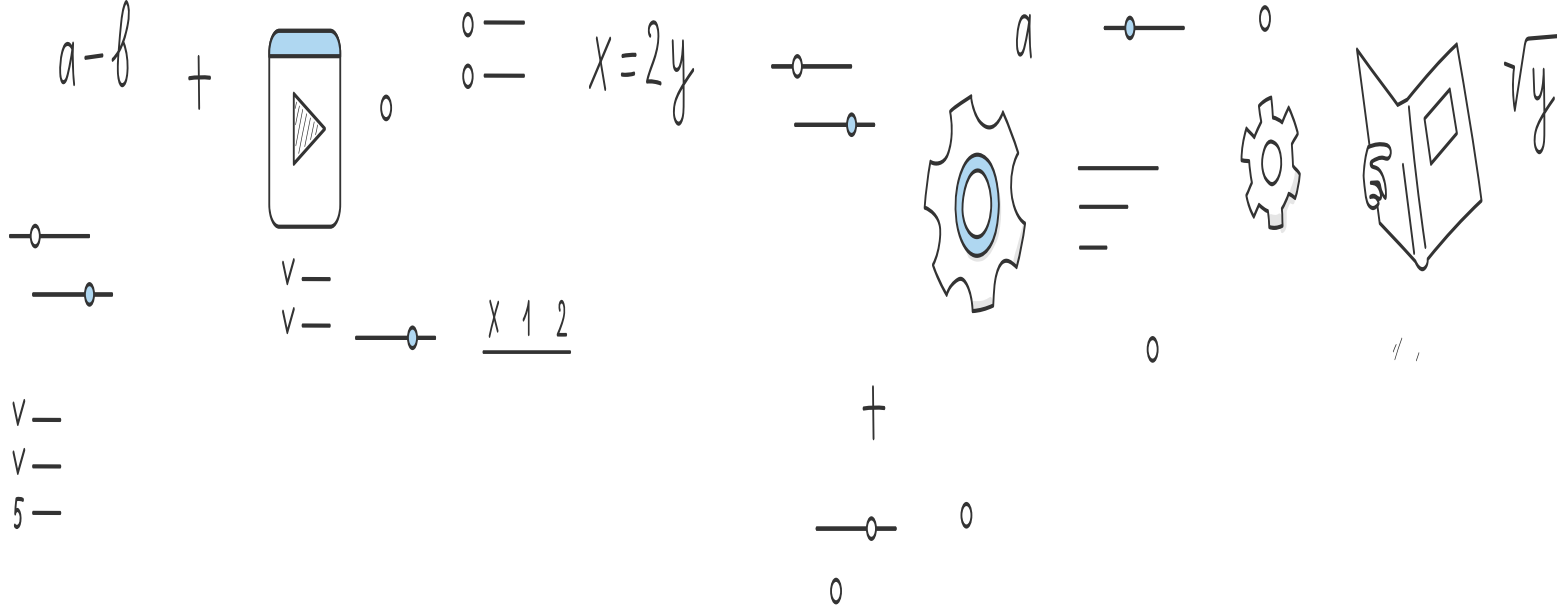
Pandemias e pandemônio no Brasil [livro eletrônico]. Organizadores: Cristiane Brandão Augusto, Rogerio Dultra dos Santos; ilustrações Rodolfo Carvalho, -1. ed.-São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

REZENDE, Júlio; JACOB, Karina; SILVA, Cacilda; MARQUES, Bianca. Educação básica pública em tempos de pandemia: um ensaio sobre a garantia da igualdade no acesso à educação. Única Cadernos Acadêmicos. Vol. 3. n. 1 (6). Disponível em: <http://co.unicaen.com.br:89/periodicos/index.php/UNICA/article/view/173/0>. Acesso: 09 ago. 2021.

SOUSA, Fabrício; ARAÚJO, Ivaldinete. Educação, direito à vida e as pandemias da contempora-

Educação em tempos de pandemia

neidade. Conedu-VII Congresso Nacional de Educação. Educação como (re)Existência, mudanças, conscientização e conhecimento. Outubro de 2020.



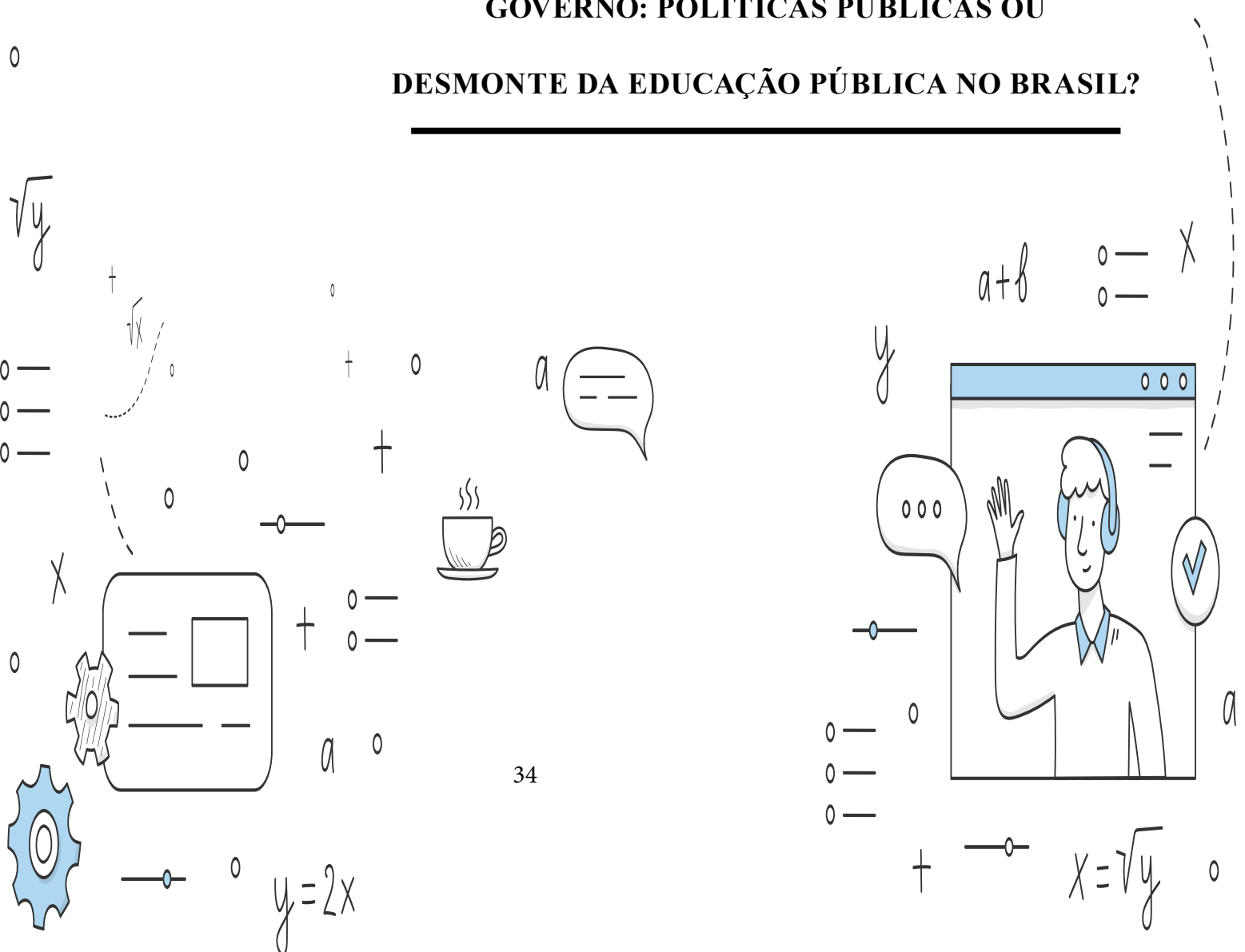
Capítulo

3

OS OBJETIVOS ANTIEDUCACIONAIS DO ATUAL

GOVERNO: POLÍTICAS PÚBLICAS OU

DESMONTE DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL?



OS OBJETIVOS ANTIEDUCACIONAIS DO ATUAL GOVERNO: POLÍTICAS PÚBLICAS OU DESMONTE DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL?

Ana Paula Câmara¹

“Não se pode falar de educação sem amor”

Paulo Freire

Introdução

O Brasil, nos últimos três anos, transformou-se em publicidade ideológica. As bancadas, olavista e religiosa, surgiram com a tônica dos princípios de bons costumes das famílias de “bem”. E nesses princípios, os que pensam diferente são ditos como “imorais”, “comunistas” ou “esquerdopatas”. Esses adjetivos e muitos outros neologismos foram surgindo trazendo à tona toda maldade imbuída em falácias dos que se dizem “corretos”.

Nesse âmbito uma das áreas mais afetadas é a educação, ou melhor, os professores, que incansavelmente lutam por seus direitos, e, sobretudo, pelo respeito às diferenças. Afinal, esse é o nosso lema! Pelo menos dos que repudiam tais atitudes preconceituosas advindas desse governo.

Nesse embate político cresce o ideal de educação para eles: o desmonte da educação levada a rodo com o fechamento do MEC. Basta observarmos os ministros que já sentaram na cadeira. Todos possuem o mesmo discurso plastificado de que a educação no Brasil precisa de reformas, a começar pela retirada do patrono da educação, Paulo Freire.

A educação básica é a que mais precisa de atenção, pois são logo nos primeiros anos da educação escolar que iniciamos nosso processo de formação, ao mesmo tempo que nos tornamos cidadãos ou cidadãos e, como resultado, passamos a entender nossa posição na sociedade, nossas responsabilidades, ou seja, nossos direitos e deveres.

¹ Professora de Língua Portuguesa e mestranda em linguística na UFSC.

Educação em tempos de pandemia

Sob esse ponto de vista, podemos considerar, então, a educação como base sólida de uma estrutura ascendente que abarcaria o indivíduo em sua totalidade, transformando-o num ser ativo, social e politicamente preparado.

Porém, o que vivenciamos hoje é um retrocesso de um trabalho de anos, debruçado à luz de muitas lutas incansáveis e prementes, as quais a escola está perdendo o espaço do debate, da democracia e, sobretudo, do respeito, ficando à mercê desse embate.

Dessa forma, pensar em melhorias na educação, no atual governo, é assunto que não faz parte do “alcorão” das bancadas conservadoras.

Neste texto, portanto, faremos uma análise do atual governo, no que diz respeito às políticas públicas direcionadas à educação, sob a luz de depoimentos de mais duas professoras da educação básica, sob os subtítulos: “Os educadores em meio as dificuldades” - reflexões da professora Évelyn Koerter – e, na sequência, “A educação está esquecida” - depoimento da professora Maira Cabral e Silva.

E, por fim, essa reflexão encerra-se com algumas considerações finais.

Uma breve reflexão desde o início: as eleições

O ano de 2018 já mostrou o que provavelmente teríamos nos próximos anos na educação, pois estava mais do que evidente que o futuro governo não olharia a educação como um sistema diversificado e humanitário, mas como estratégia de sua propaganda ou de sua concepção de mundo, diminuindo, portanto, a participação do Estado na área.

Dessa forma, estamos diante de um governo centralizador e autoritário, o qual dita as regras à sua maneira.

Ademais, o Ministério da Educação transformou-se em palco de guerra ideológica do presidente, como cita (CALLEGARI, 2019) em entrevista à Carta Capital.

Educação em tempos de pandemia

A perseguição aos professores, que são acusados de promover o “Marxismo cultural” nas escolas, junto aos cortes orçamentários na área educacional traduzem a visão do governo.

Em sua primeira apresentação na Câmara dos deputados, o então Ministro da Educação, na época, faz declaração sobre o salário dos professores: “O piso nacional é importante, mas gera pressão fiscal em Estados e Municípios, precisamos buscar uma nova solução” (Ministro Abraham Weintraub, 2019, p. 39), solução que até agora, 2021, ainda não chegou. Ou seja, investir na educação pública não é projeto desse governo.

Dessa forma, pensar em priorizar o setor, em meio aos objetivos antieducacionais do atual governo, é, sobretudo, desafiador para a educação em razão do que observamos.

Isso tudo já se inicia com a PEC da morte, a emenda 55 agora intitulada. Aprovada definitivamente em 2018, ela congela em 20 anos os investimentos na educação e saúde que subjaz num impacto negativo para as áreas, uma vez que impossibilita investimentos, conforme Alessi para o El País:

Os críticos afirmam que a PEC irá colocar limites em gastos que historicamente crescem todos os anos em um ritmo acima da inflação, como educação e saúde. Além disso, gastos com programas sociais também podem ser afetados pelo congelamento. Segundo especialistas e entidades setoriais, esta medida prejudicaria o alcance e a qualidade dos serviços públicos oferecidos. Especialistas apontam problemas para cumprir mecanismos já em vigor, como os investimentos do Plano Nacional de Educação. Aprovado em 2014, o PNE tem metas de universalização da educação e cria um plano de carreira para professores da rede pública, uma das categorias mais mal pagas do país.

Uma vez que a educação pública sempre fora um setor sensível no Brasil, com índices de desigualdade social e defasagem, principalmente na educação básica, provavelmente teremos longos

Educação em tempos de pandemia

anos de atrasos ainda mais acentuados e, conseqüentemente, a desmotivação dos professores aumentará sobremaneira, afetando inclusive os cursos de graduação no Brasil. Quem quererá ser professor em meio a tanto retrocesso? Eis uma questão para reflexão!

Ademais, deixar de investir na educação nos graus necessários, como previstos no PNE, durante esse período de vigência da emenda, é desaproveitar as gerações que serão economicamente ativas, ao longo desse tempo, a terem uma baixa qualificação.

Importante destacar que, governos que não investem na educação do país vão contra as leis que a regem. Dessa forma, vale lembrar aqui a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), documento esse que confere, em seu artigo 67, a redação: “Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público [...]”. No artigo, são relatados, portanto, os elementos que regem a valorização do magistério, incluindo piso salarial, progressão funcional, aperfeiçoamento continuado e condições adequadas.

Assim sendo, a LDB, como norteadora de leis concernentes à educação, visa a responsabilidade do governo federal no sentido de normalizar programas que viabilizem ao magistério todas as garantias para um melhor funcionamento da educação, principalmente no que diz respeito à formação docente, valendo-se do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério.

Os educadores em meio às dificuldades

Para a professora Evelyn Koerter, nós, professores, temos a responsabilidade de tratar dos conhecimentos acumulados pela humanidade, mas isto sempre à luz das questões atuais, o que nos requer um mínimo de criticidade para bem cumprir essa tarefa. Portanto, analisar o papel desempenhado pelo chefe do estado de nosso país, no momento mais crucial de nossa contemporaneidade,

Educação em tempos de pandemia

torna-se uma tarefa dúbia, pois enquanto somos educadores, dotados de conhecimento e criticidade, a leitura do momento atual torna-se evidente, óbvia, visto que os fatos enumerados comprovam a postura política do atual governo. Podemos citar aqui a pandemia, o negacionismo que transita do Brasil hoje, advindo de embates ideológicos, os quais estão diretamente ligados ao legado do atual governo.

Dessa forma, torna-se uma tarefa um tanto complexa para o educador analisar não apenas os gritantes erros com os quais temos sido obrigados a conviver, como as fatalidades diante da posição débil adotada, mas em refletir suas repercussões a curto médio prazo, tais como, compensar quais políticas deveriam ser tomadas para diminuir o abismo que se aprofundou entre os educadores que tiveram acesso contínuo aos estudos, e aqueles (principalmente estudantes de escola pública) que desprovidos de ferramentas e apoio não puderem efetivar seus estudos de forma minimamente satisfatória?

Outro ponto que Koerter considera importante é: que modelo “exitoso” de sociedade estamos construindo, uma vez que nos permitimos banalizar tanto a vida?

Para a professora Evelyn Koerter, as instituições de ensino devem promover reflexões sobre a importância do viver bem e de se lidar com questões emocionais que envolvem a saúde comum e planetária, a empatia e, conseqüentemente, a felicidade. Porém, não é o que ocorre atualmente e isso demonstra a falência de boa parte de nosso sistema educacional. Afinal, estamos educando as pessoas para quê?

Enfim, pensamos que não é ponto de debate o papel desempenhado pelo presidente Jair Bolsonaro, pois está mais do que escancarado. Mas visto ao ponto que chegamos e os prejuízos resultantes da postura de “amigo da morte”, importante fazermos alguns questionamentos: como, por meio de educadores já tão assoberbados que somos, poderemos ainda encontrar formas de minimizar os desgastes na aprendizagem os quais aprofundam o abismo social? E como repensar esse modelo de sociedade que banalizou tanto a vida? Tarefa difícil, não é? Mas sigamos fortes!

A educação está esquecida

Para a professora Maira Cabral e Silva, a educação, neste governo, está defasada e esquecida. Segundo ela, em nenhum momento, um governo pode pensar em tirar ou reduzir o orçamento da educação como o atual governo está fazendo. O investimento na educação é primordial e, portanto, investir em políticas públicas para o setor é, sobretudo, um ato de valorizar o crescimento educacional do país. Porém, não é o que vemos atualmente, pois não há mais investimento em ciência, pesquisa; programas foram extintos e muitos pesquisadores perderam bolsas de estudos. Isso é um retrocesso, e não vemos sinais de nada que indique investimento na área. Triste realidade.

Considerações Finais

A Constituição Federal de 1988, em seu capítulo III, no artigo 205 e subsequentes, menciona os direitos sociais aos cidadãos, como educação e saúde de qualidade, todavia, o Poder Executivo não efetiva esses direitos. Consoante Darcy Ribeiro, no livro “Educação como prioridade”, “a crise da Educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”. Logo, se observa que essa prioridade encontra-se deturpada no Brasil à medida que os investimentos concernentes para a educação não estão presentes e tampouco fazem parte do propósito do atual governo.

Indubitavelmente, esse descaso e a precariedade de recursos destinados à educação pública faz com que os professores sintam-se desmotivados, como podemos observar nas declarações das docentes Evelyn e Maira, quando citam que a educação está esquecida e que há um abismo social muito grande, visto que a desigualdade social vem crescendo nos últimos anos, afetando sobremaneira todas as áreas, dentre elas, a educação.

Portanto, investimentos são necessários para a educação a fim de diminuir o hiato que se arrasta há anos e que com o atual governo só aumentou, porquanto os que estão no poder não veem a

Educação em tempos de pandemia

educação como pauta prioritária para o desenvolvimento do país, desnortando, assim, os caminhos que levam a uma educação de qualidade, humanitária e igualitária a todos os brasileiros, conforme preconiza a nossa “Constituição Cidadã”. Por fim, porque escola é lugar de ciência e, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Paulo Freire.

Referências

ALESSI, Gil. Entenda o que é a PEC 241 (ou 55) e como ela pode afetar sua vida. Artigo publicado na Revista El País. São Paulo, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Seja um professor. S.d. Disponível em: <http://sejaumprofessor.mec.gov.br/> Acesso em: 20 maio 2021.

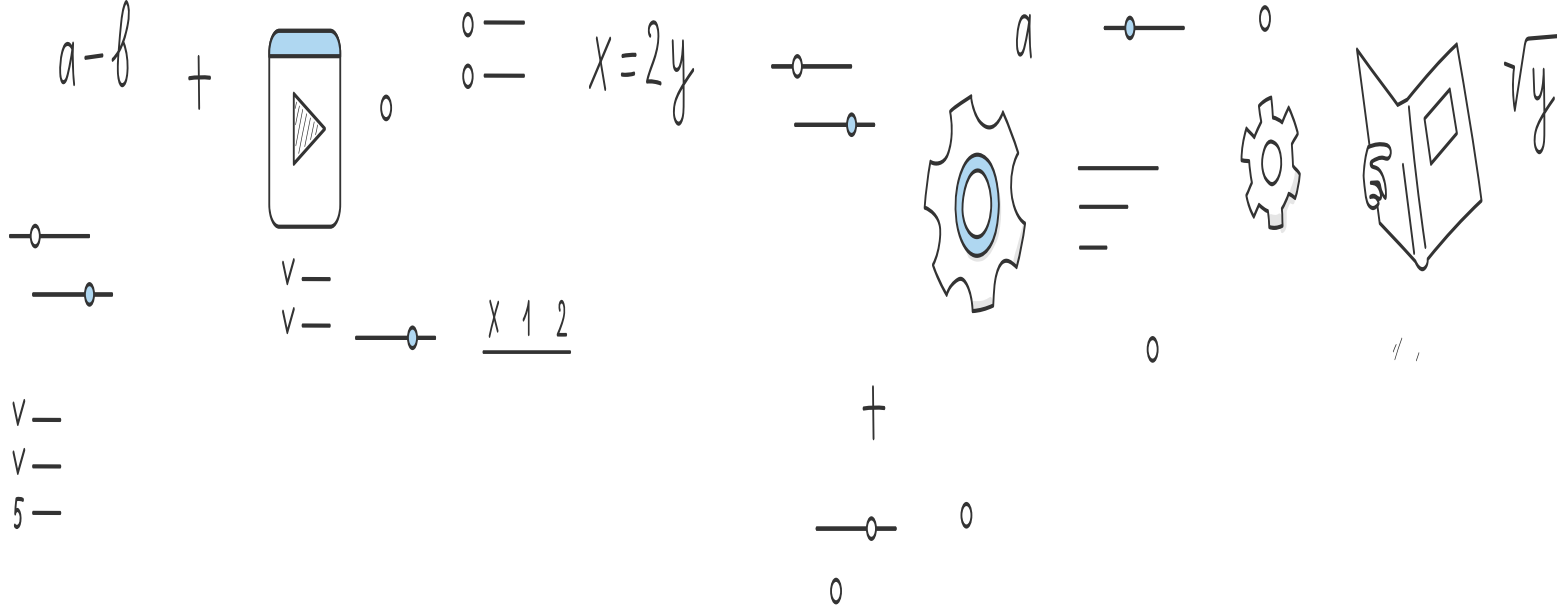
BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira> Acesso em: 25 mai. 2021.

BRASIL. Disponível em: <http://appl.sefaz.mt.gov.br/Sistema/legislacao/constituicaoof.nsf/0/50f7cf20004080bd0325675400673318?OpenDocument> Acesso em: 11 out. 2021.

Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/callegari-o-projeto-e-o-desmonte-da-educacao-publica/> Acesso em: 20 maio 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed.: Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1994.

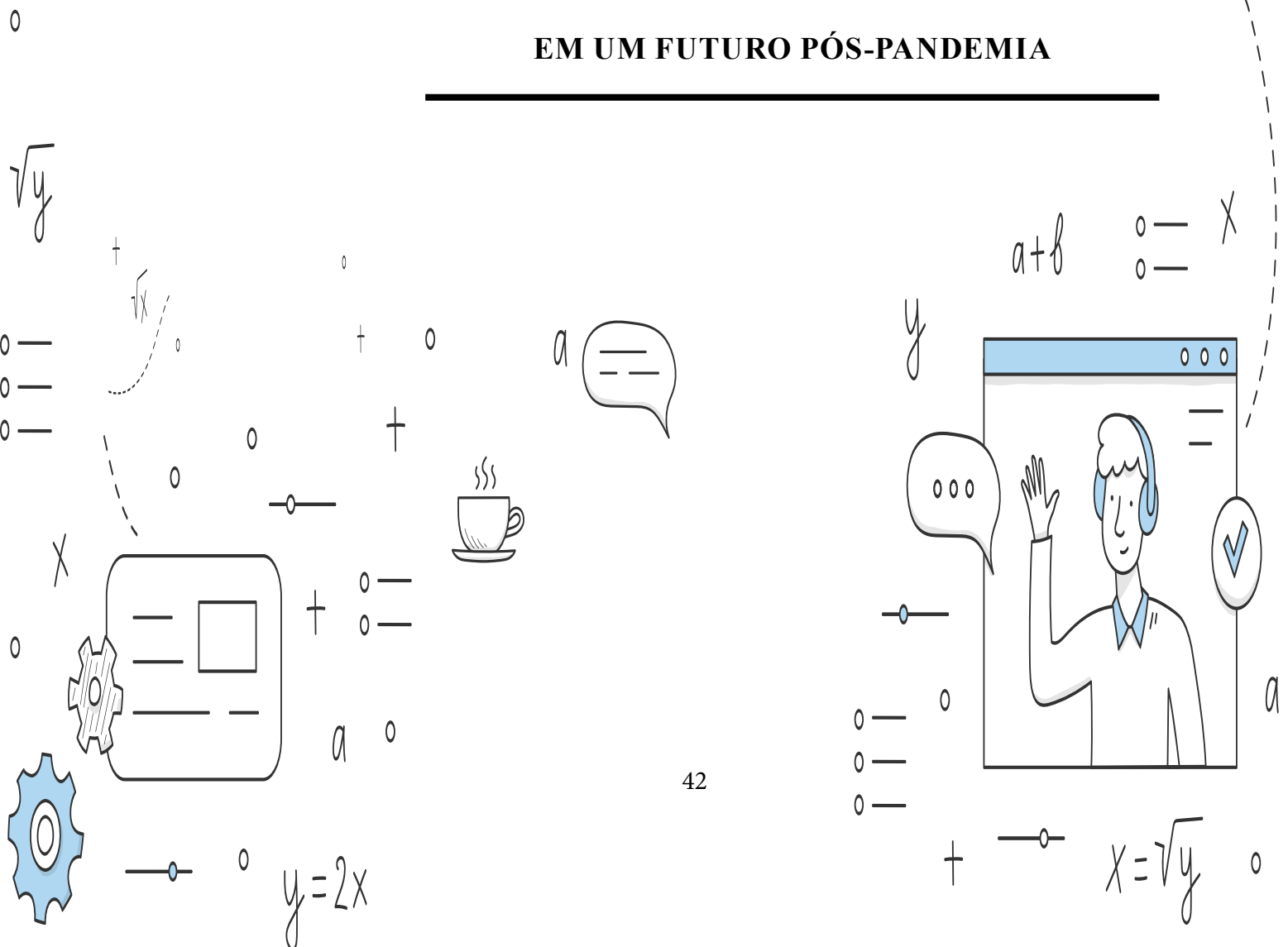
RIBEIRO, Darcy. Educação como prioridade. 1ª ed.: Global. Rio de Janeiro, 2018.



Capítulo

4

METODOLOGIA HÍBRIDA NO BRASIL: UMA ANÁLISE INCLUSIVA PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UM FUTURO PÓS-PANDEMIA



METODOLOGIA HÍBRIDA NO BRASIL: UMA ANÁLISE INCLUSIVA PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UM FUTURO PÓS-PANDEMIA

HYBRID METHODOLOGY IN BRAZIL: AN INCLUSIVE ANALYSIS FOR PEDAGOGICAL PRACTICE IN A POST-PANDEMIC FUTURE

Elton Magalhaes Vidal

Introdução

O século XXI nos fez refletir muito sobre o nossa postura e pensamentos. Com isso, também nos ajudou a fazer muitas releituras e encarar inúmeros desafios, sobretudo na educação, quando no início de 2020, esse foi arrebatado pela pandemia. A COVID-19 assolou o mundo e não só o distanciamento social passou a ser necessário, mas também a forma e formato de se pensar a educação, que há muito tentava se desvencilhar dos métodos tradicionais. Estes resistiam avidamente e se faziam presentes nas lousas de todas as salas de aulas do Brasil.

As escolas particulares, mesmo com uma estrutura incipiente, passaram a ofertar uma educação a distância com aulas remotas, e poucas instituições de ensino ofertaram, de fato, o ensino na modalidade híbrida. Apesar disto, as instituições privadas tentaram colocar os seus “personagens” em um “cenário” privilegiado, como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos” FREIRE (2001, p.46), que são capazes, e ainda no discurso de FREIRE (2001, p.46), de “assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto” de um aprendizado, que neste momento passa a ser dinâmico e ativo.

Por outro lado, as escolas municipais e estaduais enfrentaram dificuldades homéricas, citando quatro. Quais sejam: as dificuldades em manusear as ferramentas tecnológicas, sendo este um

Educação em tempos de pandemia

despreparo tanto dos docentes quanto dos discentes; a falta do acesso à internet, principalmente nas zonas rurais e periférica das cidades; a dificuldade financeira para manter ou utilizar os meios tecnológicos; e a resistência na quebra de paradigmas oriundos, sobretudo, da cultura social e local de cada um dos envolvidos neste novo contexto.

Começamos o ano de 2021 diante de uma segunda “onda” pandêmica da COVID-19, mas com o início das campanhas de vacinação. Até o momento, há poucas possibilidades de retorno às aulas presenciais em algumas capitais do Brasil e saber lidar com a educação híbrida será necessário, em especial, em um sistema capitalista frágil, famigerado e em crise. Se a esperança dos menos favorecidos está na educação, que a reestruturação do sistema comece por aqui e que se adote a educação híbrida de fato nesta nova escola pós-pandemia.

ANÁLISE DA EDUCAÇÃO HÍBRIDA NO BRASIL EM ÉPOCA DE PANDEMIA

Entende-se por hibridação, a intercalação, a utilização das tecnologias nas práticas do aprendizado, cujo objetivo é explorar e aproveitar melhor todas as competências e autonomias desenvolvidas por alunos. Com a adoção da educação híbrida observa-se que “aos poucos a sala de aula irá se tornar um lugar de começo e de finalização de atividades de ensino/aprendizado, intercalando como outros tempos, em que frequentaremos outros ambientes”. (MORAN, 2007, p. 94).

É percebido que alguns docentes brasileiros, tanto de escolas públicas quanto particulares, que fazem parte de gerações anteriores à década de 80, tendem a apresentar dificuldades com o manejo das ferramentas tecnológicas e muitos não se sentiram preparados para fazer uso da metodologia híbrida de aprendizagem. Ledesma (2010), em seus estudos, sugere alguns cuidados que devem existir entre as aulas “on-line” e as “aulas presenciais”, para que os docentes possam colaborar com a construção da aprendizagem dos alunos. Para Levy:

Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam

Educação em tempos de pandemia

continuamente tanto seus saberes “disciplinares” como suas competências pedagógicas. (A formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e à distância). (LEVY,1999 p.157).

É bem verdade que, no papel de mediador, o docente não é o detentor do conteúdo. Ele aprende cada vez que orienta o aluno na realização de uma atividade autônoma. Essa prática revela a necessidade e importância da aprendizagem continuada para o docente, que ao ser estimulado a adotar esse método, sente-se “incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus alunos.” (LEVY 1999, p.158).

Segundo SANTOS (2011, p.9), desde 2011, muito facilmente se via, em meios virtuais, situações que preconizavam a prática da metodologia híbrida. Entretanto, ainda traziam materiais didáticos tradicionais, sem adaptação a essa nova realidade e não foi diferente no ano letivo de 2020 no Brasil. Com a necessidade de isolamento social houve uma maior adoção de ferramentas, via tecnologias, que favoreceram o contato entre o docente e o discente, os quais encontravam-se em quarentena. Entretanto, pouco se abraçou o modelo híbrido e se tendenciou ao ensino remoto, já criticado em 2011 e que trazia para o ambiente virtual o mesmo modelo de aulas presenciais. Tal prática foge à proposta dessa educação inovadora, pois as aulas remotas não trazem a proposta junto a um objeto de aprendizagem que dê a este a autonomia do conhecimento significativo e permanente. Apenas se transfere as aulas presenciais com todo o seu conteúdo e abordagem para ambientes e plataformas tecnológicas.

Toda ruptura paradigmática traz consigo medos e incertezas. Para ANDREA CECILIA RAMAL existe uma única certeza: a de que

(...)o computador vai substituir o professor. Estou falando, é claro do professor transmissor de conteúdo, parado no tempo, aquele das conhecidas fichas que serviam para todas as turmas, ano após ano, aquele que pensava que, mesmo

Educação em tempos de pandemia

apresentando as coisas de maneira maçante e tradicional, trazia novidades para as pessoas que não sabiam quase nada. Essa transmissão de dados passará a ser feita pelo computador de um modo muito mais interessante: com recursos de animação, cores e sons; o aluno terá papel ativo, buscando os temas em que deseja se aprofundar. Algo excluído há muito tempo do currículo entrará na escola: a própria vida do estudante. Então caberá a nós reinventar a nossa profissão. (RAMAL, 2000, p.1).

A autora nos revela uma triste realidade: a de que, sem a aprendizagem continuada, o professor transforma-se em um profissional obsoleto para esta nova geração conectada de alunos. Estes encontram, na tecnologia, interesses muito maiores do que os momentos de aulas morosas e unilaterais vivenciados presencialmente em sala.

Faz-se necessário o despertar para as necessidades da “nova escola” que, com o advento das questões sanitárias, impulsionou os alunos, docentes, instituições de ensino e os poderes executivos, legislativos e judiciários a buscarem por uma ascensão tecnológica a ser explorada pelos personagens que compõe a escola. Para LEVY, ainda há uma

Grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução dos custos como no do acesso à educação, não é tanto a passagem do “presencial” à “distância”, nem do escrito e do oral tradicionais à “multimídia”. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada de saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências. (LEVY, 1999, p.172).

Para que a escola possa cumprir seu papel na promoção de ações pedagógicas que contribui-

Educação em tempos de pandemia

rão para disrupção dos modelos curriculares tradicionais, MORAN e BACICH (2015, p.03) propõem a integração entre a sala de aula e ambientes virtuais. Essa prática, segundo os autores, abrirá a escola para o mundo e trará o mundo para dentro da escola, desde que os processos de comunicação possam ser mais planejados, formais, fechados e, concomitantemente, conversem com outros mais abertos, devendo tal prática estar atenta tanto ao aprendizado individual quanto ao coletivo. Deve apresentar caminhos progressivos, porém com modelo curricular que mantém a adoção das disciplinas. Deverá haver também um segundo modelo, com características mais dinâmicas, o qual será explorado em redes sociais e conterá imagens, ideias e vídeos contextualizados ao tema proposto. Com esse modelo, a interação dos alunos será mais consciente, porém sua comunicação mais fluida e dinâmica.

Considerações finais

As autoridades responsáveis pela educação, seja ela básica ou de ensino superior, neste exato momento, precisam começar a entender o papel da escola do século XXI, assim como a realidade que assume o professor mediador. O termo “mediador”, já conhecido, fortalece a ideia do ser gestor das situações educativas que conduzirão os alunos à realização de objetos de aprendizagem e, como todo indivíduo em formação, passam a assumir a função de cidadãos conectados e em permanente atividade de aprendizado. (SANTOS, 2011, p.11). É necessária uma análise da política educacional pública e privada pautada na formação continuada dos docentes e aberta a discussões sobre a adaptação do modelo híbrido de aprendizagem nas escolas, sobretudo em um futuro próximo pós-pandemia. No entanto, para que essa mudança pedagógica se concretize serão necessárias soluções capazes de ampliar os esforços pedagógico dos professores e formadores. As autoridades competentes devem capacitá-los para utilização de recursos e técnicas de aprendizagem que estimularão o aluno a resolver estudos de caso e a tratar essas resoluções em sala de aula: fomentando os debates, resoluções de questões práticas, elaboração e desenvolvimento de pequenos projetos, dentre outras questões, que

serão trabalhadas após análise da vivência, limitações e recursos disponíveis, não só em sala de aula, mas nas casas dos alunos envolvidos.

Referências

BACICH, L., MORAN, J. Aprender a ensinar com foco na educação híbrida. Revista Pátio, n. 25, junho, 2015, p. 45-47. Disponível em: <http://www.grupoa.com.br/revistapatio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-naeducacao-hibrida.aspx>. Acesso em: 11 mar. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LEDESMA, M. R. Evolução histórica da educação brasileira: 1549-2010. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2010.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. LÉVY, Pierrel. Cibercultura, Trad. Carlos Irineu da Costa, 1ª edição, 1ª Reimpressão, São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. O Que é o Virtual, Trad. Paulo Neves, 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 1996. E-book, disponível em <http://blogmidia8.com/2010/03/dica-literaria-o-que-e-o-virtual-de.html>, acessado em

Educação em tempos de pandemia

24/10/2020 às 18:10.

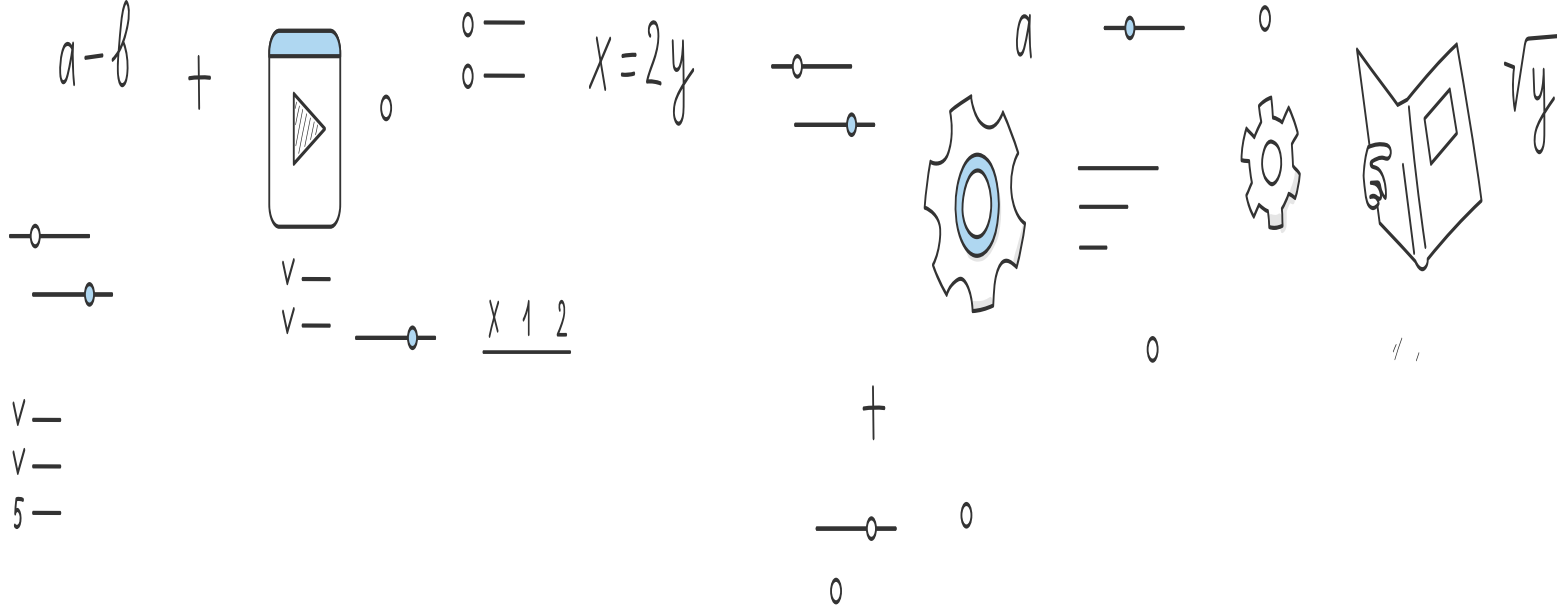
MORAN, J. M. A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá. Campinas, Papirus, 2007.

..... Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, Papirus, 19a ed., 2012.

RAMAL, Andrea Cecilia. O Professor do Próximo Milênio, In: Revistas Aulas e Cursos, Disponível em: http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0018.htm Acesso em: 09 ago.2020.

SANTOS, Gilberto Lacerda. Ensinar e Aprender no Meio Virtual: Rompendo Paradigmas, Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.2, p. 307-320, mai./ago. 2011.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.



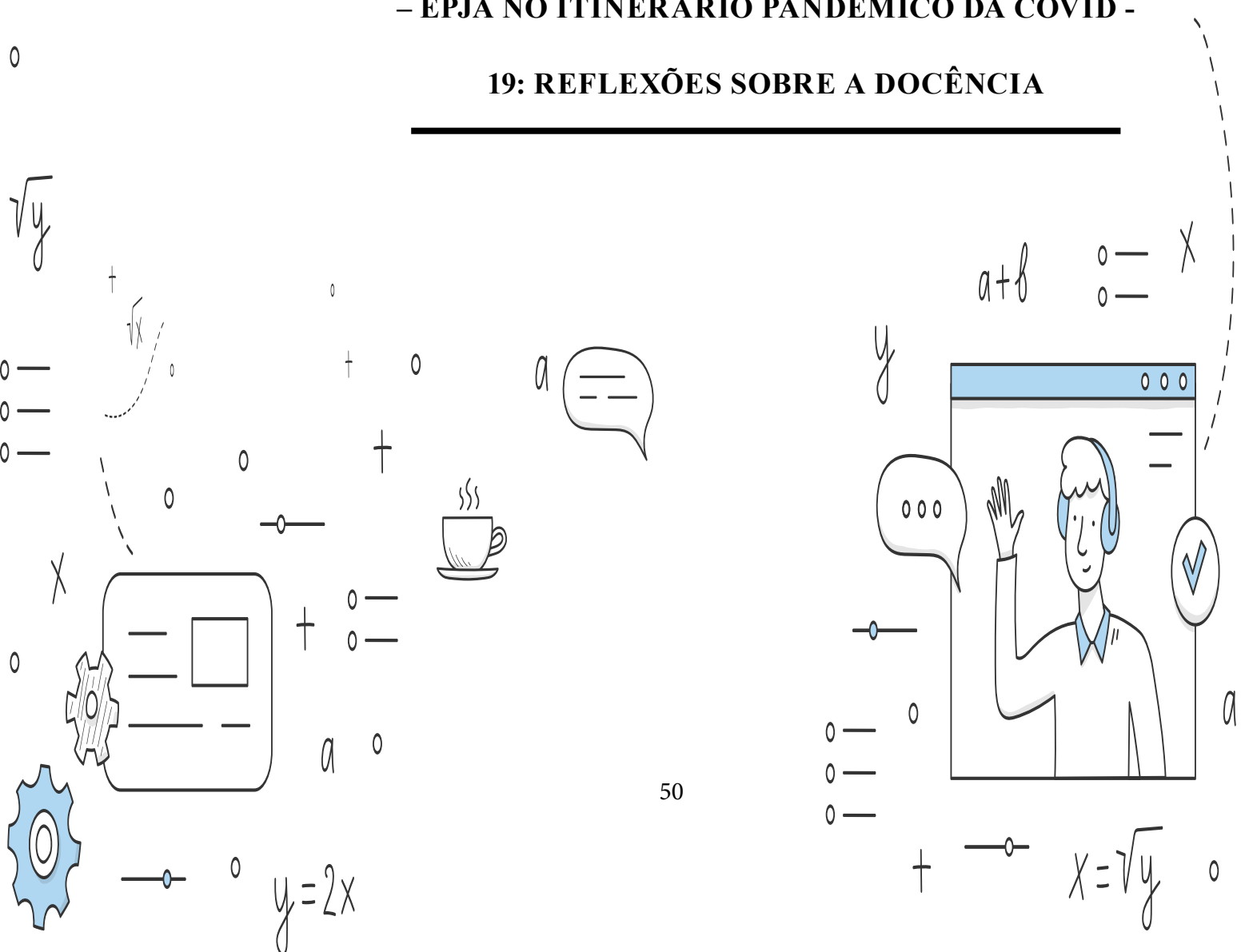
Capítulo

5

EDUCAÇÃO PARA PESSOAS JOVENS E ADULTAS

– EPJA NO ITINERÁRIO PANDÊMICO DA COVID –

19: REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA



**EDUCAÇÃO PARA PESSOAS JOVENS E ADULTAS – EPJA NO ITINERÁRIO PAN-
DÊMICO DA COVID - 19: REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA**

**EDUCATION FOR YOUNG AND ADULT PEOPLE - EPJA IN THE COVID-19 PANDE-
MIC ITINERARY: REFLECTIONS ON TEACHING**

Oseias Lima da Silva¹

Edinólia Lima Portela²

Introdução

O mundo foi ressignificado frente aos desafios incorporados pela crise sanitária da expansão do vírus denominado COVID-19, que originalmente surgiu na cidade chinesa Wuhan, no fim de 2019, mas expandiu-se de forma rápida atingindo todo o planeta, o que foi algo inédito para o mundo contemporâneo. Nesse sentido, com o objetivo de diminuir os impactos do vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou, em março de 2020, que se vivia uma pandemia, estipulando orientações na tentativa de amenizar as infecções, sendo o isolamento social uma das primeiras alternativas que redefiniu o modo de vida em vários aspectos, dentre eles, a educação. E novos desafios surgiram

1 Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Especialista em Educação de Jovens e Adultos - EJA pela Faculdade Única. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário - UNINASSAU. Graduando em Artes pela Faculdade da Venda Nova do Imigrante - FAVENI.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Integrante do grupo de Pesquisa: Escola Currículo e Formação Docente PPG em Educação/ UFMA. Autora de artigos sobre Educação de Jovens e Adultos, Avaliação de Programas. Integrante da Comissão de elaboração da Proposta Pedagógica de EJA do Estado do Maranhão, Membro do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Maranhão, Parecerista ad hoc das Revistas Entreideias/ FACED- BA, da Revista Educação e Emancipação PPG em Educação- UFMA e do Caderno Periódico do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas da UFMA.

Educação em tempos de pandemia

com a inserção de novos métodos de ensino.

Partindo desse cenário pandêmico, diversas alterações foram incorporadas para que adequações fossem desenvolvidas diante do cenário da Covid-19. Nesse aspecto, o Ministério da Educação (MEC) decretou, em meados março de 2020, a suspensão das atividades presenciais nas instituições de ensino na esfera federal. Com isso, estados e municípios adeririam ao decreto viabilizando as aulas remotas, que acontecem em plataformas, por aplicativos ou por meio de materiais elaborados, com o intento de dar continuidade ao trajeto educativo. Com esse novo modelo educacional, foi possível ver com mais clareza as desigualdades presentes no trajeto de escolarização dos sujeitos, até então, de certa forma camufladas.

No que se refere à Educação de Pessoas Jovens e Adultas- EPJA³, essa educação se destina prioritariamente a fortalecer a cidadania das mulheres e homens que dela precisam, a clarificação acerca dos direitos subjetivos e a vários outros direitos requeridos por meio da concepção de cidadania, inaugurada em meado do Século XX, o acesso aos bens socialmente produzidos, principalmente ao do trabalho. O que por sua vez, é uma tarefa desafiadora para os professores, dada as condições concretas de existência do nosso país, com tantas desigualdades sociais e econômicas, pois os sujeitos que frequentam a EPJA fazem parte dos estratos sociais mais baixo, dos trabalhos mais desumanos, inumanos, subumanos, dos contextos mais castigados pelo capital.

Frente à deflagração da pandemia, que exige um novo modelo de desenvolvimento de aulas, a problemática da EPJA se acentuou. Intentamos, por meio desse ensaio, fazer uma breve reflexão sobre as repercussões da pandemia Covid-2019, sobre as práticas educativas dos professores, especificamente apontar os desafios enfrentados por esses professores neste contexto pandêmico.

Por se tratar de um ensaio, percorremos a perspectiva bibliográfica, que de acordo com Gil (1996, p. 48), “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Desse modo, foi feita uma investigação teórica para alcançar dados para

³ Optamos pelo termo Educação para Pessoas Jovens e Adultas – EPJA acompanhando a tendência dos pensamentos latino americanos e dos documentos oficiais internacionais.

a compreensão da definição e atuação da modalidade em destaque e seu desempenho diante das restrições sanitárias no isolamento social, como também os antigos dilemas com novas facetas que até hoje são perpassados.

O método de abordagem foi o dedutivo que, em maioria, prediz a ocorrência dos fenômenos particulares (MARCONI; LAKATOS 2019). Dessarte, entendeu-se que esse método seria necessário para esta pesquisa. Quanto aos objetivos, é explicativa, pois, segundo Gil (2007), este tipo de investigação preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Entende-se que, estudos com essa abordagem tem a finalidade de promover ponderações e fomentos na ação docente, nesse sentido, favorecendo estímulos acerca da ascensão da função do professor enquanto mediador e facilitador do processo educativo. Concebe-se ainda ao trajeto de escolarização, a potencialização na formação cidadã, humana e para o trabalho, mas salienta-se que, em momentos inéditos como este, reafirma-se a relevância da ação docente no âmago educativo.

CONCEPÇÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação para Pessoas Jovens e Adultas - EPJA configura-se como uma modalidade da educação básica, tendo um público de jovens e adultos que não conseguiram acompanhar o percurso educativo na idade-série estipulado pelo sistema (BRASIL, 1996). Há um hibridismo no perfil desses alunos, em sua maioria, estudantes noturnos, oriundos do trabalho, que vivenciam cotidianamente as disparidades sociais presentes em cada espaço que frequentam, e tais desfalques contribuem negativamente para o rendimento no itinerário de escolarização, visto que os problemas sociais, econômicos, psicológicos e psicossociais adentram juntamente com esses alunos no âmago escolar.

Assegura-se a EPJA como um direito dos sujeitos que não foram oportunizados com o percurso de escolarização, tornando possível assumir uma postura de transformação; é um direito ao

Educação em tempos de pandemia

desenvolvimento de todos os alunos que contemplam esta modalidade de ensino. Assim, “Teimar em reduzir direitos a favores, à assistência, à suplência, ou a ações emergenciais é ignorar os avanços na construção social dos direitos, entre eles à educação de jovens e adultos” (ARROYO, 2005, p. 28).

Os impactos da pandemia da Covid-19 se expandiram na tessitura educacional, na Educação para pessoas Jovens e Adultas: houve uma expansão e demonstração do quão fragilizada é essa modalidade, pautando-se em seus desafios que são centenares; as desigualdades foram evidenciadas tanto no acesso quanto na permanência dos alunos no eixo escolar. Acrescentam-se as dificuldades que já se fazem presentes em tempos pré-pandêmicos: não há algo inédito. Infelizmente, há uma ampliação das desigualdades, evasão, carência na formação continuada, tecnologias educacionais e dentre tantos outros fatores que consolidam a inviabilização da educação para pessoas jovens e adultas.

Nessa conjuntura, tem-se uma visão da docência na modalidade evidenciada, um conjunto de ações que sofrem as arbitrariedades de um sistema capitalista, as ideologias dominantes influenciando e impactando os atos educacionais. Diante dessa perspectiva, reitera-se que nos pensamentos de Marinho (2020, p. 01) “Tudo isso é para dizer que não é de hoje que a EJA é secundarizada nas políticas públicas educacionais e também, nas prioridades reivindicativas da sociedade civil organizada em tempos de pandemia provocada pela COVID-19”.

Sobretudo, as abordagens pedagógicas devem se direcionar para formação do aluno para um processo de descoisificação e ressignificação dos sujeitos, outrossim, “dentro dessa perspectiva, torna-se fundamental uma prática pedagógica comprometida ética, política e esteticamente com a formação de sujeitos mais humanizados e que tenham consciência crítica sobre os seus fazeres no e com o mundo”. (JUNIOR et al, 2021, p. 05).

Seguindo esse pensamento, percebemos que aos professores da EPJA recai a exigência de serem educadores capazes de lidar com as diferenças inter-regionais, intergeracionais e ter a sensibilidade de saber explorar as relações sociais e a diversidade cultural desses alunos. Entendemos que a formação e a qualificação do professor podem contribuir para solucionar essa problemática, pois um

professor qualificado tem a possibilidade de enriquecer e de adequar o ambiente de aprendizagem às diversas situações que podem se impor.

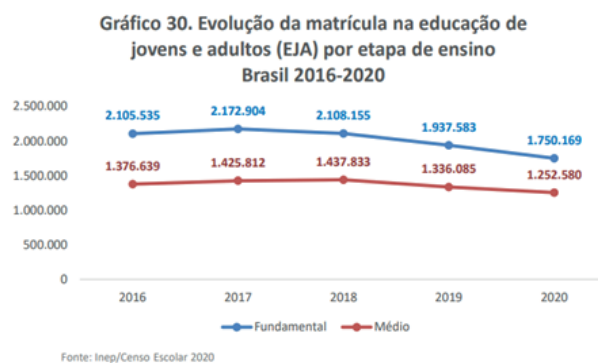
Diferente do processo educativo que, segundo Freire, o professor é o centro gerador de processos e materiais a serem disponibilizados aos educandos, autores como Pedroso; Macedo; Faúndez (2011), embasados, defendem que os ambientes de sala de aula precisam estar mais horizontalizados, democráticos, acessíveis aos educandos. Nesse contexto, o professor deve inserir, no seu fazer pedagógico, o sentido da colaboração, da participação, sempre abrindo possibilidades para um processo dialético entre os jovens, os temas, a realidade e a intermediação do educador, por isso mesmo que ensinar segundo a visão ainda de Freire (2013) exige ética, a eticidade a qual nos referimos está relacionada com as posturas contrárias à hegemonia do capital, que não aceita a ideia do fatalismo, das realidades dadas por um determinismo irreversível, que desconsidera a condição humana, a visão ontológica dos homens e mulheres que percorrem esses trajetos educativos.

Dentre as novas concepções de professor, tem sido muito difundida “aquele sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta” (TARIDIF, 2002, p. 230). Nesse aspecto, reiteramos que a pandemia ressignificou o ser e o fazer docente, uma vez que os desdobramentos nas ações educativas desses profissionais permitiram, mesmo frente aos desafios no curso da pandemia com aulas remotas, cadernos de atividades impressas buscaram manter todos os alunos, mas as dificuldades externas à escola, as discrepâncias sociais, no acesso a internet, aparelhos tecnológicos também foram barreiras que expulsaram esses alunos da escola.

Diante dos desafios enfrentados pelos alunos de EPJA no itinerário pandêmico, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), aponta-se o gráfico de evolução de matrículas dos últimos cinco anos. Destaca-se o número de matrículas em 2020, ano da pandemia, que foi inferior ao de 2019, com diferença de mais de 100 mil matrículas tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Nota-se que há nesse cenário uma inviabilização do

Estado em assegurar que alunos reingressem à escola.

Gráfico 01: número de matrículas na Educação de Jovens e Adultos dos últimos cinco anos



Fonte: Inep/Censo Escolar 2020

Constata-se ainda que, nos anos de 2019 e 2020 ficaram em queda, perante a um aumento consecutivo de três anos, havendo uma desaceleração significativa, visto que na modalidade já mencionada não há matrículas somente de adultos que estão fora da escola, mas de alunos que saem do ensino fundamental e médio por não conseguirem concluir na idade-série determinada pelo sistema. Em 2020, as matrículas tiveram uma queda de mais de 350 mil em relação a 2018. Logo, diante do cenário que se iniciou no ano anterior, a pandemia provocou tanto a evasão quanto a desistência de novos alunos.

Fragmentando ainda mais a organização educacional, os impactos da Covid-19 são perceptíveis: na EPJA, que tem como público jovens e adultos, os quais apresentam como barreira dificuldades de subsistência, optando pelas demandas do trabalho a fim de sanar necessidades oriundas das ausências de políticas públicas que não atendem direitos básicos. A Educação para pessoas Jovens e Adultas é uma modalidade que permite a formação do cidadão em vários vieses, permitindo que os sujeitos desse processo de escolarização consigam usufruir de oportunidades na qualidade de vida,

possibilitando ainda a atuação dos jovens e adultos como atores dinâmicos na construção de sua própria identidade e atuação social. (MACHADO et al, 2021 p. 03).

Perfil do alunado da EJA: a diversidade de desigualdades

A diversidade na Educação para pessoas jovens e adultas está pautada principalmente na variação das injustiças com as quais eles convivem corriqueiramente, no seio da sociedade capitalista, deixando-os subalternos, provocando ainda a não inquietação, a quietude, a inércia, e permitindo que os adultos trabalhadores, negros, jovens desempregados sintam-se conformados com condições inumanas de existência. Sendo nesse viés, as irregularidades na legitimação da modalidade em destaque é um fenômeno histórico: as práticas educacionais são desafiadas frente aos contextos desregulares das políticas de implementação e manutenção da EPJA.

Os adultos, os jovens, os sem-terra, os desassistidos, os negros, as mulheres, as mães, são os perfis que sempre estiveram presentes nas salas de EJA; são retratos conhecidos, com histórias similares e, apesar da diversidade, esses alunos são muito semelhantes quando partem de realidades que desfavorecem sua existência, negando-lhes os direitos; são histórias que se aproximam quando o professor busca relacionar as experiências desse alunado com as abordagens didático-pedagógicas; são alunas e alunos que se configuram no rol das desigualdades, injustiças.

Os alunos da EPJA têm características similares aos das décadas passadas, mas apesar de se viver a pós-modernidade, as problemáticas foram perpetuadas com veemência até os dias atuais. Dessa forma, nos apoiamos à luz de Arroyo (2017) ao enfatizar que as lutas dos alunos sem reconhecimento, sem assistência, sem consistência na cidadania, essa que outrora fora fragilizada quando os direitos básicos de existência lhes foram negados, e que tais estudantes do passado e atuais direcionam-se nas mesmas ações, movimentam-se na busca por condições de vida mais satisfatórias, embora sejam direcionados em casos não tão atípicos pelas exigências do mercado de trabalho, porém

Educação em tempos de pandemia

esse retorno para à escola necessita ser explorado para que não se formem apenas trabalhadores, mas cidadãos-críticos trabalhadores, cidadãos-questionadores.

Nessa tessitura, no intuito de discorrer as características dos estudantes que em sua maioria são frequentadores de salas noturnas, de acordo com o documento Base Nacional - Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, publicado no dia 28 de março de 2008, pontua que:

Pensar sujeitos da EJA é trabalhar com e na diversidade. A diversidade se constitui das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros – mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afrodescendentes, descendentes de portugueses e de outros europeus, de asiáticos, entre outros. A diversidade que constitui a sociedade brasileira abrange jeitos de ser, viver, pensar — que se enfrentam.

Baseando-se nas concepções de Arroyo (2005, p. 22), as pessoas que compõe a EPJA são “Jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-racial, do campo e da periferia”. Nesse aspecto, no percurso educativo, há a necessidade de compreensão das realidades dos estudantes adultos, pois são sujeitos com marcas em suas histórias que não podem passar despercebidas, elas devem ser inseridas no rol do planejamento pedagógico. As vivências, as interações e as experiências são importantes para que as aulas estejam pautadas no diálogo, oportunizando e potencializando o aprendizado dos jovens e adultos.

Os problemas se instauram com mais precisão neste momento atípico que vive o país, a vertente educacional sente a instabilidade em várias etapas do processo educativo: no ensino, na avaliação, nas interações, todos afetados por uma crise sanitária mundial, comprometendo assim, o processo de aprendizagem e exigindo que professores busquem novas abordagens para mitigar as diferenças de acesso e permanência.

A pandemia consegue evidenciar antigos dilemas, problemas permanentes, mostrando ausência de estruturação intrínseca, ou seja, no próprio sistema, como também extrínsecas, trazendo debates acerca da educação e sua atuação. Nesse sentido, salienta-se a luta da EPJA em sua atuação

no percurso pandêmico, convivendo com limitações já experienciadas por professores e, cotidianamente, pelos alunos. Partindo dessa premissa, corrobora-se que:

No contexto da pandemia de Covid-19, os desafios a serem superados tornam-se ainda mais evidentes, visto que ainda não conseguimos promover políticas que possam garantir o total acesso, permanência e conclusão de estudos dos jovens e adultos dessa modalidade de ensino [...] Acontece que no cenário da pandemia de Covid-19, a EJA, que ainda encontra-se na tentativa de superar antigas questões como as que apresentamos aqui, se depara com novos dilemas que restringem ainda mais direitos, impedindo que esse campo da educação possa cumprir suas finalidades éticas, estéticas, políticas e, sobretudo crítica. (JUNIOR et al, 2020, p. 06).

Tal modalidade tem como público os jovens, os adultos, os trabalhadores que saem do emprego para à escola e sentem os malefícios das injustiças sociais cotidianamente, porém sentem com veemência na pandemia da Covid-19. A desassistência para com essa parcela da população, como já mencionado, é algo inédito no cenário, mas há nesse trajeto histórico uma negação na concessão de condições básicas de sobrevivência. Os alunos não vêm apenas do trabalho para a EPJA, eles vêm cursar esse trajeto de escolarização para terem condições mínimas de atuação no mercado de trabalho, pois os certificados garantem que esses adultos tenham direito à diversidade de direitos humanos mais radicais, direito à vida, à moradia,. (ARROYO, 2017, p. 49).

Impactos da pandemia na docência: antigos impasses, novas discussões

Ser professor na modalidade que tem como objetivo promover, segundo os documentos oficiais da educação, condições de aprendizagem com equidade é desafiador. Ademais, com a excepcional aparição da pandemia, o fazer educativo se tornou incompatível diante das necessidades dos alunos, pois o isolamento social e a ausência de internet para inclusão dificultaram ainda mais o acesso desses alunos que se situam fora da escola.

Educação em tempos de pandemia

A atuação docente teve alterações no ano pandêmico, segundo a resposta educacional frente à COVID-19 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Quando se fecham as escolas, esporadicamente, há uma alteração significativa na aprendizagem de crianças, jovens e adultos, porque por serem o centro da aprendizagem a pandemia trouxe uma descentralização desse processo. Destaca-se ainda que, os sujeitos com menos privilegiados sofrem mais com menos condições de aprendizagem. (UNESCO, 2020).

Quando se fala em desafios da educação na pandemia é fundamental que se reconheça esse cenário em sua dualidade. Além das dificuldades dos alunos, os professores tiveram de ressignificar suas práticas diante dos novos modelos educacionais; as adaptações foram céleres e exigências na reestruturação dos planos de ensino, nos avaliativos, nas abordagens pedagógicas foram impostas pelos sistemas, que comprometeram nessa vertente, o alcance e a qualidade das aulas oferecidas.

Partindo de uma concepção da heterogeneidade dos alunos de EPJA, a ausência da égide do Estado com essa clientela fomenta o aumento dos desnivelamentos sociais, haja visto que “em famílias de baixa renda, o acesso ao trabalho e à educação ficou comprometido por causa da pandemia, provavelmente gerando um aumento do estresse e repercutindo no processo de ensino e aprendizagem.” (SCHRÖTE E GONÇALVES, 2021, p. 35).

Apesar da escola não poder ser definida apenas como um espaço físico, mas sim em sua conjuntura social, a ausência do espaço concreto da escola expandiu o abandono, trazendo empecilhos para o curso de escolarização: o colégio, enquanto instituição, assegura ao aluno a combinação de corpo docente, gestor, espaço e fortalece a luta na formação de adultos, uma vez que, por muito tempo, a modalidade supracitada sofre com ausência de prédios, materiais, profissionais e tantos outros aspectos de negação.

Professores redefiniram-se aos modelos atuais organizados pelas instituições, formaram-se fugazmente e continuamente para atender as demandas tecnológicas e não romper com o ciclo do ano letivo. O aperfeiçoamento e adequações confrontaram com a impossibilidade de parcela dos alu-

Educação em tempos de pandemia

nos não conseguirem ocupar as carteiras em salas virtuais, pois foram e são impedidos por não terem condições mínimas de acesso.

Onde foi implementada essa formação? Quem são os estudiosos que amenizam os impactos e dão continuidade ao trajeto dos planos de ensino? Dessa forma, as atribuições dos professores em mensurar aprendizagem, introduzir abordagens reais na consolidação de direitos fundamentaram-se como desafios ao professorado. Partindo dessa premissa, traz-se a colaboração de Preto (2020, p. 03), pontuando que:

Avaliar as inúmeras realidades dos envolvidos é essencial para este momento, afinal, as famílias estão sofrendo diferentes influências do meio. Há aqueles que perderam seus empregos em meio à pandemia, há aqueles que estão sofrendo com a perda de familiares, há também quem não conhece as ferramentas de ensino online, entre tantas outras coisas.

Há diversas realidades que os alunos adultos, trabalhadores, enlutados, desempregados trazem às aulas, sendo situações as quais se instalaram em suas vidas que ora os afastam da escola, ora os dificultam aprender. Eles não alcançam as aulas remotas, pois nem todos os alunos dispõem de ferramentas digitais ou internet; as atividades entregues aos alunos, de acordo com cada planejamento regional, não mantêm as relações entre professores e alunos. Nesse aspecto, há grandes lacunas na formação dessas pessoas jovens e adultas.

As problemáticas que a educação vive neste momento infrequente são determinantes para alunos e professores, visto que a desestruturação social, política e psicossocial não se alinhou em apenas numa vertente da população, mas todos foram atingidos diretamente ou com seus impactos. Educadores foram desafiados a educar em momentos mais complexos, tentando fazer a assunção da educação como uma perspectiva de emancipação, e ainda mais humana e sensível nesse itinerário.

Apesar das imposições ideológicas retrogradadas na estrutura política nacional, diante ainda, de ações de retrocesso em vários aspectos e, principalmente educacionais, a Educação para Pessoas Jovens e Adultas tenta no cenário pandêmico criar oportunidades para formação de homens e mulhe-

Educação em tempos de pandemia

res que veem na escola uma esperança. Educa-se esperando a emancipação, a transformação dos sujeitos, que por sua vez mudarão o mundo, começando pela autotransformação, na ressignificação de si enquanto sujeito, sendo nessa perspectiva uma re-flexão quando os educandos se flexionam ao perceber o mundo por uma ótica na ruptura das predisposições burguesas, nas inquietudes, na busca por respostas de questionamentos que antes estavam numa inércia, status quo.

Dessa forma, nesse intento na compreensão acerca das especificidades da EPJA, principalmente de seu público, anuncia Soares (2011) ao reiterar a necessidade da elaboração de uma proposta de trabalho que reconheça as peculiaridades das pessoas jovens e adultas que a modalidade integram, perpassa por vários aspectos, dentre os quais: o reconhecimento da diversidade das pessoas jovens e adultas, a preocupação com questões estruturais afim de acolher a realidade dos educandos, elaboração de propostas curriculares que estejam em consonância com os interesses e necessidades dos educandos, dando ênfase na flexibilização do tempo e dos espaços, disponibilização dos recursos didáticos que favoreçam a potencialização das habilidades e as iniciativas da formação inicial e continuada dos educadores.

Considerações finais

Com esse estudo foi possível verificar que a educação não é uma conquista individual. O sujeito quando atinge sua formação básica e superior não o fez com autonomia, tampouco se concebe uma vitória individual. Os homens e mulheres adultos, trabalhadores são direcionados para atender as demandas sociais estipuladas pelo Estado, perpetuando, dessa forma, ciclos, que por ventura tendem a sanar as lacunas emergentes do âmbito social.

Em virtude da complexidade da pandemia e seus reflexos na tessitura educacional, averiguou-se que a Educação para Pessoas Jovens e Adultas teve um número de matrículas decrescente diante das circunstâncias, sendo um dos grandes problemas enfrentados pela modalidade. O perfil dos

Educação em tempos de pandemia

alunos se mantém o mesmo, com novos dilemas apesar da compreendida evolução social. As atribuições dos professores foram amplamente incrementadas quando se compreende a função do educador de pessoas jovens e adultas, visto que não apenas se cumpre a transposição de conteúdos, mas há nesse intervalo a promoção e ressignificação da cidadania, a humanização dos sujeitos desumanizados.

As dificuldades enfrentadas pelos professores na pandemia estão pautadas numa tríade: a formação continuada, as fragilidades sociais dos alunos e o manuseio das ferramentas tecnológicas, sendo os docentes direcionados a trabalharem em seus lares, sem equipamentos, sem condições de propiciar uma educação que contemple de fato todos os sujeitos envolvidos. Não se pode ter um hiato educacional na EJA, porque ela desenvolve suas atribuições mesmo com todas as contrariedades na organização educativa. As práticas pedagógicas estão buscando englobar jovens e adultos que não podem se assegurar na estrutura escolar, pois as desigualdades da pandemia ampliaram com muita exatidão.

As dificuldades enfrentadas pelos professores na pandemia estão pautadas em vários aspectos, mas achamos relevante destacar: a formação continuada, as fragilidades sociais dos alunos e o manuseio das ferramentas tecnológicas, sendo os mesmos direcionados a trabalharem em seus lares, sem equipamentos, sem condições de propiciar uma educação que contemple de fato todos os sujeitos envolvidos. Não se pode ter um hiato educacional na EJPA, a mesma desenvolve suas atribuições mesmo com todas as contrariedades na organização educativa. As práticas pedagógicas estão buscando englobar pessoas jovens e adultas que não podem se assegurar na estrutura escolar, pois as desigualdades da pandemia ampliaram com muita exatidão.

A educação de pessoas adultas, jovens que compõe as tristes estatísticas, promove de forma gradativa a equidade prevista em lei, atua lentamente diante das negações das políticas públicas e na busca por ofertar uma educação democrática. Quanto mais se entende as peculiaridades nas quais estão envolvidos o universo das vidas das pessoas que buscam as turmas de educação formal nessa modalidade, mais se torna compreensível a defesa da aproximação de uma educação que ressignifica

pessoas que por tanto tempo estiveram desassociadas do mundo, mas por um processo ilegítimo, elitista de dominação e poder.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. Educação de jovens – adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio (Org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. São Paulo: Autêntica, 2005.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Passageiros da noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. MEC. Documento Base Nacional. Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 20 de mar. de 2008. Disponível em: <[http:// portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo Escolar 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CUNHA, Alessandra Sampaio; NEVES, Joana d'Arc Vasconcelos; COSTA, Nívia Maria Vieira. A EJA em tempos de pandemia de covid-19: reflexões sobre os direitos e políticas educacionais na Amazônia bragantina. Bragança, Nova revista amazônica – v. 2 p. 23- 35 mar. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/nra/issue/view/463>. Acesso em: 28 mai. 2021.

Educação em tempos de pandemia

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3º Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

JUNIOR, Adenilson Souza Cunha et al. Educação de jovens e adultos (EJA) no contexto da pandemia de covid-19: cenários e dilemas em municípios baianos. Bom Jesus da Lapa, *Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade*. v. 2, p. 01-22, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/issue/view/455>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MACHADO, Soraia Sales Baptista da Costa et al. Indagações na/com a EJA no contexto de pandemia: uma experiência em círculos de cultura digitais. Vitória da Conquista, *Revista Práxis Educacional* v.17, n. 45, p. 1-20, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8337/5706>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

PRETO, Luana Barbosa. Possibilidades na formação continuada durante a pandemia do novo coronavírus. In: XXI Jornada de Extensão. Santa Rosa, s/e. 202, p. 03. 01-05.

TARIDIF, M. *Os Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

UNESCO (2020). *A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado*

Educação em tempos de pandemia

contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. Unesco. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/consequences>. Acesso em: 28 mai. 2021.

O ENSINO DA MATEMÁTICA EM TEMPO DE PANDEMIA

TEACHING MATHEMATICS IN A TIME OF PANDEMIC

Prof. Dr. Tiago Giorgetti Chinellato¹

Introdução

Este capítulo tem por objetivo apresentar um relato sobre desafios e possibilidades de ensino da Matemática no Ensino Básico e Superior em tempo de pandemia, proporcionados pelo coronavírus (SARS-COV-2) que assola o mundo desde o primeiro trimestre de 2020. Apresento pesquisas para pontuar o objetivo mencionado, direcionando a temática para conteúdos matemáticos, como por exemplo, Estatística e Matemática do Ensino Médio. Vale destacar que, tais conteúdos são ministrados em uma Instituição de Ensino Superior (IES) e em um Instituto Federal de Ensino, ambos situados no Estado de São Paulo.

No momento pandêmico, as aulas ministradas por mim, ocorrem de modo remoto, ou seja, de maneira síncrona e/ou assíncrona por plataformas digitais, que proporcionam a reunião de pessoas para a discussão de conteúdos e debates sobre a temática a ser estudada. Pensando no ensino dos conteúdos matemáticos, utilizo algumas Tecnologias Digitais (TD) as quais se fazem presentes neste momento e estão auxiliando na realização das aulas que ocorrem remotamente.

Tendo em vista esse modo de ensino, destaco a seguir algumas pesquisas que ressaltam os desafios da educação nesse modelo. Logo após, retrato estudos que pontuam como as Tecnologias Digitais podem contribuir com tal ensino e, por fim, apresento exemplos de como tenho desenvolvido

¹ Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), Mestre e Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

minhas aulas, evidenciando o uso das TD nos conteúdos mencionados acima.

O ensino remoto

No final de 2019, a pandemia promovida pelo coronavírus se espalhou por todo o globo terrestre e muitos afazeres do ser humano necessitaram de remodelação. Uma das medidas para conter a disseminação do vírus foi o distanciamento social e isso impactou diretamente os ambientes educacionais. Os desafios, que sempre foram um grande problema na educação brasileira, precisaram se adaptar a essa nova realidade como apontam Engelbretch, Llinares e Borba (2020, p. 825), onde afirmam que “[...] os educadores percebem que precisamos repensar todo o modelo de educação e redesenhá-lo para que seja mais centrado no aluno ”².

Esse indicativo dos autores precisou ser pensado e realizado num momento muito rápido, de modo que os alunos não fossem prejudicados pela pandemia. Contudo, não foi isso que pudemos observar nas escolas brasileiras. Em muitos locais, as aulas foram suspensas e muitos estudantes, por não possuírem acesso a computadores e internet, não conseguiram acompanhar o modo remoto de ensino, como aponta a reportagem de 2021, do jornal Folha de São Paulo³, onde se estima 4,3 milhões de alunos sem acesso à internet.

O ensino da Matemática já é um grande desafio para nós, professores da área, e o Brasil não possui índices satisfatórios. Ultimamente, o país tem perdido pontos no ranking mundial de educação em Matemática, onde dois terços dos brasileiros com 15 anos sabem menos que o básico de Matemática, como aponta os dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês) de 2018.

2 Tradução minha para “Educators realise that we need to rethink the entire model of education and redesign it so that it is more student-centred”

3 Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/04/segundo-ibge-43-milhoes-de-estudantes-brasileiros-entraram-na-pandemia-sem-acesso-a-internet.shtml> Acesso em 10.jun.2021

Educação em tempos de pandemia

O modo remoto é diferente do ensino presencial, pois o professor não consegue acompanhar se os alunos estão participando ou não da aula. Isso ocorre porque muitos não ligam suas câmeras, não falam durante a aula e não participam das discussões do conteúdo. Muitos professores estão ficando sobrecarregados com as aulas nessa modalidade de ensino, visto que:

[...] além de planejar a aula que já seria planejada normalmente, agora ele precisa também gravar, editar e postar. Então, cabe ao professor buscar recursos que o permitam exercer o papel, não só de professor, como de produtor, roteirista, ator e editor da melhor forma possível (MARQUES; ESQUINCALHA, 2020, p. 5).

Ao encontro do que mencionam Marques e Esquincalha (2020), muitos docentes não tiveram uma formação inicial ou continuada, para lidar com essas tecnologias que agora se fazem presentes no cotidiano docente, como por exemplo, softwares de gravação e edição de vídeos, plataformas digitais de encontros síncronos, postagem de materiais em ambientes on-line, entre outras funções que surgem no decorrer do ambiente educacional ocasionado pela pandemia do coronavírus. Os autores Engelbretch, Llinares e Borba (2020, p. 836) também dialogam nesse viés quando mencionam que:

Muitos professores não têm a mesma experiência de ensino online que têm de ensino presencial e, de repente, há muitos “especialistas” dando conselhos sobre como uma abordagem online deve ser empregada. Os professores encontram novos problemas e se sentem um tanto isolados e incomodados com o ambiente. Os professores não têm certeza sobre o nível de comprometimento dos alunos com a aprendizagem⁴.

4 Tradução minha para “Many teachers do not have the same experience of online instruction as they have of face-to-face teaching and all of a sudden there are many ‘experts’ giving advice on how an online approach should be employed. Teachers encounter new problems and feel somewhat isolated and uncomfortable in the environment. Teachers are uncertain about the level of students’ commitment to learning”.

Por isso, é importante que formações continuadas proporcionadas por Instituições de Ensino e governos municipais, estaduais e federais, de modo que se façam presentes aos professores, gerando discussões e reflexões sobre as aulas de modo remoto, pois “em muitos casos, as instituições passaram a utilizar a tecnologia sem realmente fazer uso das pesquisas existentes sobre o tema” (ENGELBRETTCH; LLINARES; BORBA, 2020, p. 387).

Essas tecnologias, como mencionados pelos autores, começaram a ser utilizadas pelos professores como o meio principal de comunicação entre docentes e alunos, mas nem todos têm formação e habilitação para lidar com tais tecnologias. Com isso, destaco na sequência a importância das tecnologias digitais no momento de pandemia e como ela é imprescindível na formação inicial e continuada dos professores.

O uso das Tecnologias Digitais para o processo de ensino e aprendizagem da Matemática

Com base no que foi apresentado na seção anterior, é possível inferir que o uso das Tecnologias Digitais é importante tanto na formação inicial do professor quanto na continuada. Hoje, devido à situação das aulas remotas, a TD é essencial para o contato com os alunos e para o desenvolvimento das aulas e afazeres do docente. Contudo, algumas pesquisas apontam que parte dos educadores não possuem, durante a sua formação inicial, essa incorporação tecnológica. Maltempi (2008, p. 64) menciona que a falta de contato com essas TD, durante a formação inicial, “[...] implica uma sobrecarga à formação continuada que perpetuará caso não haja mudanças nas licenciaturas”. As pesquisas de Chinellato (2014) e Oliveira (2014, p. 115) também vão nesse viés, principalmente quando a autora menciona que:

[...] os cursos de formação inicial não estão dando conta de formar professores para utilizarem as TIC [Tecnologias da Informação e Comunicação] em suas

Educação em tempos de pandemia

práticas pedagógicas, conforme ficou evidente nessa pesquisa, parece prudente que a formação e a prática dos formadores desses professores passem também a ser alvo de investigações.

Com isso, a formação (inicial e continuada) precisa oportunizar o contato com as TD, de modo que o docente utilize tal tecnologia em conteúdos matemáticos discutidos em sala de aula, almejando a aprendizagem dos alunos e, além disso, tal ação formativa deve priorizar uma “formação reflexiva e consciente de professores, respondendo aos anseios atuais da sociedade, visando à preparação plena dos indivíduos e à inserção destes em um mundo cada vez mais permeado pela Tecnologia”, como aponta Miskulin (2003, p. 1).

A fala de Miskulin (2003) representa muito atualmente, tendo em vista que nossa comunicação com os discentes se dá única e exclusivamente pelas TD, devido ao distanciamento social imposto pela pandemia do coronavírus. Por isso, é interessante que o professor, sempre que possível, participe de formações continuadas com o viés tecnológico, pois, além do contato com o equipamento, “é uma alternativa para aqueles que acreditam na necessidade de adotar uma nova postura e pretendem dinamizar e aprimorar a sua prática pedagógica”, como argumenta Medeiros (2010, p. 2).

Richit (2010, p. 18) também destaca que usar as tecnologias vai além de somente manusear o equipamento, e que há implicações do uso tecnológico no ambiente escolar, quando o docente faz:

A apropriação do uso pedagógico e social das tecnologias digitais propicia formas distintas de promover a prática docente, modifica os processos de ensino e aprendizagem e, principalmente, torna-se condição essencial à adaptação do professor à nova cultura escolar, que é modificada com a presença desses recursos.

Diante desses apontamentos, cabe às formações inicial e continuada privilegiarem o contato

Educação em tempos de pandemia

com as Tecnologias Digitais, que estão sendo apresentadas no contexto educacional, como, por exemplo, o computador, o celular, o tablete, etc. Essas ações formativas precisam ser mais abrangentes e abarcar um número maior de pessoas, pois, em muitos casos, essas atuações estão vinculadas a atividades de pesquisa ou extensão (GARCIA, 2011).

O docente recebendo a formação adequada para o uso da TD e estando em um momento de distanciamento social, imposto pela pandemia, pode promover o que Borba (2012, p. 329) afirma sobre as TD possibilitarem a transformação da educação, seja ela presencial ou on-line:

Devemos considerar que o curso virtual não pode ser igual àquele apresentado em sala de aula usual. Parece coerente pensar sobre transformações na forma de produção de conhecimento – e não em melhora ou piora – como em uma reta numerada; se haverá mudanças em tópicos, ou na própria noção do conteúdo a ser ensinado; e em questões relativas ao papel dos professores em tal modalidade de Educação.

Ou seja, o desafio do professor está na escolha apropriada da tecnologia com a qual ele vai trabalhar, pensando nas características dos seus alunos, explorando suas habilidades e estimulando-os a participar ativamente da aprendizagem, tendo em vista que os discentes estão imersos na era tecnológica.

A aula desenvolvida em um ambiente on-line de ensino pode apresentar algumas possibilidades favoráveis, como “o recurso de feedback em educação on-line que se mostra um fator importante para influenciar no ganho de conhecimento do estudante, assim como para motivar sua aprendizagem e melhorar o seu desempenho acadêmico” (COSTA et.al, 2016, p. 33). Nessa situação, tal feedback das ações e respostas do discente pode influenciar no processo de ensino e de aprendizagem, podendo com isso, o professor realizar ações reflexivas e de investigação (LOSS et.al, 2020).

Loss et.al (2020) realizaram uma pesquisa qualitativa, buscando investigar como está se

dando o uso das Tecnologias Digitais em tempos de pandemia. Os autores aplicaram um questionário para 123 professores, com perguntas abertas e fechadas, para saber sobre a realização das aulas no modo remoto. Tais docentes são da Educação Básica e se encontram no sistema público de ensino, em sua maioria são professores de Matemática e de Ciências. Depois da análise desses dados, identificaram um aspecto que versa a respeito da importância dada pelos docentes quanto ao uso das TD, que a saber é:

[...] os professores perceberam oportunidades de conhecer e utilizar variadas TD para comunicação em videoconferências ou reuniões on-line com os envolvidos nos processos educacionais, assim como adoção delas ao processo de ensino, oportunizando aulas diferenciadas aos alunos (LOSS et.al., 2020, p. 78).

Assim, os autores reforçam a importância da formação inicial e continuada dos professores, especificamente sobre o uso de TD no ensino, de modo a permitir que os docentes conheçam softwares e possam ampliar discussões sobre as potencialidades do uso das TD nas suas aulas. Além disso, Loss et.al (2020) cobram discussões e estratégias que possibilitem a qualidade e a ampliação da conexão de internet para estudantes e professores. A seguir, apresento algumas tecnologias as quais utilizo durante minhas aulas, tanto no Ensino Superior quanto na Educação Básica.

Possibilidades de uso das Tecnologias Digitais no Ensino

Antes de apresentar as atividades desta seção, vale a pena um destaque a respeito de minha formação enquanto docente de Matemática. Sempre me interessei pelo uso de Tecnologias Digitais no Ensino da Matemática, sendo, minha primeira experiência, a aplicação de um minicurso usando o software Maple⁵. Depois da realização de tal minicurso, o contato com outros softwares me ocorreu

5 Disponível em <https://www.maplesoft.com/> Acesso em 22 de jun. 2021.

durante um curso de verão na universidade, onde tive a oportunidade de conhecer softwares como: Matlab⁶, Poly⁷, LaTeX⁸, entre outros.

Meu interesse pelas TD só aumentou e meu Mestrado em Educação Matemática, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Rio Claro, procurou identificar como o computador estava sendo utilizado nas aulas de Matemática do Ensino Fundamental II, em escolas públicas estaduais de Limeira/SP, ver Chinellato (2014). No doutorado, realizado na mesma instituição, a pesquisa teve como objetivo investigar quais “são as perspectivas que os professores têm quando participam de uma formação continuada com tecnologias e elaboram atividades de conteúdos matemáticos, inspiradas no material didático do estado de São Paulo e mediadas pelo GeoGebra” (CHINELLATO, 2019, p. 7). Esses destaques servem para situar o leitor que o uso de softwares sempre se fez presente na minha formação inicial e continuada. Dito isto, apresento algumas possibilidades do uso das TD nas minhas aulas do Ensino Básico e Superior.

No Ensino Básico, atualmente atuo em uma Instituição Federal de Ensino, a qual está em modo remoto, com aulas síncronas/assíncronas por meio do uso do Microsoft Teams. Nessas aulas, o docente tem autonomia para utilizar quaisquer recursos para o desenvolvimento da disciplina. Leciono a disciplina Matemática B, mais voltada para o ensino de Geometria, para os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da Educação Básica.

O exemplo que apresento aqui é sobre o conteúdo desenvolvido para o 3º ano do Ensino Médio, que tinha como objetivo estudar a Geometria Espacial de Posição, ou seja, estudar os conceitos iniciais de ponto, reta e plano. Tais conceitos constituem a base da Geometria Espacial e, com isso, por meio de um vídeo explicativo situado no Youtube⁹, solicitei aos alunos acompanharem as explicações realizadas na gravação, tarefa essa realizada de modo assíncrono. No encontro subsequente,

6 Disponível em <https://www.mathworks.com/products/matlab.html> Acesso em 22 de jun. 2021.

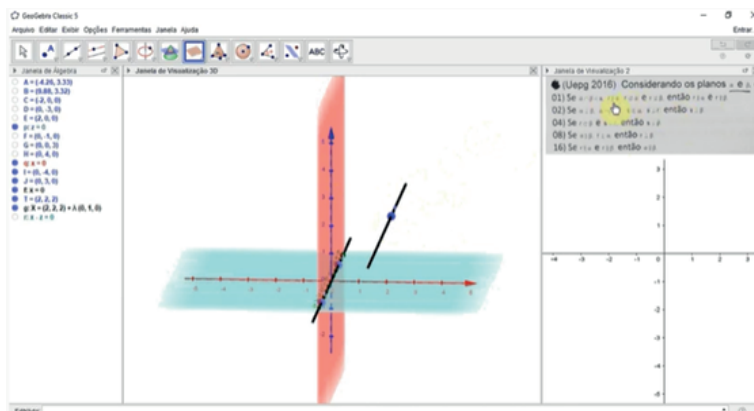
7 Disponível em <http://www.peda.com/poly/> Acesso em 22 de jun. 2021.

8 Disponível em <https://miktex.org/> Acesso em 22 de jun. 2021.

9 Disponível em www.youtube.com/watch?v=jOWg5zzaB1I&ab_channel=ProfessorMateca Acesso em 22 de jun. 2021.

dessa vez síncrono, realizei algumas das explicações, situadas no vídeo, no GeoGebra e disponibilizei tal gravação, por meio do seguinte link do Youtube¹⁰. Abaixo mostro uma figura das construções realizadas durante a aula síncrona.

Figura 1 – Estudo de planos perpendiculares e retas paralelas



Fonte: criação própria, 2021

A Figura 1, se trata da resolução de um exercício que propõem o seguinte desafio: Considerando os planos alfa e beta e as retas r e s , verifique se a alternativa está correta: a) se a interseção de alfa e beta é igual a reta s e a reta r é paralela à reta s , então r não está contido em alfa e r não está contido em beta, com isso r é paralelo à alfa e r é paralelo à beta.

Para demonstrarmos isso, realizei a construção no GeoGebra onde é possível identificar que tal afirmação é verdadeira, pois a reta r pode estar paralela a s e não precisa pertencer aos planos alfa e beta. No vídeo que produzi e que está disponível no Youtube, é possível acompanhar a explicação passo a passo de alguns exercícios que versam sobre as ideias da Geometria Espacial de Posição, retratando posições entre pontos, retas e planos.

A escolha do GeoGebra para a realização do exercício em questão se deu, pois esse possui

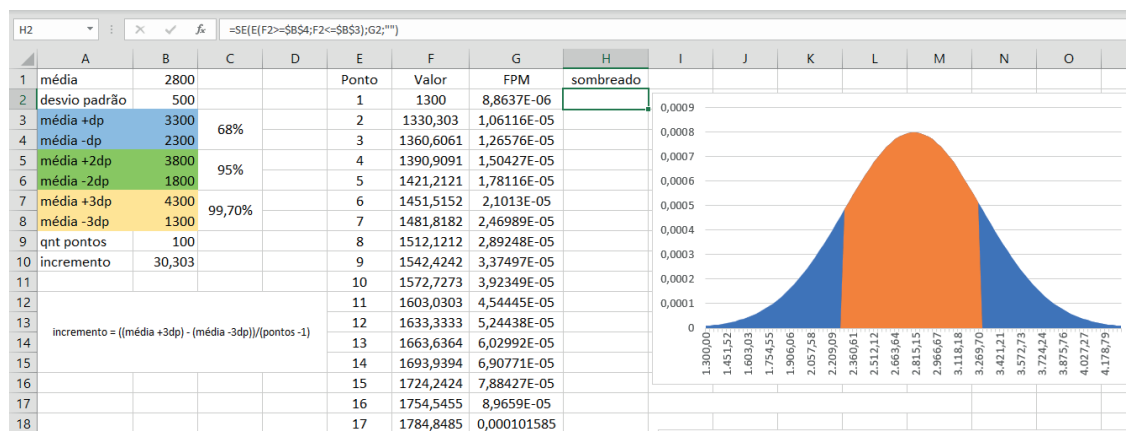
¹⁰ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=E3rsOMFdjGU&ab_channel=TiagoGiorgetti Acesso em 22 de jun. 2021.

Educação em tempos de pandemia

um código aberto e gratuito, que pode ser instalado em qualquer máquina e se faz presente nas escolas paulistas, como pontuam as pesquisas de Chinellato (2014) e Oliveira (2014). Além disso, é um software de “matemática dinâmica para todos os níveis de ensino que reúne Geometria, Álgebra, Planilha de Cálculo, Gráficos, Probabilidade, Estatística e Cálculos Simbólicos em um único pacote” (GEOGEBRA, 2019)¹¹.

Uma segunda Tecnologia Digital que utilizo durante as minhas aulas remotas, é o Excel. Esse software está disponível no pacote Office que é vendido e distribuído pela Microsoft. Muitos computadores possuem tal software e, para aqueles que não podem ter a versão oficial no computador, está disponível a versão on-line de tal programa pelo respectivo site¹². As disciplinas em questão são: Estatística 1 e 2, ministrada em uma Instituição de Ensino Superior. Em Estatística 1, estudamos a curva normal, realizando seu gráfico no Excel e explorando os conceitos de desvio padrão a partir da média, mediana e moda da curva normal.

Figura 2 – Estudo da curva normal



Fonte: criação própria, 2021.

A construção de tal curva pelo software, conjuntamente com os discentes, possibilitou discussões sobre a importância do desvio padrão na interpretação dos resultados. Ao lado esquerdo da

11 Disponível em <https://www.geogebra.org/> Acesso em 22 jun. 2021.

12 Disponível em <https://office.live.com/start/Excel.aspx?ui=pt-BR> Acesso em 22 jun. 2021

figura, é possível ver alguns valores de desvio padrão que significam justamente a proporção de valores que estão dentro de um, dois ou três desvios padrão, sendo: desvio padrão ± 1 com uma proporção de 68,3% dos valores, ± 2 com uma proporção de 95,5% dos valores e ± 3 com uma proporção de 99,7% dos valores.

Autores como Arcavi (2003); Borba e Villarreal (2005) e Presmeg (2006) falam da importância da utilização das tecnologias e argumentam que a visualização é uma das grandes potencialidades para gerar conjecturas, simular resultados na tentativa de explicar conceitos e teorias para outro indivíduo e elaborar construções, buscando validá-las ou refutá-las por meio das propriedades que estão sendo estudadas. Diante disso, teço a seguir algumas considerações finais sobre este capítulo.

Considerações Finais

Diante da apresentação de algumas propostas realizadas por mim, utilizando as Tecnologias Digitais, reforço a cobrança e o incentivo para que formações iniciais e continuadas priorizem o uso de Tecnologias Digitais para o ambiente de sala de aula. O desenvolvimento das minhas aulas no modo remoto só foi possível, pois minha formação, tanto inicial quanto continuada, privilegiou tal ação.

Mas para que isso ocorra, os professores precisam se sentir como parte do processo e cabe ao formador (seja da formação inicial ou continuada) oportunizar momentos de diálogo e compartilhamento de experiências. Importante destacar que, essas ações formativas iniciais ou continuadas não se restrinjam apenas a passar informações sobre o uso da informática nas aulas de Matemática. É preciso criar possibilidades para o professor construir conhecimento sobre como integrar as potencialidades das tecnologias digitais em sua prática pedagógica e, com isso, desenvolver suas aulas (VALENTE, 1999).

Com o referido capítulo, espero ter incentivado professores a se interessarem por conhecer

Educação em tempos de pandemia

novos softwares e enxergar as possibilidades que as Tecnologias Digitais podem proporcionar aos estudantes, como por exemplo, as atividades desenvolvidas por mim no GeoGebra para explicar as ideias de Geometria Espacial de Posição, que se encontram disponíveis no referido link do Youtube.

Referências

ARCAVI, A. THE ROLE OF VISUAL REPRESENTATIONS IN THE LEARNING OF MATHEMATICS. In: Educational Studies in Mathematics, v. 52, p. 215-241, 2003.

Borba, M. C. Dimensões da Educação Matemática à distância. In: M. A. V. Bicudo, & M. C. Borba. (Org.). Educação Matemática: pesquisa em movimento (pp. 321-344). São Paulo: Cortez, 2012.

BORBA, M. C.; VILLARREAL, M. E. Humans-With-Media and the Reorganization of Mathematical Thinking: information and communication technologies, modeling, experimentation and visualization. New York: Springer, 2005. v. 39.

CHINELLATO, T. G. O uso do computador em escolas públicas estaduais da cidade de Limeira/SP. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

CHINELLATO, T. G. Formação continuada de professores com o uso de Tecnologias Digitais: produção de atividades de conteúdos matemáticos a partir do currículo paulista. 2019. 171 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2019.

Educação em tempos de pandemia

COSTA, C., FECHINE, J., SILVA, P., & ROCH, H. (2016). Modelos de Feedback para estudantes em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: Jornada de Atualização em Informática na Educação – JAIE. Anais. Recuperado em 22 junho, 2021, de <https://www.br-ie.org/pub/index.php/pie/article/view/6594>

ENGELBRECHT, J.; LLINARES, S.; BORBA, M. C. Transformation of the mathematics classroom with the internet. *ZDM - Mathematics Education, Karlsruhe*, v. 52, n. 5, p. 825–841, jun. 2020.

GARCIA, V. C. V. REFLEXÃO E PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA. In : GARCIA, V. C. V. ; BÚRIGO, E. Z. ; BASSO, M. V. A. ; GRAVINA, M. A. Reflexão e Pesquisa na Formação de Professores de Matemática. Porto Alegre: Evangraf. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

LOSS, T.; ALMEIDA, B. L. C.; MOTTA, M. S.; KALINKE, M. A. O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO PROCESSO DE ENSINO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19. In: Revista Interações vol.16. Nº 55, 2020: Educação Online em Tempos de Pandemia: Desafios e Oportunidades para Professores e Alunos, p. 58 -82, 2020.

MALTEMPI, M. V. Educação matemática e tecnologias digitais: reflexões sobre a prática e formação docente. *Acta Scientiae, Canoas*, v. 10, n. 1, p. 59-67, jan./jun. 2008.

MARQUES, P. P. M. R.; ESQUINCALHA, A. C. DESAFIOS DE SE ENSINAR MATEMÁTICA REMOTAMENTE: OS IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NA ROTINA DE PROFESSORES. In: IX Seminário de Pesquisa em Educação Matemática do Rio de Janeiro. 2020.

Educação em tempos de pandemia

MEDEIROS, S. S. FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO CURSO DE INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO DIGITAL EM MACEIÓ. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS, 5., 2010, Maceió. Anais. Maceió, 2010. p. 1-19.

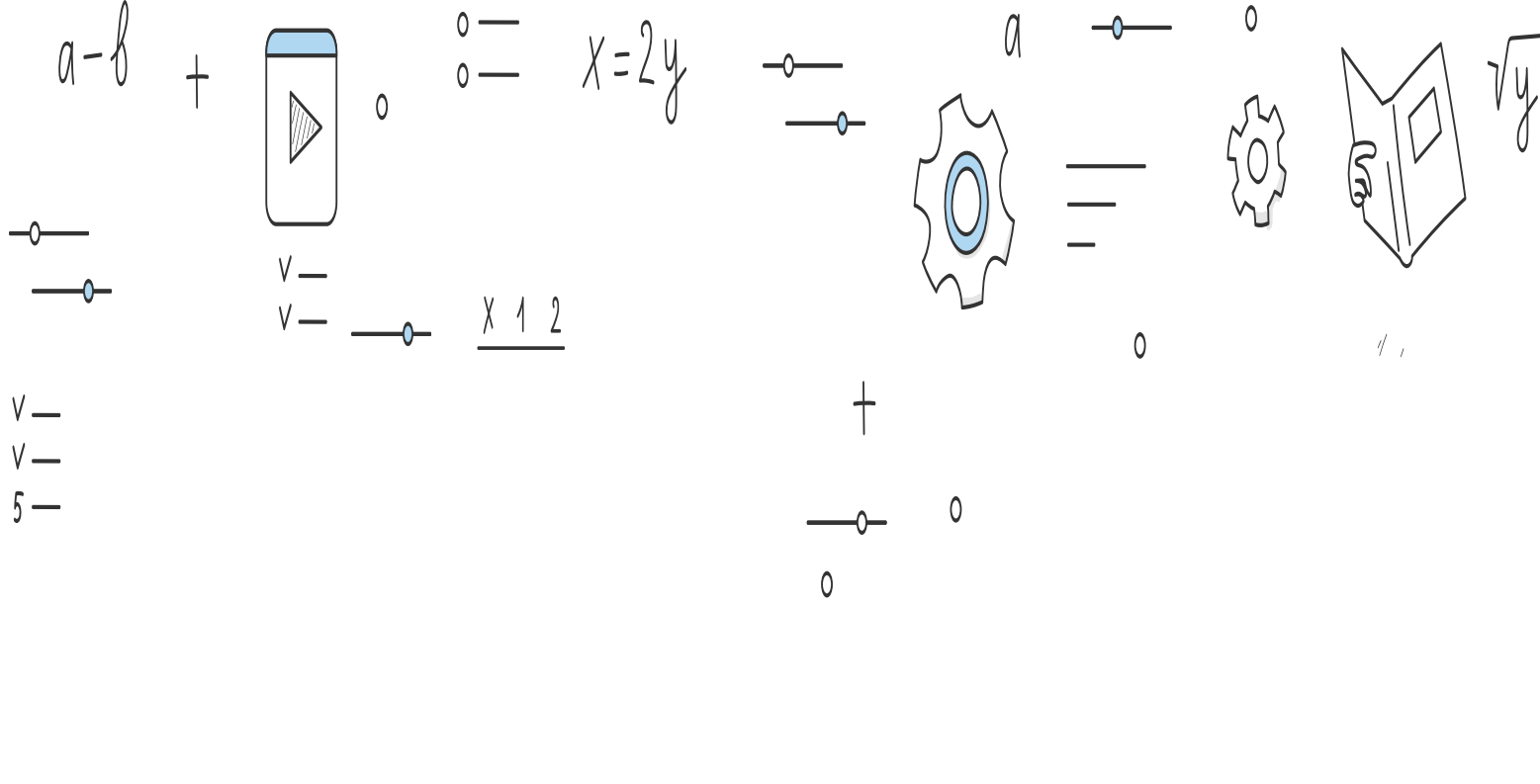
MISKULIN, R. G. S. As possibilidades didático-pedagógicas de ambientes computacionais na formação colaborativa de professores de matemática. In: FIORENTINI, D. (Org.). Formação de professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares. Campinas: [s.n.], 2003. p. 248.

OLIVEIRA, F. T. A inviabilidade do uso das tecnologias da informação e comunicação no contexto escolar: o que contam os professores de Matemática? 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

PRESMEG, N. Research on visualization in learning and teaching mathematics. In A. Gutiérrez & P. Boero (Eds.), Handbook of Research on the Psychology of Mathematics Education: Past, Present, and Future (p. 205-235). Rotterdam: Sense Publishers, 2006.

RICHIT, A. Apropriação do conhecimento pedagógico-tecnológico em matemática e a formação continuada de professores. 2010. 279 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

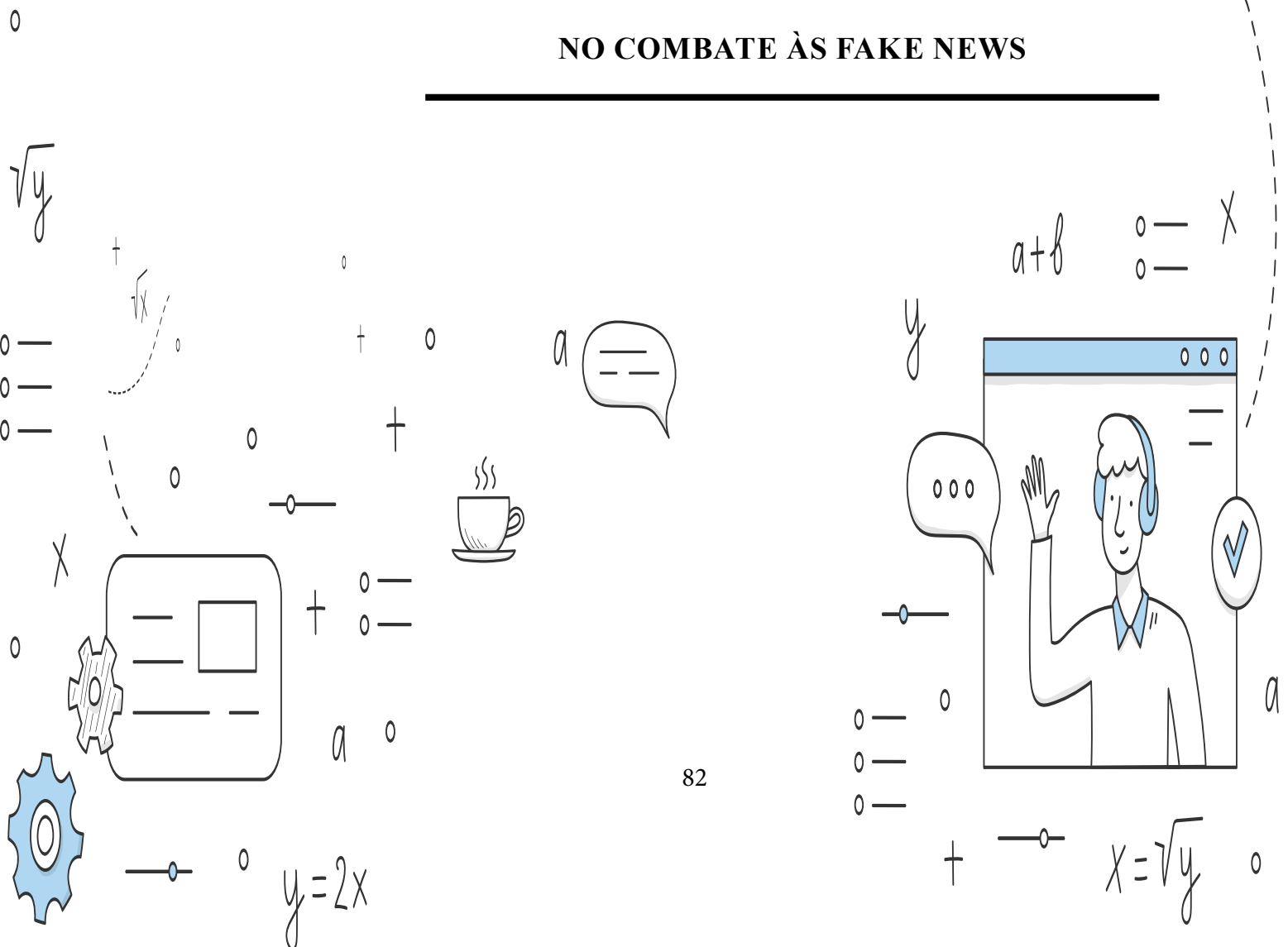
VALENTE, J. A. Informática na educação no Brasil: análise e contextualização histórica. In: _____, J. A. O computador na sociedade do conhecimento. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999. p. 1-13.



Capítulo

7

EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA COMUNICATIVA NO COMBATE ÀS FAKE NEWS



EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA COMUNICATIVA NO COMBATE ÀS FAKE NEWS

EDUCOMMUNICATION AS A TOOL FOR BUILDING COMMUNICATIVE CITIZENSHIP IN THE FIGHT AGAINST FAKE NEWS

Suelen Corazza de Alice¹

Introdução

No contexto das profundas mudanças ocasionadas pelo surgimento e aprimoramento das tecnologias digitais, a mídia passou a estar presente em todos os aspectos da vida em sociedade, proporcionando novas formas de expressão e de acesso à informação. A informação que antes era centralizada nos meios de comunicação e tratada por profissionais, passa a ser também descentralizada e amadora, uma vez que, estando nas redes digitais, o acesso à informação e a difusão passam a ser facilitados para qualquer sujeito.

Essa nova conjuntura, na qual o sujeito receptor tem a possibilidade de ser também emissor e propagador de informações, desenha o cenário ideal para o pleno exercício do direito à liberdade de opinião e expressão e, para que isso ocorra, é preciso que se discuta o fortalecimento de uma cidadania comunicativa, ou seja, os princípios da cidadania no bojo de uma sociedade midiaticizada. Quando se fala em cidadania, refere-se, neste trabalho, a definição de que é a “condição de quem possui direitos civis, políticos e sociais, que garante a participação na vida política” (DICIO, 2020, on-line). Para que seja possível se falar em cidadania comunicativa, é preciso destacar a legislação que garante o direito à comunicação: tratam-se dos Art. 5º e Art. 220 da Constituição brasileira os quais versam

¹ Bacharel em Comunicação Social com Hab. em Relações Públicas e graduada em licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFSC, e-mail corazzadealice@gmail.com

Educação em tempos de pandemia

sobre a liberdade de expressão e sobre a liberdade de informação jornalística, em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (da qual o Brasil é signatário) que reconhece que “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (NAÇÕES UNIDAS, 2018, on-line). Para além de simplesmente ter acesso à informação, as pessoas passaram a ter, como direito fundamental, a transmissão de informações, o que faz com que o cidadão se torne autor da sua cidadania, uma vez que ele passa a ter voz. No entanto, não significa que as pessoas possam, no exercício desse direito, expressar informações inverídicas, violar a honra e a imagem de outras pessoas, cometerem crimes como racismo ou homofobia, alegando que se trata de seu direito à livre expressão.

Ainda que o avanço das tecnologias de comunicação trouxeram a possibilidade de que o direito à comunicação seja exercido de maneira plena pelos sujeitos, na prática, isso não significa que eles estejam conscientes de seus direitos e de seu papel no uso das novas mídias, tampouco que tenha havido uma democratização dos processos comunicacionais. Para discutir esses fatores, escolheu-se como tema deste artigo a educomunicação como ferramenta para a construção da cidadania comunicativa numa sociedade midiaticizada, levantando-se o seguinte questionamento: qual o papel da educomunicação na formação da compreensão do sujeito em relação ao seu direito à comunicação e conseqüentemente da formação da cidadania comunicativa?

O objetivo deste artigo é compreender o papel da educomunicação como ferramenta para que o sujeito desenvolva a análise crítica em relação às informações as quais recebe da mídia, e desenvolva uma prática consciente de seu direito à livre manifestação do pensamento que leve à construção e à consolidação da cidadania comunicativa. Para tanto, utilizar-se-á o método de pesquisa qualitativa, com o objetivo de se aprofundar nos temas propostos, por meio de pesquisas bibliográficas de obras que tratam sobre educomunicação, papel da escola na sociedade, poder da mídia e sociedade midiaticizada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Escola e a sociedade midiaticizada

Para que seja possível a compreensão do papel da escola na sociedade é preciso, primeiramente, contextualizar a sociedade contemporânea, que está configurada no que se pode chamar de sociedade midiaticizada. Isso significa que é uma sociedade que está profundamente relacionada com a mídia, fundamentada na “comunicação e na produção de conhecimento através da informação...a comunicação constrói, hoje, o novo ambiente social” (GUARESCHI, 2007, p. 8). São os meios de comunicação que auxiliam na construção da realidade, dão conotação valorativa (se é boa ou ruim), são responsáveis pela agenda de discussão, ditam aquilo que é veiculado pela mídia e, assim, torna-se assunto nas rodas de conversa e nas postagens das redes sociais, sendo também responsável por parte da construção da subjetividade dos sujeitos.

Partindo da premissa do pensamento de Saviani (2012) que defende que a escola é determinada socialmente, ou seja, ela sofre influência da sociedade na qual está inserida, entende-se que a escola não pode ser indiferente ao processo de midiaticização da sociedade, tornando-se, desse modo, palco para a discussão e formação dos sujeitos para viverem nessa realidade.

Este entendimento de que a escola sofre influência da sociedade está descrito nas “teorias crítico-reprodutivistas” desenvolvidas por Saviani (2012), onde destaca que não é possível compreender a educação sem levar em consideração as condicionantes sociais, com o objetivo de “mostrar a necessidade lógica, social e histórica da escola existente na sociedade capitalista” (SAVIANI, 2012, p. 29). Nessa teoria, a escola passa a ser vista apenas como um instrumento de reprodução da dominação e exploração que definem o ethos capitalista. Para Cortella (1997), essa visão da escola como reprodutora das desigualdades sociais pode ser definida como sendo o “pessimismo ingênuo”, pois simplifica o papel dela por ignorar os conflitos sociais e políticos que a permeiam.

Para além dessa visão fatalista de Saviani (2012), Cortella (1997) desenvolveu uma

teoria que ele denominou de “otimismo crítico”. Nessa concepção fica clara a importância da escola para a transformação social, e dentro dela, a escola exerce uma função tanto conservadora quanto inovadora, ela tanto reproduz as injustiças quanto funciona como um instrumento capaz de processar as mudanças sociais.

Nesta mesma linha de Cortella, encontra-se em Mészáros (2008), o entendimento de que a escola pode ser vista como um agente de ampla transformação social e da emancipação humana. O autor não vê a escola apenas como um campo meramente reprodutor de desigualdades, como uma instituição que manipula os indivíduos, mas sim como uma grande possibilidade de revolução. O autor ainda afirma que “não é surpreendente que na concepção marxista a ‘efetiva transcendência da autoalienação do trabalho’ seja caracterizada como uma tarefa inevitavelmente educacional” (MÉSZÁROS, 2008, p. 65)

Entender a educação, diante dessa perspectiva, permite a elaboração de inúmeras possibilidades de construção de uma educação capaz de realizar as transformações políticas, econômicas e sociais necessárias à sociedade. É dentro dessa perspectiva da educação que a educomunicação se encaixa, podendo ser pensada como uma ferramenta capaz de criar condições para emancipação dos sujeitos. Segundo Zanchetta Junior (2014, p. 84), “a escola é um dos mais apropriados espaços para oferecer aos jovens brasileiros referências acima de interesses setoriais, voltadas à formação crítica para a mídia”.

Educomunicação e cidadania comunicativa

A educomunicação ou educação para a mídia, é a relação entre a comunicação e a educação como um campo de atuação crítica e transformadora, que visa educar os sujeitos para o uso dos meios de comunicação, como um “exercício do direito a uma comunicação que educa para os direitos e para a participação democrática” (ROSA, 2014).

Educação em tempos de pandemia

Segundo Zanchetta Junior (2009), a educomunicação tem por objetivo tornar o sujeito capaz de compreender a comunicação midiática (hegemônica e de massa) e também educar para o uso das ferramentas de comunicação, o que significa dizer que os indivíduos estejam aptos a analisar os textos midiáticos de maneira crítica, por meio da compreensão dos “contextos políticos, sociais, comerciais e/ou culturais” (ZANCHETTA JUNIOR, 2009, p. 1105).

A educomunicação tem sua trajetória iniciada durante os anos 60. Essa área da educação foi forjada durante as ditaduras latino-americanas, vindo a se apresentar como uma resposta ao autoritarismo, à violência, à censura e à negação do estado democrático de direito. Segundo Citelli et al. (2019, p.13),

Naquela conjuntura de violenta repressão e proibições, acionar estratégias para fazer circular a informação e o conhecimento censurados e interditados exigiu dos grupos populares, professores, jornalistas, artistas e intelectuais, pactuados com a democracia, o incremento de ações comunicativo-educativas capazes de fraturar o círculo de ferro forjado pelos militares e seus acólitos civis.

Ainda segundo os autores, diante dessa conjuntura, a educomunicação funcionava como uma ferramenta capaz de fazer circular entre os alunos as ideias que eram divulgadas pelos meios de mídia, com o intuito de que eles fossem capazes de compreender as manobras discursivas utilizadas para a divulgação de notícias de maneira velada, e também, por outro lado, com o objetivo de ensinar como produzir um jornal, uma revista, roteiros para televisão e rádio (CITELLI, et al., 2019).

Se historicamente pode-se marcar o surgimento da educomunicação a partir do cerceamento da liberdade de expressão em um contexto ditatorial, na atualidade é possível apontar que a missão da área está, segundo Viana et al. (2019, p.31), na “promoção de processos que fortaleçam a capacidade e a habilidade dos cidadãos de se comunicar no contexto complexo da contemporaneidade, de forma

a exercer o direito de comunicação, da liberdade de expressão responsável”.

Por um lado, esse contexto complexo da contemporaneidade pode ser definido pelos meios de comunicação hegemônicos, que estão concentrados nas mãos de poucos grupos, que os exploram comercialmente e concentram um triplo poder: econômico, político e simbólico (ROSA, 2014). De outro lado, estão as mudanças trazidas pelas tecnologias digitais, que possibilitaram aos sujeitos meios para acessar, criar e fazer circular informações de maneira muito mais fácil do que antigamente. Hoje é possível para uma pessoa acessar jornais, revistas, canais de televisão e rádio por meio da internet e, com a mesma facilidade de acesso à informação, ela pode produzir o seu próprio conteúdo, mantendo um blog, criando um perfil em redes sociais e, assim, se tornar uma influenciadora digital.

Segundo Parzianello (2014), é preciso compreender que estamos diante de um “novo colonialismo cultural, em que o sistema encontra, afinal, formas ainda mais perversas que a do capital para conduzir e controlar a vida, hábitos e comportamentos, de quase todas as pessoas”. Para o autor, educar para as mídias torna-se, então, uma necessidade, uma vez que é preciso educar os sujeitos para que sejam capazes de alterar a realidade, não somente reproduzi-la. “O mundo em que estamos requer que discutamos mais, aprendamos a ouvir, a falar e a ler” (Parzianello, 2014, p. 75).

Nessa perspectiva, a educomunicação se apresenta como uma possibilidade de desenvolver ações dentro dos espaços educativos que visam analisar criticamente os impactos da mídia na sociedade e desenvolver nos sujeitos habilidades de expressão comunicativa. Nesse contexto de sociedade midiaticizada, é importante que se perceba a comunicação como um “instrumento indispensável de inclusão social, participação, promoção e exercício dos demais direitos humanos e de cidadania...” (ROSA, 2014, p. 4).

Ruiz et al. (2014) destacam que a alfabetização midiática (educomunicação) tornou-se um direito dos cidadãos, um desafio da sociedade atual e, por isso, os sistemas de educação deverão ser capazes de indicar as diretrizes para o surgimento de uma cidadania midiática. Para os autores, a educomunicação deve desempenhar um papel fundamental para o surgimento de uma sociedade

prossumidora.

Um cidadão prossumidor possuirá uma série de competências que lhe permitirão executar um conjunto de ações, tanto como consumidor da mídia e recursos audiovisuais, como produtor e criador de mensagens e conteúdos críticos, responsáveis e criativos (RUIZ et al., 2014, p. 112).

Segundo Rosa (2014, p. 5), “a educomunicação representa um potencial espaço participativo e inovador de conquista e exercício do direito a comunicação, mas também de formação política e cidadã”. Para a autora, enquanto os meios de comunicação de massa estiverem sob o domínio de alguns poucos grupos, garantir o pleno exercício do direito à comunicação só será possível a partir da formação da consciência crítica e política dos sujeitos com relação a essa temática. É preciso “começar pela infância, para que todos possam assumir o papel de protagonistas de processos comunicativos editando a própria história e coeditando o mundo onde está inserido” (p. 4).

A educomunicação é, portanto, fundamental para que os sujeitos possam usufruir plenamente do direito à liberdade de opinião e expressão, atuando na sociedade de maneira responsável ao criarem conteúdos e, com senso crítico, quando estiverem no papel de receptores.

Considerações Finais

O objetivo que norteou todo o trabalho de pesquisa foi o de compreender o papel da educação como ferramenta para que o sujeito desenvolva a análise crítica em relação às informações que recebe da mídia e desenvolva uma prática consciente de seu direito à livre manifestação do pensamento, que leve à construção e à consolidação da cidadania comunicativa. Em linhas gerais, é possível afirmar que se atingiu o objetivo proposto, já que o estudo da bibliografia selecionada possibilitou respostas à pergunta norteadora do trabalho.

Educação em tempos de pandemia

Por meio do estudo dos autores selecionados para esse trabalho, ficou claro que a escola desempenha importante papel na sociedade, embora não seja a única responsável pela educação dos sujeitos. É na escola que se pode desenvolver as mais diversas habilidades, sobretudo, a compreensão da dinâmica da sociedade na qual se está inserido. A escola, por estar inserida na sociedade, dela sofre influências. Como a sociedade está configurada em uma dinâmica capitalista, é compreensível que a escola reproduza, em seus quadros, muitas das desigualdades que se encontram na sociedade. É possível compreender também que a escola atue como uma ferramenta das elites para internalizar nos sujeitos os valores capitalistas, tornando-os cidadãos passivos e conformados com o sistema vigente. Porém, ao mesmo tempo em que a escola pode agir de maneira conservadora, ao manter o sistema, ela também atua na condição de inovadora, ou seja, trazendo novas perspectivas e novos olhares, atuando na vanguarda das mudanças que se espera para o mundo.

Partindo do pressuposto que a escola está inserida na sociedade e dela sofre influência, não se pode ignorar o fato de que, numa sociedade midiaticizada, a escola desempenhe um importante papel na educação dos sujeitos para os processos comunicativos.

Nessa perspectiva é que a análise sobre a educomunicação vem somar-se ao estudo do papel da escola na sociedade, uma vez que ela se apresenta como uma alternativa para o desenvolvimento da análise crítica dos alunos, por meio do estudo dos meios de comunicação e das redes sociais, ou seja, um estudo sobre o papel dos sujeitos enquanto receptores e emissores de informações.

O estudo da bibliografia sobre a educomunicação evidenciou que projetos nessa área têm por objetivo central capacitar os indivíduos para que possam usufruir integralmente de seu direito à comunicação, que inclui tanto ter acesso às informações de maneira clara e imparcial, quanto o de se comunicar e de expressar seus pensamentos livremente. A educomunicação vem desenvolver o olhar crítico sobre o que é produzido pela mídia tradicional e desenvolver mecanismos para que os sujeitos se expressem no mundo de maneira ética e responsável, cientes de que são cidadãos com direitos e deveres, combatendo, assim, a criação e veiculação das fake news, que hoje configuram grave proble-

ma na disseminação das informações.

O estudo desses conceitos demonstrou que a escola é o lugar onde se deve desenvolver nos sujeitos o olhar crítico para a sociedade na qual está inserido, para que ele possa ser um agente de transformação, tendo em vista que, nessa sociedade midiaticizada, a comunicação é uma ferramenta poderosa e é por meio da soma da educação com a comunicação que os indivíduos podem se emancipar.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

CITELLI, Adilson et al. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ano XXIV, ed. 2, p. 12-23, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/11416>. Acesso em: 4 maio 2020.

CORTELLA, Mario S. *A Escola e o Conhecimento: Reflexão sobre os fundamentos epistemológicos e políticos dessa relação*. Orientador: Paulo Freire. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Campinas, 1997. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2548>. Acesso em: 27 maio 2020.

DICIO. Dicionário online de português. Cidadania. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cidadania/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

Educação para a Mídia. v.5. Brasília: Ministério da Justiça, 2014. p. 70-82. Disponível em: <https://>

Educação em tempos de pandemia

www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/volume_5.pdf. Acesso em: 4 maio 2020.

GARCÍA-RUIZ, Rosa et al. Educação em alfabetização midiática para uma nova cidadania prossu- midora. In: MACEDO, Alessandra Xavier Nunes; PIRES, David Ulisses B. S.; ANJOS, Fernanda Alves dos. Educação para a Mídia. v.5. Brasília: Ministério da Justiça, 2014. p. 111-127. Disponível em: https://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/volume_5.pdf. Acesso em: 4 maio 2020.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. Revista Deba- tes, Porto Alegre, v. 1, ed. 1, p. 6-25, jul/dez 2007. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/debates/article/view/2505>. Acesso em: 4 maio 2020.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. Disponível em: <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/a-educacao-para-alem-do-capital-istvan-meszaros.pdf/view>. Acesso em: 14 jan. 2020.

NAÇÕES UNIDAS do Brasil. Artigo 19: Direito à liberdade de opinião e expressão. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-19-direito-a-liberdade-de-opiniao-e-expressao/>. Acesso: 4 maio 2020.

PARZIANELLO, Geder Luis. Educar para as mídias: o desafio continua em relação aos meios con- vencionais e não apenas frente a novas tecnologias. In: MACEDO, Alessandra Xavier Nunes; PIRES, David Ulisses B. S.; ANJOS, Fernanda Alves dos.

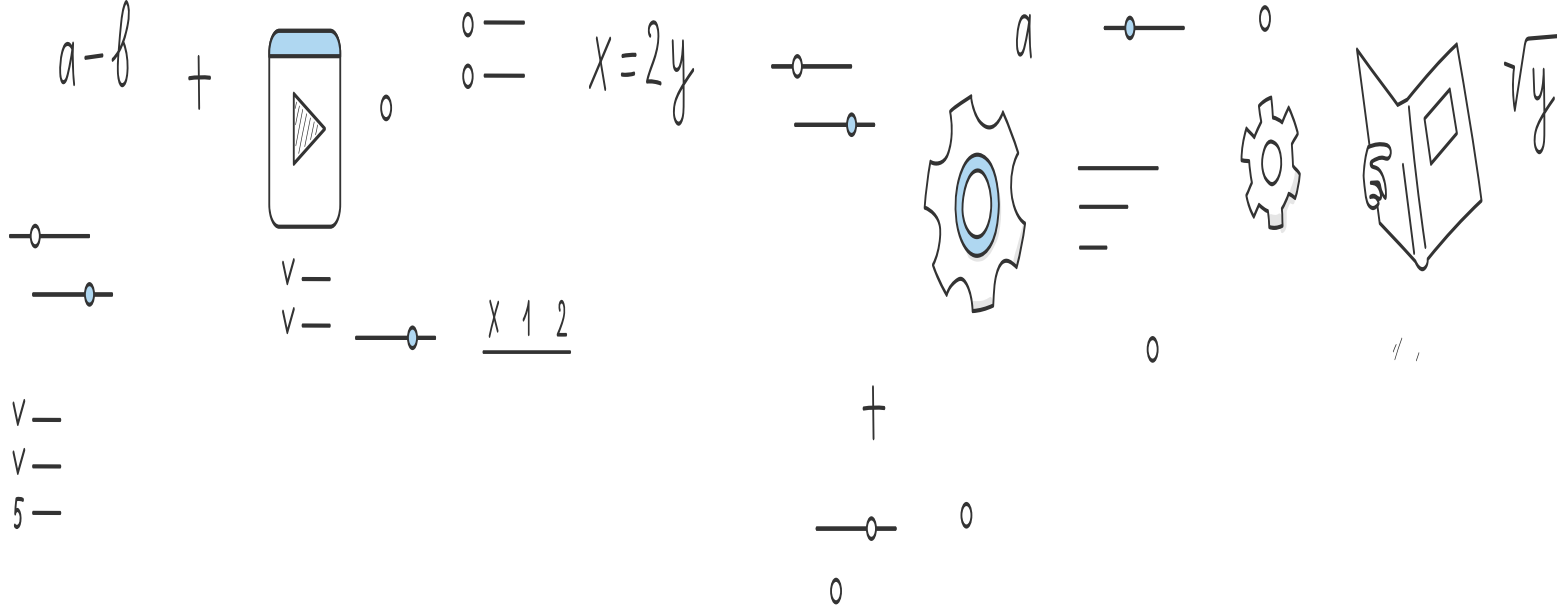
ROSA, Rosane. Educomunicação e a experiência democrática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2014, Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/>

sis/2014/resumos/R9-2576-1.pdf. Acesso em: 4 maio 2020.

SAVIANI, Demerval. Escola e democracia. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

VIANA, Claudemir et al. A formação do educador: desafios de uma nova profissão no contexto das transformações do mundo do trabalho. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ano XXIV, ed. 2, p. 26-35, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/11416>. Acesso em: 4 maio 2020.

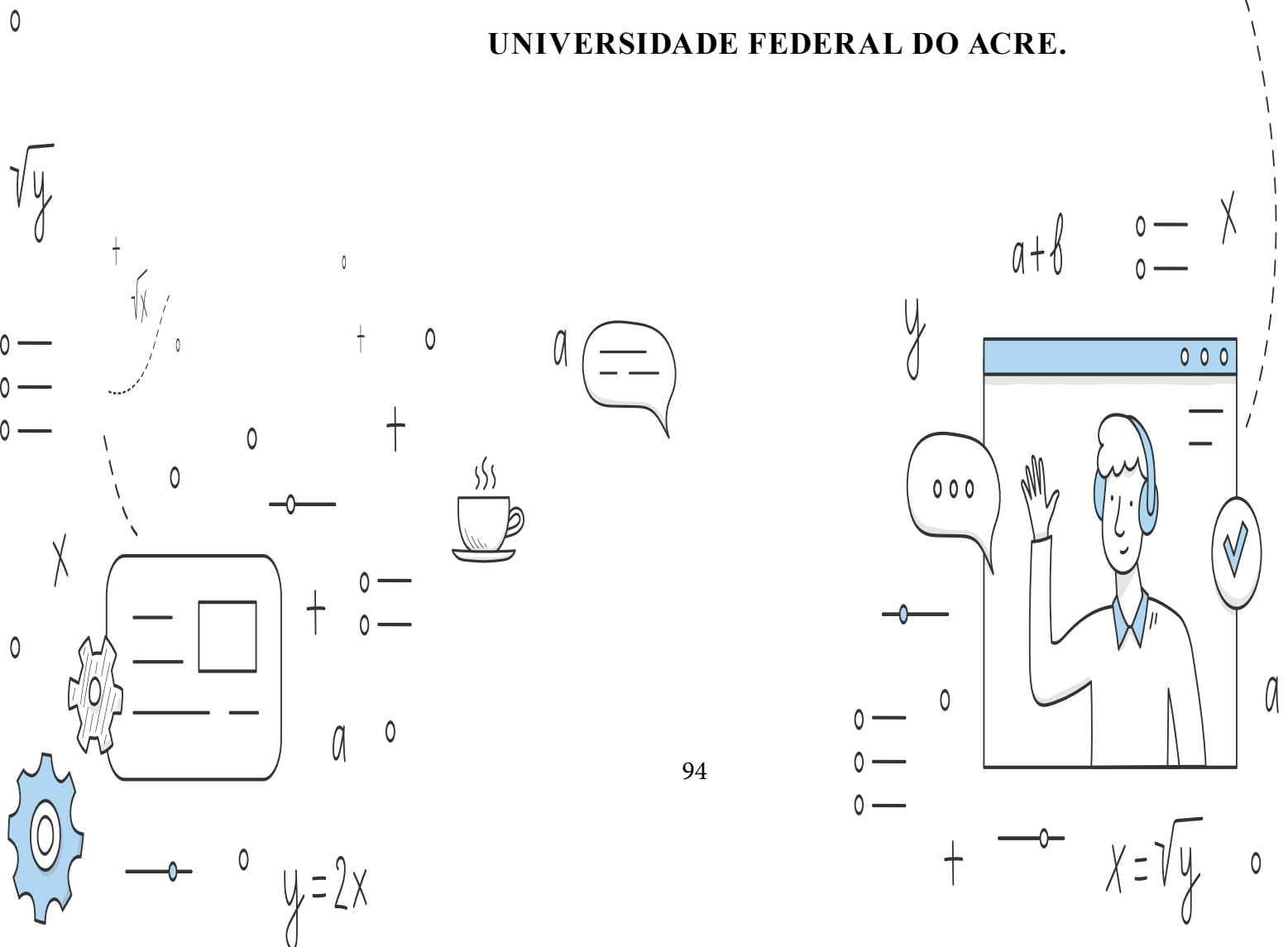
ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. Educação para a mídia na escola brasileira. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). Secretaria Nacional de Justiça (org.). *Cadernos de debate da classificação indicativa: Educação para mídia*. Brasília: [s. n.], 2014. v. 5, p. 84-95. Disponível em: https://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/volume_5.pdf. Acesso em: 4 maio 2020.



Capítulo



IMPACTOS EDUCACIONAIS NA VIDA DOS ESTUDANTES ESPECIAIS DO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE.



IMPACTOS EDUCACIONAIS NA VIDA DOS ESTUDANTES ESPECIAIS DO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

EDUCATIONAL IMPACTS ON THE LIVES OF SPECIAL HIGHER EDUCATION STUDENTS IN TIMES OF A PANDEMIC: THE CASE OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF ACRE

Gizeli Fernandes Sessa Mendonça¹

Maria Aldenora dos Santos Lima²

Israel Aparecido Gonçalves³

Introdução

A humanidade tem passado por momentos muito difíceis desde que se iniciou a pandemia da Covid-19. Muitas famílias tiveram de lidar com a dor da perda, além do medo do desemprego, da quarentena, da falta de assistência e da falta de recursos para sobreviver até o fim deste pesadelo. O fluxo de contaminação fechou a rede de ensino presencial – em especial no ano de 2020 -, fazendo as instituições apelarem a novas vias de métodos de ensino, quando a educação remota passa a ser a fonte mais viável no momento. Mas como fica a situação daqueles que não têm acesso, seja por falta de equipamentos, de rede disponível ou mesmo por não saberem lidar com essas ferramentas de ensino on-line? Como ficam aqueles que muitas vezes viam no professor sua única fonte de pesquisa?

1 Professora na Universidade Federal de Natal-UFRN. Mestra em Educação (UFAC)) e doutoranda em Educação Pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

2 Professora na Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestre em Educação (UFAM) e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná –UFPR.

3 Doutorando em Sociologia na UFSC e Mestre em Ciência Política (UFSCar).

Educação em tempos de pandemia

Diante do isolamento vertical e horizontal adotado por distintos países, o Brasil também seguiu as mesmas recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) para conter o avanço da pandemia do novo coronavírus, Sars-coV-2, responsável pela doença identificada pelo acrônimo em inglês Coronavírus Disease 2019-COVID-19 (SENHORAS, 2020). Ao refletir sobre essas implicações nas unidades educacionais, demandou-se formas alternativas de continuidade ao processo de ensino-aprendizagem, como o ensino remoto por meio de plataformas digitais. A partir dessas, as relações humanas foram alteradas em pouco tempo, principalmente no primeiro semestre de 2020, pois novos desafios surgiram no cotidiano. Por outro lado, abriram-se outras possibilidades de trabalhos pedagógicos, plataformas digitais e inovações metodológicas, pouco utilizadas anteriormente.

Diante dessa circunstância mundial, o sistema educacional foi obrigado a se reinventar para maximizar os impactos desta pandemia, uma vez que, mesmo com ferramentais tecnológicas presentes no cotidiano escolar, o ensino presencial de certa forma foi privado aos estudantes, exatamente para impedir uma disseminação maior da contaminação do coronavírus, sendo substituído pelo Ensino Remoto Emergencial - ERE.

Santos (2020), em seu livro “A Cruel Pedagogia do Vírus”, traz uma visão profunda e conflituosa desta nova realidade enfrentada pela sociedade e o agravamento das problemáticas causadas pelas desigualdades sociais. Para o autor, desde que o dinheiro passou a simbolizar uma ponte para o poder, muitas pessoas tornaram-se cegas às outras realidades que os rodeiam. Quem possui dinheiro possui poder, desfruta de privilégios e o mundo gira a seu favor. No entanto, quem não o possui é obrigado a conviver com muitas incertezas e dificuldades diariamente, esforçando-se para não deixar que falte, pelo menos, comida na sua mesa.

A pandemia do novo coronavírus veio para deixar esta oposição de realidades ainda mais evidente e perceptível. Enquanto para uns a quarentena veio em boa hora, para passar mais tempo com a família, descansar e tirar umas boas férias do estresse do trabalho, para outros, ficar tanto tempo em casa significa perder o sustento da família, principalmente, tratando-se de trabalhadores autônomos,

Educação em tempos de pandemia

pequenos comerciantes, feirantes, vendedores ambulantes, trabalhadores demitidos em massa, etc. Muita gente pelo mundo inteiro sentiu negativamente o peso do primeiro impacto causado por esta pandemia, antes mesmo de temer contrair a doença; muitos passaram a temer a realidade da fome e da miséria, sendo ainda pior para aqueles que já viviam essa realidade anteriormente à pandemia chegar.

As medidas adotadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para prevenir a contaminação e propagação da doença são relativamente simples: ficar em casa, higienizar bem as roupas e embalagens de produtos comprados na rua, manter o distanciamento social e proteger-se com máscara e álcool em gel. Porém, sua execução torna-se muito difícil para a população mais pobre, a qual necessita ir à rua para tirar, de alguma forma, o seu sustento, pois sem dinheiro como vão comprar seu alimento ou até mesmo os produtos necessários para desinfetar-se e se proteger do vírus?

Além disso, suas residências são muito pequenas e geralmente abrigam muitos moradores, tornando impossível o isolamento de uma pessoa no caso de alguma suspeita da doença, acabando por contaminar a família toda se for realmente o caso. Não parando por aí, ainda há o problema do abastecimento de água que, na maioria das vezes, é tão ruim que só dá mesmo para guardar água para o consumo e higienização mínima da família, ficando a educação das crianças também seriamente comprometida. Essas são algumas dificuldades enfrentadas não só pela população carente brasileira em meio a esta pandemia, mas por pessoas do mundo todo, pois o problema da desigualdade social acomete todas as sociedades, fazendo muitas famílias sofrerem por não possuírem recursos financeiros mínimos para pagar a assistência às suas necessidades básicas e educacionais.

Diante dessa problemática, o objetivo da pesquisa foi conhecer os impactos pessoais e educacionais na vida dos estudantes do ensino superior em tempos de pandemia da Universidade Federal do Acre/Campus Floresta, município de Cruzeiro do Sul, no interior da Amazônia. Tal proposta se justifica pela pretensão de colaborar com a educação e com as políticas de acesso e permanência dos estudantes no Ensino Superior em tempos de pandemia.

De abordagem qualitativa, essa pesquisa foi feita a partir da aplicação de um questionário

Educação em tempos de pandemia

on-line, solicitado aos estudantes de duas turmas, matriculados na disciplina de Fundamentos da Educação Especial e Língua Brasileira de Sinais-Libras, dos cursos de Letras/Português e Letras/Inglês, da Universidade Federal do Acre/Campus Floresta, no Município de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre.

Em relação à abordagem qualitativa, Marconi e Lakatos (2010, p. 269) apontam que “a metodologia qualitativa se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. A pesquisa qualitativa em educação é indispensável, pois, em sua essência, valoriza as influências do contexto social na compreensão da realidade em que os sujeitos estão inseridos, questões essas que a descrição quantitativa não consegue alcançar com profundidade.

A modalidade de pesquisa utilizada para esse estudo foi a pesquisa de campo. Marconi e Lakatos (2010, p. 169) ressaltam que “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. Contudo, devido à situação atual de pandemia, não obtivemos a aproximação com o objeto de estudo. O questionário foi enviado pela Plataforma G Suíte (Classroom) para 82 acadêmicos das turmas de Letras/Português e Letras/Inglês, sendo que 53 são do sexo feminino e 29 são do sexo masculino.

Diante deste cenário impactante na vida de todos, o problema de pesquisa sobre o qual este trabalho se deterá foi norteado pelas seguintes questões: quais as principais dificuldades encontradas na sua vida pessoal e acadêmica durante a pandemia da Covid-19 e isolamento social? Quais os desafios enfrentados com o novo formato educacional do Ensino Remoto Emergencial – ERE? As tecnologias oferecidas nesse formato pela Universidade são acessíveis ao estudante na Universidade?

O período de coleta foi durante os meses de março a junho de 2020 e os dados foram analisados com base em aporte teórico de Marconi e Lakatos (2010), Senhoras (2020), Santos (2021), dentre outros autores que pautam uma discussão sobre a temática em foco. Baseado na análise dos partici-

pantes, examinamos 40 questionários, sendo 25 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. A partir deles, foi criada uma categoria temática que mais se sobressaiu nas entrevistas dos estudantes, sobre a qual nos debruçamos: a pandemia e as dificuldades de acesso à internet em Cruzeiro do Sul – Acre.

A PANDEMIA EXPÕE AS DIFICULDADES DE ACESSO À INTERNET NO MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO SUL

A internet no Brasil não é das melhores, além de inacessível para boa parte da população. Contudo, com a pandemia da COVID-19 que assolou o mundo, esse problema ficou muito mais evidenciado, tendo em vista a maior necessidade de comunicação virtual e que a internet é a ferramenta válvula de escape para continuarmos trabalhando (para aqueles que o home-office é possível) e os estudantes continuarem tendo aula. Trazendo para uma realidade regional, a problemática torna-se ainda mais complexa: mesmo sendo a segunda maior cidade do Acre, Cruzeiro do Sul sofre por quedas constantes de sinal telefônico e internet, deixando, assim, a população sem comunicação, sem trabalhar, sem estudar, tornando-os ainda mais isolados. Para os cruzeirenses, é muito difícil estar à mercê de uma das piores redes de internet do Brasil sem saber quando ficará sem internet.

Os Estudantes relataram que são muito prejudicados, pois muitas das vezes o sinal cai durante o dia e só volta de madrugada e, por isso, ficam sem aula, não tendo como acessar a sala de aula virtual, não assistir às videoaulas e nem fazer pesquisas on-line. Por outro lado, os professores, algumas vezes, por não terem uma internet de qualidade, também não conseguem enviar os conteúdos de imediato no Google Classroom e, no momento das aulas, muitas das vezes a conexão não ajuda e as falas dos professores e colegas travam muito, afetando o entendimento do conteúdo.

Cruzeiro do Sul é o segundo município mais populoso do estado do Acre, com uma população de 87.673 habitantes, de acordo com afirmativas de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em uma cidade em que o serviço de internet já era péssimo, a pandemia só fez

Educação em tempos de pandemia

com que a conectividade passasse a ser ainda mais importante e necessária e começou a afetar muito mais a população que agora depende, em sua maioria, da internet para trabalhar e para estudar remotamente. Isso nos faz lembrar que, infelizmente, muitas pessoas não têm condições de possuir Wi-Fi em casa, ou não têm como pagar um plano de internet ou ainda comprar pacotes de internet, e os que têm são reféns da instabilidade de sinal telefônico da operadora local.

Estando nesse formato de ensino remoto, somos reféns de pesquisas on-line e, muitas das vezes, a internet cai ou não está funcionando, além de termos que ficar on-line na sala do Google Meet para registrar que estamos no teletrabalho. Então, essas são as maiores dificuldades relatadas no trabalho remoto pelos acadêmicos.

Os estudantes sentiram o impacto com essa nova modalidade de ensino remoto. Os acadêmicos da zona rural, por exemplo, que se encontram em processo de formação por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR -, estão há quase dois anos sem aula devido às condições [precárias] de acesso à internet na região. Os alunos da zona urbana, mesmo com todas as dificuldades já mencionadas, ainda estão estudando, enquanto que outros pararam os estudos completamente. Logo, podemos dizer que a pandemia neutralizou muitas vidas.

Ademais, o ensino remoto aqui na região tem poucos pontos positivos, pois nem todos os alunos têm acesso à internet, o que traz uma grande dificuldade de acompanhar as aulas, de participar dos trabalhos propostos pelos professores e até mesmo de fazer as provas. Mesmo quem tem internet em casa às vezes não consegue assistir, porque o acesso a ela em nossa cidade está cada vez mais difícil, fato esse que não acontece só com a internet, mas também com as redes de telefonia, sem as quais ficamos totalmente isolados do mundo.

Essa dificuldade de acesso ao ensino remoto nos faz pensar em como a vida desses alunos que não podem continuar seus estudos está atrasada e com o futuro comprometido. Isso leva os alunos a trancarem suas faculdades e tentarem trabalhar com outras rendas, já que a faculdade seria uma porta para o trabalho. Dessa maneira, vemos alunos desmotivados e até mesmo deprimidos, alguns

Educação em tempos de pandemia

estariam perto de se formar e acabaram vendo seu sonho adiado. Essa desmotivação é algo que ocorre até com quem tem um acesso mais fácil para acompanhar as aulas remotas, porque existem alunos que não têm facilidade para aprender assistindo as aulas nesse novo formato e que preferiam estar assistindo e aprendendo da forma convencional ou presencial.

Esses pontos negativos não acontecem só com os alunos, mas também com os professores, os quais precisam de um devido acesso para poder passar de forma correta o que está programado e, por várias vezes, se veem tendo que remarcar suas aulas por conta de falta de internet ou de uma internet ruim.

Uma outra dificuldade elencada, que se deve especificamente às quedas de sinais constantes em Cruzeiro do Sul e se apresenta como uma das mais importantes por se tratar de renda, é a questão dos empreendedores os quais atualmente estão dependendo, em sua maioria, da internet para poderem vender seus produtos, principalmente, os que vendem lanches ou comidas de maneira geral, que trabalham com aplicativos e que várias vezes ficam sem ter como vender seus produtos com a ajuda da internet por falta de sinal, causando um enorme prejuízo a eles.

Contudo, podemos notar que o ensino remoto no ensino superior nos ajudou a continuar a nossa caminhada, mas que nem todos os alunos ou professores têm esse acesso adequado, acabando por prejudicar o nosso desenvolvimento como alunos e futuros profissionais. Isso nos leva a pensar e refletir sobre o quanto fomos levados a nos adaptar a esse novo modelo de ensino e que por enquanto não temos saída, visto que a pandemia nos obrigou a seguir dessa maneira.

Apesar de tudo, a pandemia da Covid-19 também nos trouxe coisas positivas, como afirma Boaventura de Sousa Santos, pois a partir do momento que a pandemia assola nosso país “[...] torna-se possível ficar em casa e voltar a ter um tempo livre para ler um livro e passar mais tempo com os filhos [...]” (SANTOS, 2020, p. 6). Assim, passamos a ter mais tempo para estarmos com nossas famílias e fazer coisas que, em anos normais, o cotidiano não permitia.

Considerações Finais

A pandemia da Covid-19 trouxe diversas mudanças em nossas vidas, em inúmeros meios: em nossa casa, no trabalho, nos estudos e até mesmo nas nossas próprias relações pessoais. Devido a isso, tivemos que nos adaptar ao que seria o “novo normal”, mas sabemos que o “novo” nem sempre é bem aceito. Junto à pandemia, vieram as mudanças de hábitos, e podemos dar uma ênfase a essas mudanças no nosso âmbito de faculdade, no ensino superior.

Devido às medidas de distanciamento, os alunos tiveram de estudar em casa, e esse ensino remoto, frente à crise sanitária vivenciada, foi a opção que os alunos tiveram para continuar a faculdade, pois, como sabemos, é de grande importância um certificado de ensino superior.

Esse novo método de ensino trouxe aos estudantes diferentes possibilidades de aprendizado, porque tiveram um maior tempo em casa para estudar, para ler e fazer os trabalhos e provas. Por outro lado, o ensino remoto mostra inúmeros pontos negativos, já que nem todos os alunos têm acesso à internet e isso traz uma grande dificuldade de acompanhar as aulas, de participar dos trabalhos propostos pelos professores e até mesmo de fazer as provas.

Tal estudo apresentou as dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos da Universidade Federal do Acre/Campus Floresta, no Município de Cruzeiro do Sul – Acre, frente aos desafios da pandemia e do Ensino Remoto Emergencial – ERE. Mesmo a Universidade disponibilizando auxílios à conectividade, as dificuldades de acesso, decorrentes da região, impossibilita de a internet chegar com êxito em suas casas.

Podemos concluir, evidenciando as dificuldades no contexto brasileiro em levar educação de qualidade aos lugares mais remotos do país. Em um país com dimensões territoriais gigantescas como o nosso, não é fácil esse benefício chegar em determinadas regiões. Agregue-se a isso, a falta de políticas educacionais eficientes e inclusivas que atendam a esse público isolado, dificultando insistentemente que uma educação de qualidade chegue aos lugares mais distantes. Como se não bastasse,

vivemos atualmente a pior crise sanitária da história de nosso país, o que contribui para que a educação brasileira, dentro do contexto atual, seja cada vez mais uma educação para poucos.

O autor Boaventura de Souza Santos (2020) ainda evidencia as negligências sofridas pela população carente hoje, e ele traz um provável culpado para esse cenário de desigualdade: o capitalismo neoliberal. Desde que o mundo adotou essa nova política econômica, tem passado por mudanças profundas no seu modo de funcionamento, tudo tornou-se mais intenso, como a produção, o desenvolvimento, as tecnologias, as vidas das pessoas, o agravamento das desigualdades sociais, a destruição da natureza, as catástrofes climáticas, sendo esta pandemia até mesmo resultante disso.

O mundo tem sido movido por muitas coisas supérfluas, deixando de lado necessidades muito mais emergentes. Diante disso, Santos (2020) faz um “apelo” para que esta pandemia não seja vista apenas como um símbolo de dor e sofrimento, mas também de aprendizado, a fim de que as pessoas possam não só cuidar mais do planeta e dar mais importância à família, tanto quanto para que novos valores sejam redefinidos, como o da simplicidade de vida, por exemplo. O mundo precisa voltar ao equilíbrio, seres humanos não são mais importantes que os outros seres da natureza, e a riqueza e a ostentação não deveriam mais ser um propósito de vida, mas sim a simplicidade, o contentar-se com o suficiente e o necessário para viver sem passar necessidades, pois se todos adotassem esse modelo de vida não haveria tantas famílias morrendo de fome, mendigando as migalhas dos outros, analfabetas e morrendo em filas de hospitais públicos. Não é uma missão fácil para a humanidade reverter essa situação, porém a mudança é necessária para tornar o mundo um lugar melhor e até mesmo mais duradouro, assegurando-se, assim, a sobrevivência das próximas gerações.

Referências

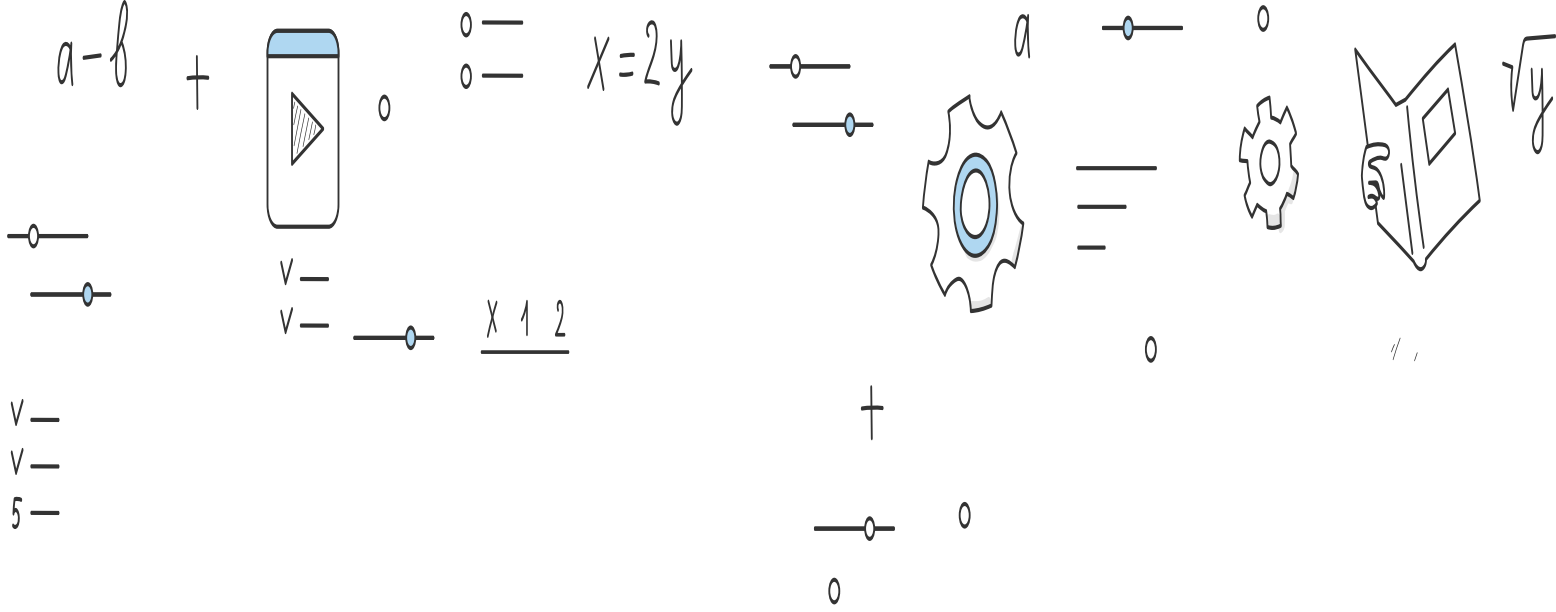
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Educação em tempos de pandemia

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. *O futuro começa agora: da pandemia a utopia* / Boaventura de Souza Santos – 1. Ed – São Paulo: Boitempo, 2021.

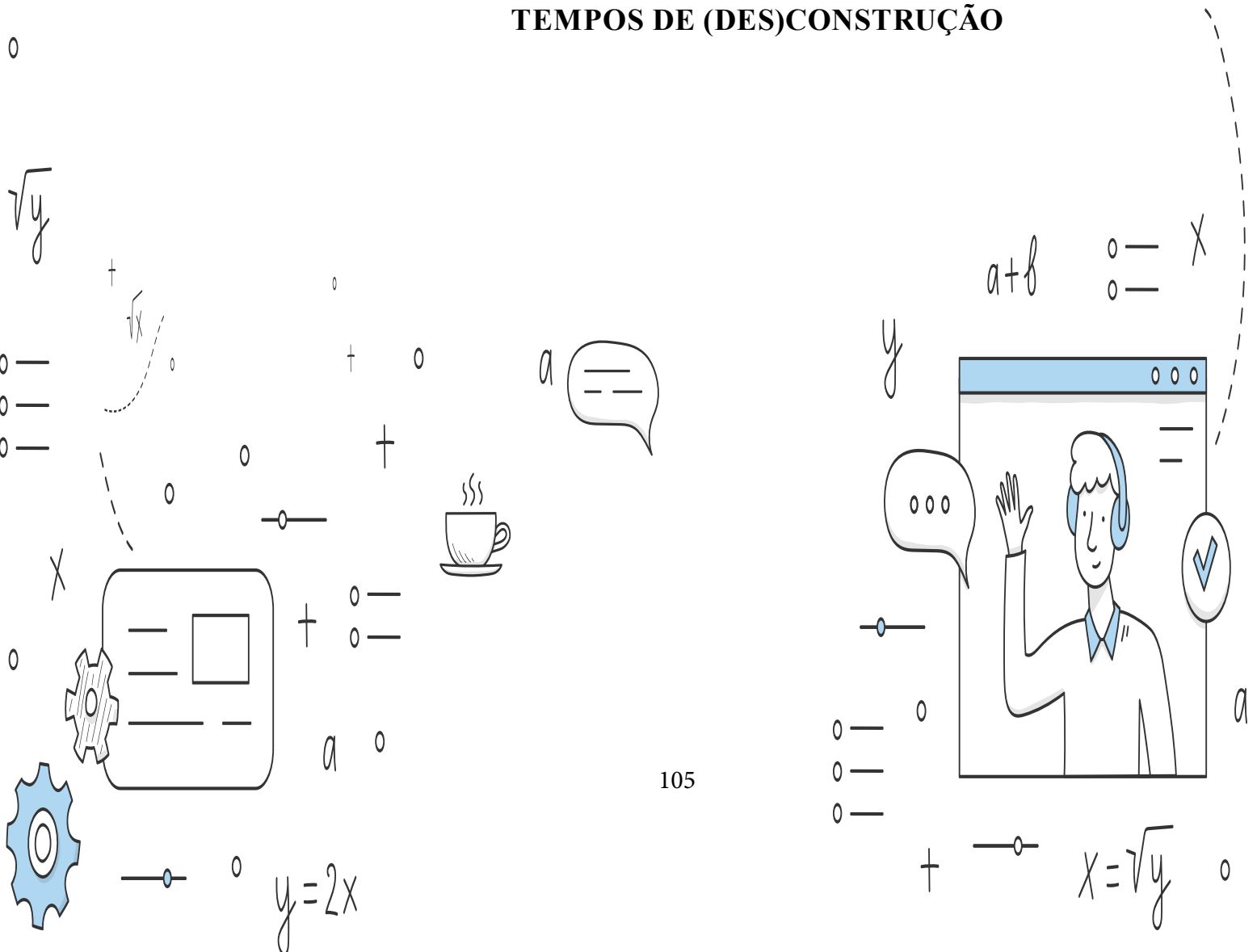
SENHORAS, Elói Martins. *Educação, Ensino superior e a pandemia da COVID-19*. Boa vista: Editora da UFRR, 2020.



Capítulo

9

A EDUCAÇÃO NO ENSINO DA ENFERMAGEM EM TEMPOS DE (DES)CONSTRUÇÃO



A EDUCAÇÃO NO ENSINO DA ENFERMAGEM EM TEMPOS DE (DES)CONSTRUÇÃO

EDUCATION IN NURSING TEACHING IN TIMES OF (DE)CONSTRUCTION

Regiane Aparecida Jacomini

Introdução

Invenção, reinvenção, adaptação, readaptação, mudanças são palavras de intenso significado que acompanham o desenvolvimento de um indivíduo, de uma sociedade e de uma nação, com sua cultura, hábitos e costumes característicos. Não foi diferente no ano de 2020, marcado pela pandemia da COVID-19, com muitas dificuldades, construções e desconstruções.

A infecção humana pelo novo coronavírus, Sars-CoV-2, identificado como agente etiológico da doença chamada COVID-19, que começou em Wuhan, na China, no final de 2019, foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em janeiro de 2020, como emergência em saúde pública de importância internacional, sendo caracterizada, no mês de março do mesmo ano, como pandemia. Sendo o isolamento social a medida de maior prevenção e controle pelo potencial de redução da transmissão, estratégias foram estabelecidas para a interrupção da transmissão, visando a identificação, isolamento e cuidado dos pacientes infectados: acelerar o desenvolvimento de diagnósticos, de terapêuticas e de vacinas; realizar atividades de conscientização da comunidade; e minimizar os impactos sociais e econômicos (HE, DENG E LI, 2020).

A Universidade é um ambiente que pressupõe a excelência e a inclusão, cujos valores incluem a capacidade de inovação, a identificação profissional, de modo a criar novas oportunidades, carreiras e práticas em conformidade com uma visão inovadora (COSTA ET AL., 2020).

Educação em tempos de pandemia

Empregam-se as metodologias ativas, organizadas em princípios, dentro das quais, o eixo estruturante desse método é o aluno, que é estimulado a ter uma participação mais ativa na construção do seu conhecimento, adquirindo, assim, habilidades como a capacidade de reflexão, análise, discussão, comparação e criticidade. Ao redor desse eixo, tem-se a autonomia, que vem como consequência da autoaprendizagem, da problematização da realidade e da reflexão. Desse modo, o ato de estudar não se baseia apenas no armazenamento de informações, mas na promoção de intervenções na realidade do indivíduo, sendo essas provenientes de um embasamento em evidências (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017). O curso de enfermagem já vivencia o uso, em diferentes momentos de metodologias ativas, seja em sala de aula, por técnicas de ensino diferenciadas, ou em laboratórios, por equipamentos e softwares de simulação realística. Entretanto, tais ferramentas são complementares ao ensino, e não único método utilizado (VIEIRA E SANTOS, 2020).

Porém, os desafios afetaram toda uma estrutura educacional, que precisou ser realinhada de um dia para o outro, e para a qual os professores precisaram adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line, com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, em caráter emergencial (PREMEBIDA, 2021). O Ministério da Educação publicou a Portaria n.º 343, em 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - COVID-19 (Vieira e Santos, 2020). Essa experiência proporcionou acesso a novas tecnologias, acompanhadas de uma gama de novas possibilidades, dando espaço a um sistema antes sem visibilidade (PREMEBIDA, 2021).

A situação de crise no cenário mundial, instaurada pela COVID-19, exigiu rápidas modificações na forma de ensinar, com professores e gestores assumindo a responsabilidade de garantir, além da qualidade na formação, estratégias para que os estudantes atendam aos requisitos dessa, considerando as desigualdades do acesso ao ensino remoto imposta pelo cenário epidemiológico-social brasileiro, reconhecendo a pressão enfrentada pelos serviços de enfermagem na busca por profissionais competentes para assumir os diversos papéis exercidos pelo enfermeiro (CARVALHO, et al., 2020).

Educação em tempos de pandemia

A preocupação com a educação em enfermagem no Brasil data de 1929, em aderência ao primeiro estatuto da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), ao assumir papel relevante no tema da educação e do futuro da profissão. É necessário manter-se vigilante quanto ao anúncio de políticas de formação que possam comprometer os interesses da profissão (MANCIA, 2015).

Diante da realidade vivenciada pela educação mundial, os gestores das faculdades e universidades precisaram (re) inventar novas formas de prover o ensino, preservando a qualidade do mesmo. Com as novas portarias do Ministério da Educação e Saúde, onde essas deram abertura para que todos os cursos utilizassem de metodologias remotas para continuidade do ano letivo, surge o desafio de prover, para o usuário, a sensação de imersão, de encontrar-se dentro do ambiente, a partir da navegação e interação nesse meio virtual, enquanto que o educador, respeitando os princípios educacionais e a abordagem pedagógica na qual acredita, não transforme esse momento em uma simples educação à distância (Bezerra, 2020).

A nova metodologia anuncia como deve ser o novo professor, seu perfil e papel ante a transformação e a reinvenção da função docente, socializadora e humanizadora do ato educativo. Os professores assumem uma posição de reprodução das mais recentes vontades políticas e tecnológicas, onde a ideologia atravessa inclusive a própria identidade docente, que passa a ser alguém modernizado e incluído digitalmente (SANES, et al., 2020).

Estudantes e professores, no contexto da pandemia, vivenciam desafios no processo de ensino-aprendizagem relacionados à relevância da presença do estudante no serviço de saúde, ao atendimento das necessidades sociais, com ênfase no SUS, à integralidade do cuidado, à avaliação baseada em conhecimentos, habilidades e atitudes e à gestão da qualidade na atenção à saúde e na segurança do paciente, decorrentes do desenvolvimento adequado de todas as competências necessárias para a conclusão do curso. Logo, cabe a cada Instituição de Ensino Superior (IES) avaliar as suas condições de organização institucional, bem como as condições epidemiológicas, a fim de definir os caminhos a serem traçados para os cursos de graduação em Enfermagem (LIRA, 2020).

Educação em tempos de pandemia

Emerge a preocupação com o perfil de formação do enfermeiro, com vistas a atender às demandas sociais, superando abordagens tradicionais de ensino, apontando mudanças de paradigmas e rompendo com práticas e crenças que podem dificultar a realização de mudanças. Esse perfil está descrito na Diretriz Curricular Nacional (DCN) dos cursos de graduação em Enfermagem, que prezam por um processo formativo centrado no cuidado, assegurando aos indivíduos, grupos e comunidade a integralidade por meio de um processo formativo de enfermeiros com autonomia, discernimento e proatividade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

As fragilidades que podem afetar a formação em enfermagem dizem respeito principalmente ao âmbito das atividades práticas e estágios. A formação em Enfermagem requer o estabelecimento de vínculos de confiança, permitindo cuidados e orientações em cenários reais de prática. “Na arte e na ciência do cuidado”, a enfermagem combina conhecimentos técnicos e humanísticos necessários à potencialização da sensibilidade para lidar com as fragilidades e necessidades humanas (Ministério da Saúde, 2018).

Como a Enfermagem pode se reinventar nesse contexto, preservando-se o processo de formação do enfermeiro e como futuro educador, torna-se uma das preocupações frente a esse novo cenário da educação. Trata-se da complexidade de se reinventar em um contexto de dúvidas, des(construções) e necessidades impostas pelas realidades sociais implicadas nesse processo. É no campo prático que o aluno desenvolve habilidades essenciais para o seu aprendizado clínico e formação de qualidade. A Educação a Distância (EAD) e o ensino remoto são modalidades sem inserção em cenário prático, não possibilitando a vivência nos mais diversos ambientes de atuação do futuro profissional. Ainda que figurem como alternativas em tempos de enfrentamento da COVID-19, são lacunas no processo formativo (COSTA, et al., 2020).

A competência para o cuidado provém do desenvolvimento de conhecimentos pertinentes sobre o objeto e os instrumentos de trabalho, legitimamente formulada e transmitida pela ciência e, também, da prática socializadora e construtora de identidade (SANES, ET AL., 2020).

Educação em tempos de pandemia

A educação dos profissionais de saúde, em consenso entre os educadores, deve ser baseada e orientada para as necessidades de saúde da comunidade, nos contextos epidemiológicos e sanitários da população. As instituições educacionais possuem uma função primordial nesse enfrentamento da pandemia e, para isso, precisaram se adequar e responder prontamente a essa urgente demanda da comunidade em todo o mundo, contando com a qualificação da força de trabalho, de forma inovadora e criativa, com a realização de pesquisas para embasamento científico e a propagação da educação em saúde (AUGUSTA, PALACIO E TAKENAMI, 2020).

A humanidade foi transportada para um novo contexto educacional, em espaços geográficos diferentes, levando a questionar os conceitos antes tidos de aula, presença, tempo, espaço, conteúdo, estudante, professor, avaliação, presença, tecnologia, práticas pedagógicas e aprendizagem. E com pouco conhecimento por parte da maioria dos professores sobre potencialidades das tecnologias digitais (TD) para os processos de ensino e de aprendizagem, mergulhou-se nesse novo contexto. Foi no percurso que as resistências e medos foram sendo superadas, na medida em que a única opção era conviver com as incertezas, explorar e experimentar, enquanto novas formas de ensinar e de aprender eram inventadas (SCHLEMMER, OLIVEIRA E MENEZES, 2021).

O revés da pandemia consiste justamente no fato de mobilizar pessoas, instituições e poder público para repensarem os caminhos que têm sido tomados no âmbito do ensino superior, da ciência e da tecnologia, bem como, a própria função social e intersetorial da Enfermagem.

A educação é um campo de diálogo de saberes, em uma configuração interdisciplinar. A pandemia de Covid-19 trouxe a oportunidade de expandir as trocas de saberes, ampliada de estudiosos, profissionais e movimentos sociais.

Considerações Finais

Para a formação dos futuros profissionais da enfermagem, é importante que haja uma (re)

organização na atuação dos gestores, docentes e discentes para as práticas de ensino inovadoras, que propiciem ao estudante o raciocínio crítico e reflexivo, diálogo, vínculo e interação. Todos esses elementos fazem parte de uma formação que visa a transformação, o empoderamento, e não apenas a transmissão do conhecimento.

Referências

HE, F., Deng, Y., Li, H. (2020). Coronavirus Disease 2019: What we know? *Journal of Medical Virology*. Volume 92, Issue 7, March 2020.

COSTA R, Lino MM, Souza IJde, Lorenzini E, Fernandes GCM, Brehmer LCdeF, Vargas AdeO, Locks MOH, Gonçalves N. Ensino de enfermagem em tempos de Covid-19: como se reinventar nesse contexto? *Texto Contexto Enferm* 2020; 29.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. *Revista Thema*, v. 14, n. 1, 2017.

VIEIRA, Taísa Diva Gomes Felipe; Santos, Mauro Leonardo Salvador Caldeira dos. Estratégias pedagógicas e uso de metodologias ativas na graduação em Enfermagem em tempos de pandemia do Coronavírus - COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 11, 2020.

PREMEBIDA, Eduardo Antero. Educação em (Des)Construção: uma abordagem sobre o uso do ensino remoto nas universidades brasileiras. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, e52410112063, 2021.

Educação em tempos de pandemia

CARVALHO, Ana Luisa Brandão de; Edlamar, Lira; Adamy, Kátia; Teixeira, Elizabeth; Silva, Francisca Valda da. Educação em enfermagem: desafios e perspectivas em tempos da pandemia COVID-19. *Rev. Bras. Enferm.* 73 (suppl 2), 2020.

MANCIA, JR; Padilha, MIC; Ramos, FRS. A organização da enfermagem brasileira. Parte 1: ABEN. In: Padilha MIC, Borenstein MS, Santos I (Ed.). *Enfermagem: história de uma profissão*. 2a ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora; 2015. p. 411-448.

BEZERRA, I. M. P. (2020). Estado da arte sobre o ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia do corona vírus. *J Hum Growth Dev.* 2020; 30(1), 141-147.

SANES MS, Neves FB, Pereira LEM, Ramos FR, Vargas MA, Brehmer LCF, et al. Educação a distância não! Produção de sentidos dos discursos de entidades representativas da enfermagem. *Rev Bras Enferm.* Forthcoming 2020.

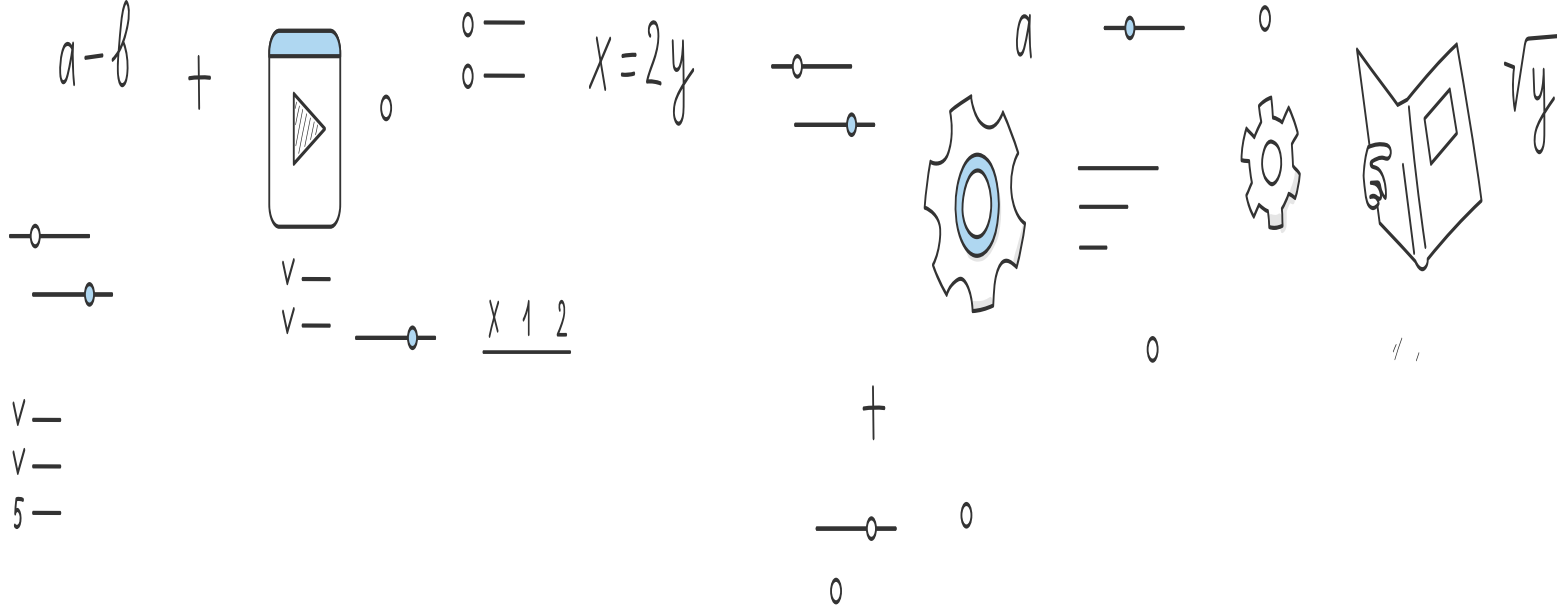
LIRA ALBC, Fernandes MICD, Costa IA, Silva RSC. Estratégia de aprimoramento do ensino do exame físico em enfermagem. *Enferm Foco.* 2015;6(1/4):57-61.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 573, de 31 de janeiro de 2018 [Internet]. 2018[cited 2020 Jun 08] Available from: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso573.pdf>.

AUGUSTA, Maria; Palácio, Vasconcelos; Takenami, Iukary. Em tempos de pandemia pela COVID-19: o desafio para a educação em saúde. *Revista Visaem Debate: sociedade, ciência e tecnologia.* Vigil. sanit. debate 2020;8(2):10-15.

Educação em tempos de pandemia

SCHLEMMER, Eliane; Oliveira, Lisiane César; Menezes, Janaina. O HABITAR DO ENSINAR E DO APRENDER EM TEMPOS DE PANDEMIA E A VIRTUALIDADE DE UMA EDUCAÇÃO OnLIFE. REVISTA PRÁXIS EDUCACIONAL v.17, n.45, p. 1-25, abr./jun. | 2021.



Capítulo

10

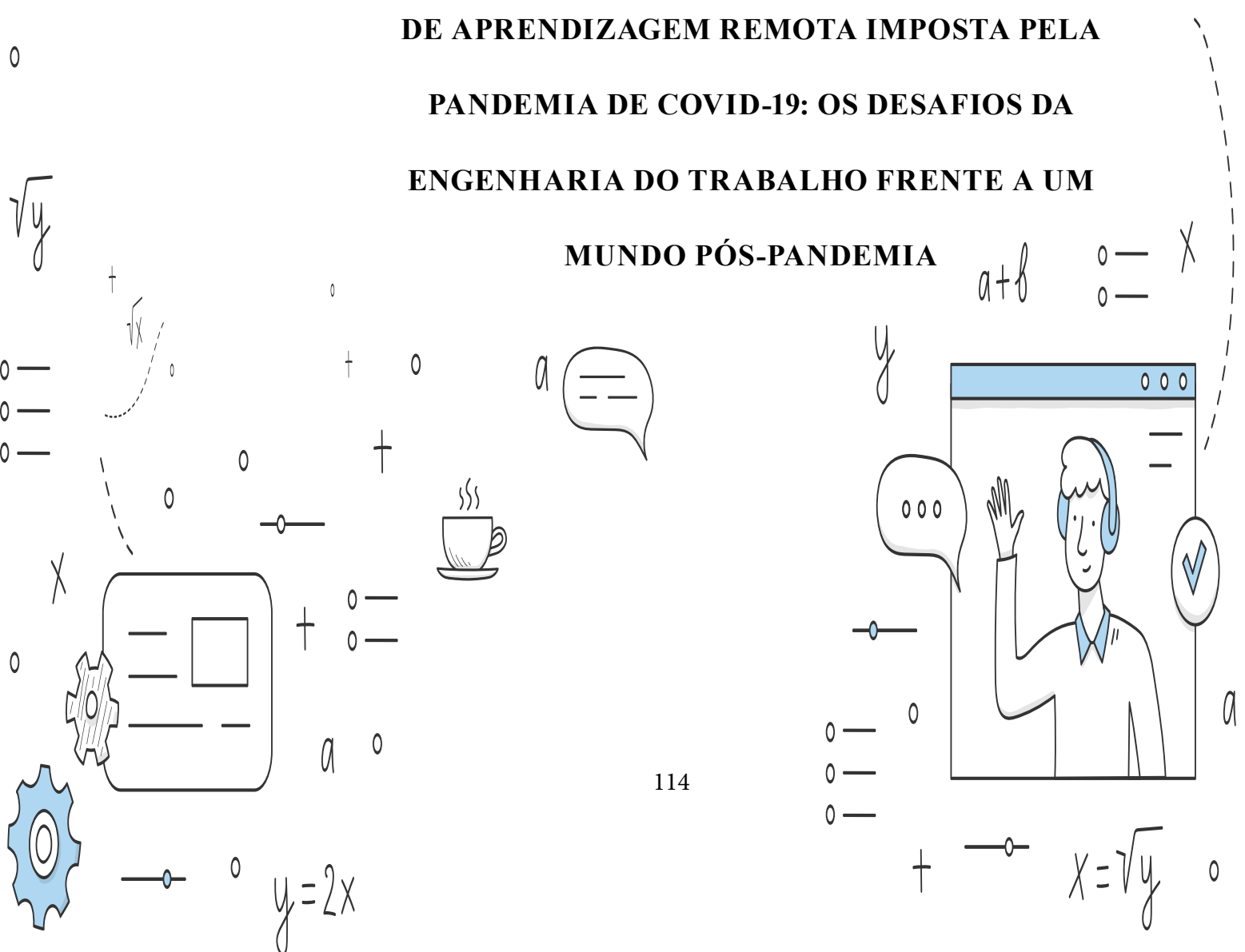
PERCEÇÃO DOS ALUNOS FRENTE À CONDIÇÃO

DE APRENDIZAGEM REMOTA IMPOSTA PELA

PANDEMIA DE COVID-19: OS DESAFIOS DA

ENGENHARIA DO TRABALHO FRENTE A UM

MUNDO PÓS-PANDEMIA



PERCEPÇÃO DOS ALUNOS FRENTE À CONDIÇÃO DE APRENDIZAGEM REMOTA IMPOSTA PELA PANDEMIA DE COVID-19: OS DESAFIOS DA ENGENHARIA DO TRABALHO FRENTE A UM MUNDO PÓS-PANDEMIA

STUDENTS' PERCEPTION OF THE REMOTE LEARNING CONDITION IMPOSED BY THE COVID-19 PANDEMIC: THE CHALLENGES OF LABOR ENGINEERING IN A POST-PANDEMIC WORLD

Daniel Gobato Röhm¹

Marcelo Alexandre Tirelli²

Introdução

A pandemia causada pela COVID-19 obrigou a sociedade a adotar o isolamento social. Neste contexto, as instituições de ensino superior e professores, visando não interromper suas atividades e programação, foram obrigadas, de maneira muito rápida, a migrar do processo de aprendizagem e do ensino presencial e físico para a forma de ensino remoto on-line. Assim, torna-se necessário diferenciar o ensino remoto e ensino a distância: a Educação à Distância é uma modalidade de educação tão complexa quanto a educação presencial. Ela tem princípios, normas, recursos didáticos e abordagens específicas para atividades síncronas e atividades assíncronas. Essa modalidade requer infraestrutura, formação e capacitação permanente de professor autor, professor mediador on-line, coordenador de disciplina, orientador de polo e outros. No ensino Remoto ou On-line, as aulas acontecem ao vivo e pode haver momento de exercício, leitura ou exibição de vídeos, porém, tudo acontece de forma síncrona, quando os alunos precisam estar presentes on-line durante a aula ao vivo, podendo também ser

1 Prof. Mestre em Engenharia Urbana (UFSCar).

2 Prof. Doutor em Engenharia de Materiais (FAENQUIL)

complementada com atividades assíncronas.

Apesar da liberação para retomar às aulas presenciais a partir de 7 de outubro de 2020, decisão anunciada pelo prefeito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB), nove em cada dez universidades da capital paulista vão manter o formato de ensino remoto. A conclusão é de um levantamento do Semesp-SP (Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior), entidade que representa mantenedoras de ensino superior no Brasil. Entre as maiores universidades da capital paulista, a grande maioria negou ou disse não ter previsão da volta das aulas com grupos maiores de alunos (UNIFESP, USP, PUC-SP, Cásper Líbero, Mackenzie e Insper). Desde julho, porém, o governo autorizou o retorno, com restrições, de atividades práticas de alguns cursos de ensino superior e profissionalizante, o que trouxe alguns alunos de volta às aulas presenciais nessas instituições (Portal R7, 2020).

Mesmo com regresso gradual das aulas presenciais, segundo o protocolo do governo do Estado de São Paulo, as faculdades poderão operar com 35% dos alunos. Outros itens que devem ser mantidos são: o distanciamento de 1,5 m de distância entre os estudantes, a organização de horários de intervalos, as entradas e saídas para evitar aglomerações, a manutenção do uso de máscara obrigatório, a proibição do uso de bebedouros, o fornecimento de água potável de forma individualizada, dentre outros.

Dessa forma, o ensino remoto deverá continuar, mesmo com as aulas presenciais. Röhm et al (2020) utilizaram uma ferramenta de análise de riscos HRN para levantar a quantificação de risco de contaminação pela COVID-19 diante de atividades essenciais. A metodologia adotada

permitiu correlacionar a atividade desempenhada de diversos setores com a existência de uma doença ocupacional causada pelo vírus. Portanto, o retorno às aulas presenciais deve ser gradual e respeitar os protocolos citados, e as aulas remotas continuarão a ser uma medida preventiva necessária para evitar que a contaminação pela COVID-19 volte a crescer.

Metodologia

Pádua (2004) afirma que a pesquisa exploratória pode ser utilizada quando os temas a serem estudados sejam novos, pouco conhecidos e para os quais ainda não existam teorias satisfatórias. Tem-se por objetivo conhecer as variáveis do objeto a ser estudado e o contexto no qual se insere, possibilitando ao pesquisador descobrir novas percepções sobre o modo de pensar do senso comum.

Para a obtenção de parte dos dados necessários para este artigo, desenvolveu-se um questionário com perguntas abertas e fechadas. Buscando-se obter a percepção de cada aluno sobre a aprendizagem remota durante o isolamento social, foram desenvolvidas 15 questões abertas e fechadas a respeito de suas opiniões frente às situações impostas pela condição da pandemia para a continuidade das aulas.

A pesquisa foi realizada por meio de formulário digital, pela plataforma do Google Forms, aplicado no período de 26 de junho a 30 de julho de 2020, com 74 alunos de curso de graduação de nível superior, abordando 15 questões, dentre as quais, 3 questões básicas de identificação e mapeamento, como idade, curso e período da aula, e sendo as outras 12 questões voltadas para a identificação e inferência da percepção dos alunos.

Discussão

A pandemia de COVID-19

Segundo Rezende. (1998), Pandemia é definida como uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente. Como exemplo tantas vezes citado é o da chamada “gripe espanhola”, que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, nos anos de 1918-1919, e que

causou a morte de cerca de 20 milhões de pessoas em todo o mundo.

O espectro clínico da infecção por coronavírus é muito amplo, podendo variar de um simples resfriado até uma pneumonia grave. Os sinais e sintomas desenvolvidos podem incluir problemas respiratórios leves e febre persistente, em média de 5 a 6 dias após a infecção (período médio de incubação de 5 a 6 dias, em um intervalo de 1 a 14 dias) (CMAO, 2020).

O risco de contaminação

De acordo com Lapa & Goes (2011), Risco é a relação existente entre a probabilidade de ocorrência de um evento associado à sua consequência. Quando se aborda a prevenção, sempre se atua na questão da probabilidade, que quanto menor, fornece um risco diretamente proporcional à atividade, pois nem sempre a consequência pode ser mensurada ou controlada. No caso da pandemia de COVID-19, a consequência é desastrosa. No momento da escrita deste trabalho o número de óbitos no Brasil superou 134.000.

Quantificação do risco

A partir de uma ferramenta nomeada HRN (Hazard Rating Number), Röhm et al (2020) quantificaram o risco de contaminação pela COVID-19 em atividades essenciais.

Tabela 5 - Quantificação de riscos das atividades das atividades essenciais pela metodologia HRN

Situação	LO - Probabilidade de ocorrência	FE - Frequência de exposição	DPH - Grau de severidade	NP - Número de pessoas expostas	Índice de risco de contágio
Situação de aulas presenciais - Sem protocolo	8	4	12	12	4608
Situação de aulas presenciais - Com protocolo	5	4	12	8	1920
Situação de aulas presenciais - Com vacina	0,033	4	1	2	0,264

Médicos, enfermeiros e demais trabalhadores da área Hospitalar	10	5	12	12	7200
Trabalhadores que utilizam transporte público	8	4	12	12	4608
Atendentes de bancos e lotéricas	5	5	12	12	3600
Frentistas de postos de combustível	2	5	12	12	1440
Trabalhadores em home-office	0,033	1,5	12	2	1,188
Falta de uso de máscara	8	4	12	4	1536
Atendentes de Farmácias	8	5	12	8	3.840
Atendentes e trabalhadores de Supermercados	8	5	12	12	5760
Trabalhadores de Moto-entrega	5	5	12	8	2400

Fonte: Adaptado de Röhm et al (2020)

A quantificação de riscos deixa claro que é alto o risco de contaminação para professores e alunos, sem a utilização dos protocolos de segurança, atingindo o mesmo patamar que os trabalhos que utilizam transporte público (IRC: 4.608). Esses dados vêm reforçar que a adoção dos protocolos de segurança são fundamentais para o retorno das aulas.

Vale salientar também que, mesmo com a adoção dos protocolos de segurança, o risco de contaminação continua existindo (IRC: 1920), mostrando o porquê nove entre dez universidades ainda manterão as aulas remotas. No caso de mudança de cenário, com a existência de uma vacina, o Índice de Risco de Contágio atinge um nível aceitável entre 0 e 1 (IRC: 0,264). Isso mostra que a vacina ainda é o melhor caminho.

Ensino por meio de aulas remotas

O planejamento das metodologias empregadas nas aulas presenciais foi alterado para a modalidade presencial remota, em virtude do período emergencial de pandemia do coronavírus - (“CO-

VID-19”), em conformidade com as autorizações e determinações das autoridades competentes: “Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017” (PORTARIA Nº 544 06/20).

“O Conselho Nacional de Educação (CNE), através de uma resolução aprovada no dia 6 de outubro de 2020, estendeu a permissão de atividades remotas para o ensino básico e superior, público e particular, até o fim de 2021. A adoção de carga horária a distância, no entanto, fica a critério de cada rede de ensino ou instituição. O documento amplia as normas excepcionais de atendimento educacional por causa da Covid-19. O texto regulamenta a Medida Provisória (MP) do governo Jair Bolsonaro que flexibilizou o ano letivo de 2021 e permitiu, na pandemia, levar em conta atividades online como carga-horária do ano letivo - a MP foi convertida na lei n 14.040, de agosto” (FSP, 2020).

Resultados e Discussões

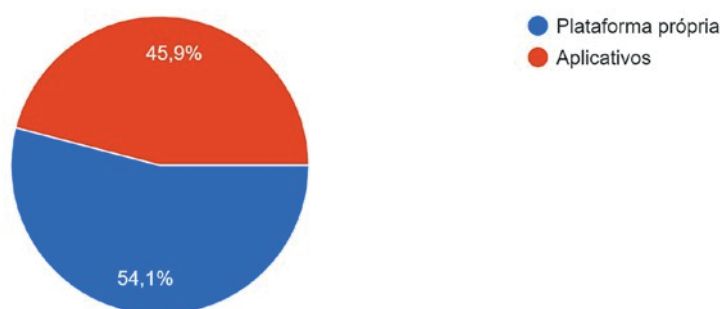
Dos resultados obtidos desta pesquisa da percepção dos alunos dos cursos de Engenharia, é importante relatar que há abrangência das áreas dos cursos como Engenharia de Produção, Civil, Mecânica, de Segurança do trabalho, Automação, Administração, Matemática, Pedagogia, Enfermagem, Tecnologia da informação.

Os resultados desta pesquisa da percepção de aprendizagem dos alunos de Engenharia são descritas a seguir:

Na questão 4, onde foi perguntado se “sua instituição de ensino adotou alguma plataforma ou utilizou aplicativos (Meeting, Zoom, Teams, etc)?”, a resposta foi que 45,9% das universidades pesquisadas adotam aplicativos como forma de ensino, e 54,1% utilizaram-se de plataforma própria

(Figura 1).

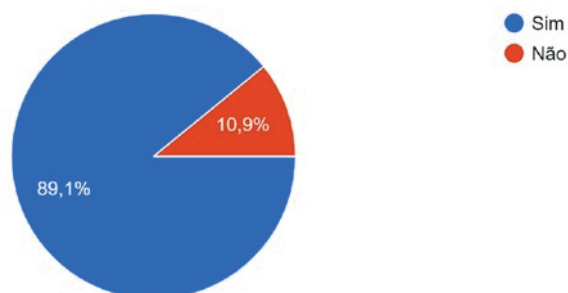
Figura 1: Sobre a adoção de plataforma própria ou aplicativos para aulas remotas



Fonte: Elaboração dos autores

Quando questionado se as plataformas atenderam às expectativas e às necessidades no processo de aprendizagem, 89,1% responderam que sim (Figura 2).

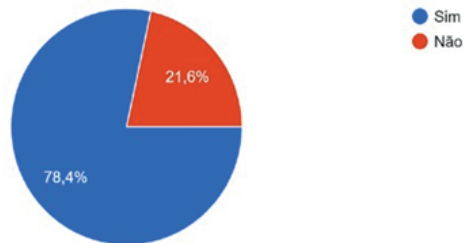
Figura 2: Cumprimento do papel pelas plataformas próprias



Fonte: Elaboração dos autores

Quando questionado se o distanciamento social interferiu no índice de aprendizagem, as respostas foram majoritariamente maiores para sim, com 78,4%, contra 21,6% (Figura 3).

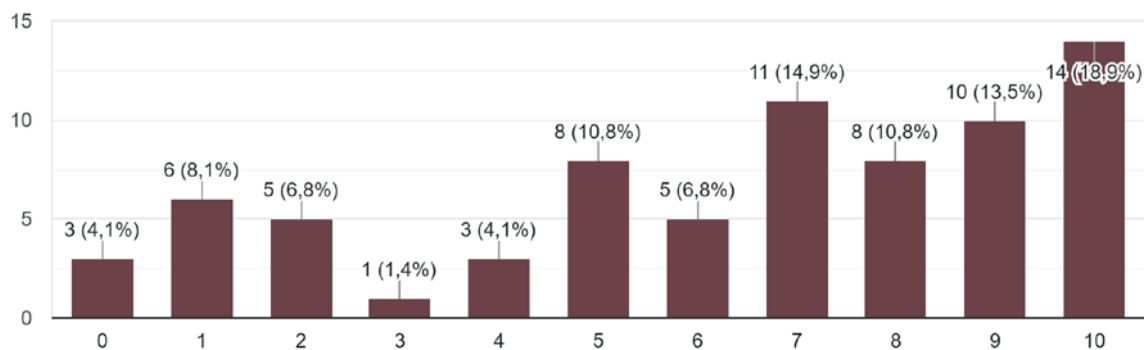
Figura 3: “O distanciamento social interferiu no índice de aprendizagem?”



Fonte: Elaboração dos autores

Para avaliar como foi a interferência do distanciamento sobre a aprendizagem, foram atribuídas notas de 0 a 10, onde “0” indica que não interferiu e “10” que interferiu muito (figura 4).

Figura 4: Grau da interferência do distanciamento social sobre a aprendizagem



Fonte: Elaboração dos autores

A maioria dos alunos realizou as aulas remotas em casa, conforme 93,2% (figura 5).

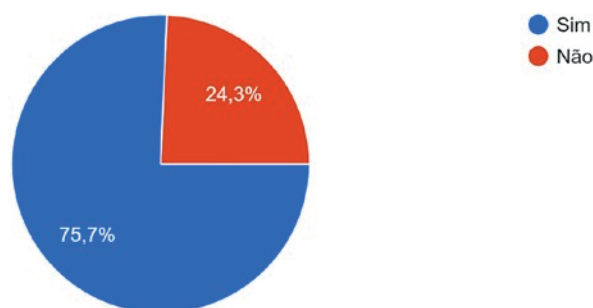
Figura 5: Local onde foram realizadas as aulas remotas



Fonte: Elaboração dos autores

Em virtude da situação da pandemia, os alunos responderam se o lugar escolhido para a realização das aulas remotas era um local adequado para a realização das atividades acadêmicas e 75,7 responderam que sim, ou seja, que “em casa”, era o melhor lugar para a realização das aulas (figura 6).

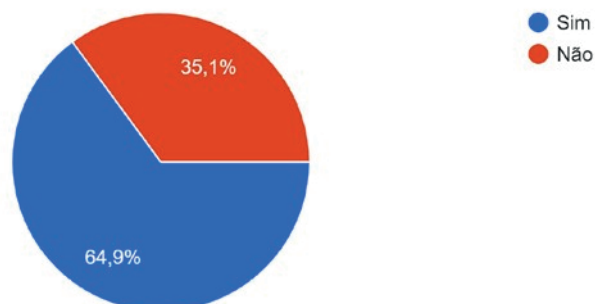
Figura 6: “O local escolhido para realizar as aulas remotas é o ideal para as atividades acadêmicas?”



Fonte: Elaboração dos autores

Questionado se a conexão com a internet utilizada supriu a necessidade para as atividades remotas, quase 65% responderam que sim (figura 7).

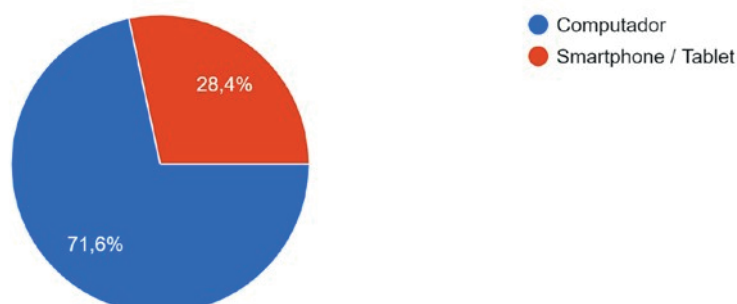
Figura 7: “A conexão com a internet supriu a necessidade para as atividades remotas?”



Fonte: Elaboração dos autores

A utilização do computador para a realização das aulas remotas foi a grande maioria das respostas, com 71,6% delas. Mas, 28,4% mencionaram que utilizam o smartphone ou tablet (figura 8).

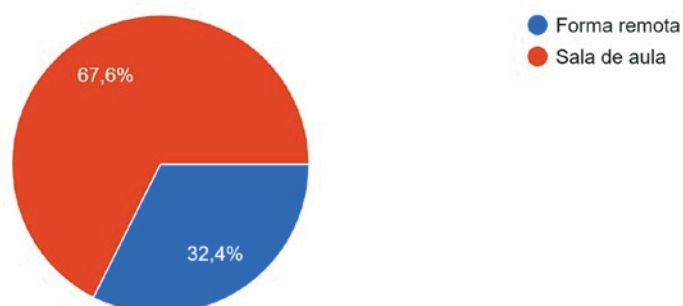
Figura 8: “Você utilizou um computador ou smartphone/tablet?”



Fonte: Elaboração dos autores

Quase 70% dos entrevistados disseram que preferem atividades em sala de aula às aulas remotas, de acordo com a pesquisa (Figura 9).

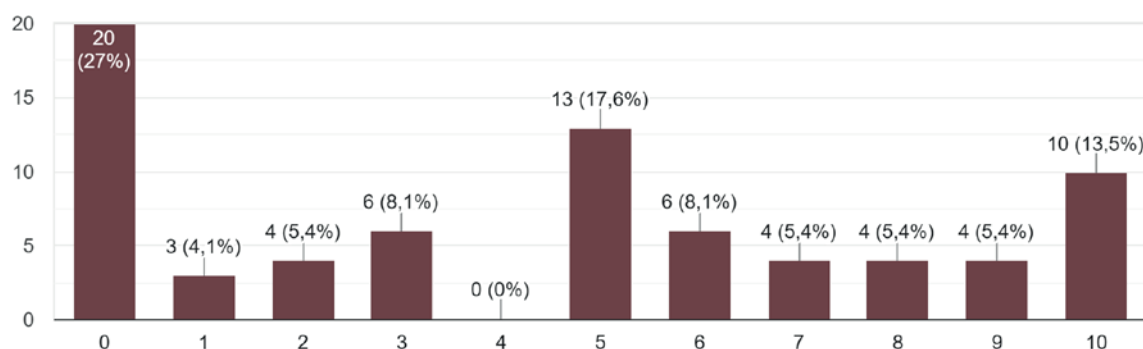
Figura 9: “Dada a experiência deste semestre, você prefere atividades na forma remota ou em salas de aula?”



Fonte: Elaboração dos autores

Sobre o retorno das atividades presenciais, 13,5% sugeriram o ensino híbrido (aulas presenciais e aulas remotas), como forma de ensino (Figura 10).

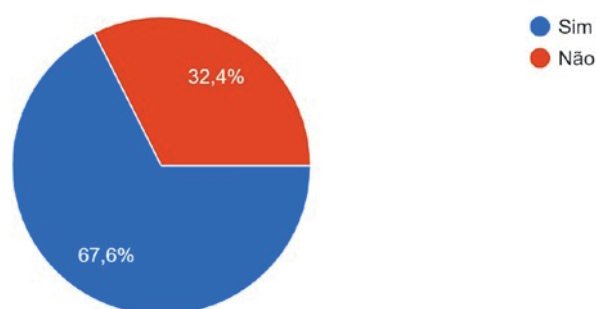
Figura 10: “Quando ocorrer o retorno às atividades nas condições normalizadas, qual seu índice de satisfação caso sejam adotadas aulas mescladas em aulas remotas e aulas presenciais (formato híbrido)?”



Fonte: Elaboração dos autores

A grande maioria dos entrevistados (67,6%) disse que os professores conseguiram cumprir o papel de transmitir o aprendizado frente às aulas remotas (Figura 11).

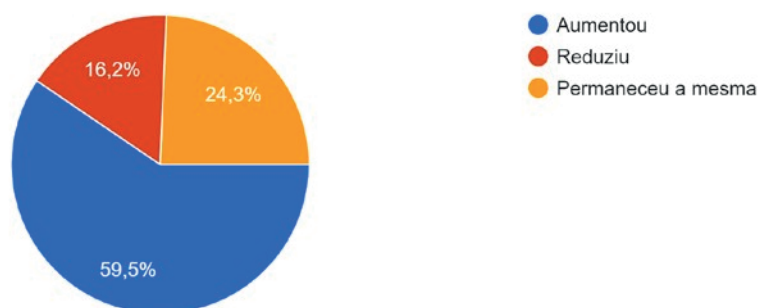
Figura 11: “Com relação aos professores, você acha que os professores conseguiram cumprir o papel transmitindo aprendizado, frente à condição imposta?”



Fonte: Elaboração dos autores

Sob a percepção dos alunos, 59,5% responderam que a carga de trabalho dos professores aumentou durante a pandemia com as aulas remotas (figura 12).

Figura 12: “Quanto à carga de trabalho do professor, se está aumentando, reduziu ou permaneceu a mesma durante as aulas remotas?”



Fonte: Elaboração dos autores

O uso de metodologias de ensino que exijam recursos tecnológicos de menor robustez (memória, velocidade, capacidade de processamento e etc.) podem ser facilitadoras, assim como a quan-

Educação em tempos de pandemia

tidade de atividades exigidas, porque muitos alunos do ensino superior já estão atuando no mercado de trabalho como estagiários, profissionais registrados. Ademais, durante a pandemia, alguns alunos passaram a desenvolver atividades dentro do lar (limpeza da casa, preparação de alimento, cuidar dos filhos ou familiares, etc.). Sendo assim, o docente precisa ponderar essas coisas de tal forma que haja um desenvolvimento do ensino sem afetar a vida pessoal e/ou profissional do aluno. Uma outra questão importante é que, apesar da desigualdade ter ficado mais evidente durante a pandemia, porque os discentes com maiores poderes aquisitivos possuem melhores tecnologias e um pacote de rede de internet mais robusto, o modelo de ensino remoto se mostrou eficaz no acesso ao ensino, possibilitando aos discentes que residem em locais de difícil locomoção, por causa da distância, dessem prosseguimento nos estudos. Os grandes centros urbanos, como a grande São Paulo, apresentam problemas de mobilidade: há pessoas que dependem de até três conduções para se deslocar ao local de trabalho ou de estudo, o que pode levar inclusive três horas de duração. Dessa forma, o uso da tecnologia dentro do modelo de ensino remoto facilita o acesso à educação e garante uma melhor qualidade de vida aos discentes, pois o tempo que seria gasto em deslocamento poderá ser empregado em outras atividades (esporte, cultura, lazer, família e educação). Para isso, dentro do ensino de Engenharia, o uso das metodologias ativas e a possibilidade de se trabalhar em ambientes virtuais de simulação tornam o modelo remoto mais próximo do modelo tradicional (sala de aula física).

Considerações Finais

Considerando o Índice de Risco de Contágio para as aulas presenciais sem protocolo (4.608) e para as aulas com protocolo (1.920), percebe-se a necessidade da adoção de medidas rígidas de controle a serem cumpridas por todos com a finalidade da redução do risco de contágio. Logo, isso demonstra a importância dos protocolos diante da retomada gradual das aulas presenciais.

O ensino remoto, no entanto, ainda continuará, em vista que o próprio protocolo prevê que

Educação em tempos de pandemia

apenas 35% dos estudantes estão aptos a voltar.

Dada a forma como o ensino remoto foi imposto, pela condição de saúde pública, podemos afirmar que ao índice de aceitação geral dos alunos foi boa, tornando-se também uma oportunidade para as instituições implantarem futuramente e, de modo permanente, parte do ensino de forma remota em seus cursos.

Com base na pesquisa realizada com os alunos, apesar dessa percepção ser prejudicada pela rapidez e necessidade da migração para o ensino de forma remota, podemos inferir que existe o reconhecimento de que os professores tiveram sua carga de trabalho aumentada. A maioria concorda que a qualidade e o rendimento no processo de aprendizagem se mantiveram, que a conexão de internet atendeu de forma razoável as necessidades e, como destaque dessa pesquisa, que a maioria dos alunos pesquisados prefere a forma de ensino presencial físico com os colegas e professores.

O modelo de ensino remoto tem sido positivo e, apesar dos empecilhos observados, os estudantes conseguiram desenvolver um bom aprendizado durante a pandemia. A dificuldade de acesso à tecnologia foi evidente no período, porque muitos alunos e professores não possuíam dispositivos eletrônicos ou apresentaram dificuldades de conexão de internet, além da falta de memória para a utilização de softwares específicos no decorrer das aulas.

Neste tempo de pandemia, o docente passou a ter um papel ainda mais importante dentro do processo de ensino aprendizagem, contribuindo para a minimização dos obstáculos encontrados. Apesar da carga de trabalho docente ter aumentado, das dificuldades enfrentadas pelos alunos, a sinergia entre as Instituições de Ensino, os professores e alunos foi fundamental para o bom desenvolvimento do aprendizado.

Referências

BRASIL. PORTARIA N 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020. Diário Oficial da União. Disponível

Educação em tempos de pandemia

em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria=-n544--de16--de-junho-de2020-261924872-#:~:text=Dispõe sobre a substituição das,12 de maio de 2020. Acesso em: 23 set. 2020.>

FOLHA DE SÃO PAULO. Conselho de Educação permite aula remota até fim de 2021 no ensino básico e no superior. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/10/conselho-de-educacao-permite-aula-remota-ate-fim-de-2021-no-ensino-basico-e-no-superior.shtml> Acesso em: 06 out. 2020.

LAPA, R. M., & Goes, L. S. (2011). *Investigação e análise de incidentes*. Edicon. São Paulo. 1ª Ed. 2011.

LIMA, CMAO (2020). Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). Disponível em: http://www.rb.org.br/detalhe_artigo.asp?id=3258 Acesso em: 22 set. 2020 PÁDUA, E. M. M. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 10.ed. Campinas: Papirus, 2004.

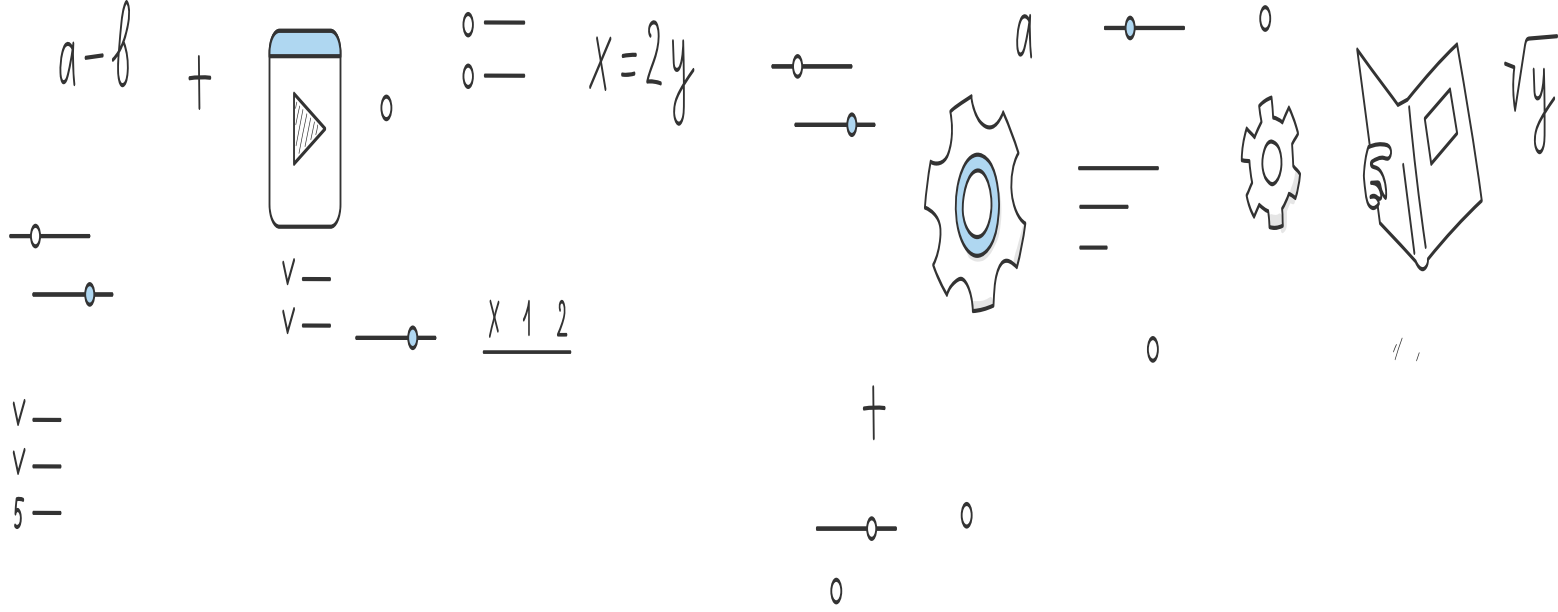
REZENDE, J. M. R. (1998). Linguagem Médica - Epidemia, Endemia, Pandemia. *Epidemiologia. Revista de Patologia Tropical*. 27; 153-155.

RÖHM, D. G. ., Luciano, E. L., Rosa, J. L. ., Tirelli, M. A. ., Okano, M. T. ., & Ribeiro, R. B. Quantificação do risco de contaminação da covid-19 diante de atividades essenciais e proposta para onexo causal como doença ocupacional no Brasil. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/bjpe/article/view/31005> Acesso em 21 set 2020.

R7. SP: 90% das universidades não vão retomar as aulas a partir de outubro. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/sp-90-das-universidades-nao-vao-retomar-aulas-a-partir->

Educação em tempos de pandemia

-de-outubro- 18092020 Acesso em 21 set 2020.

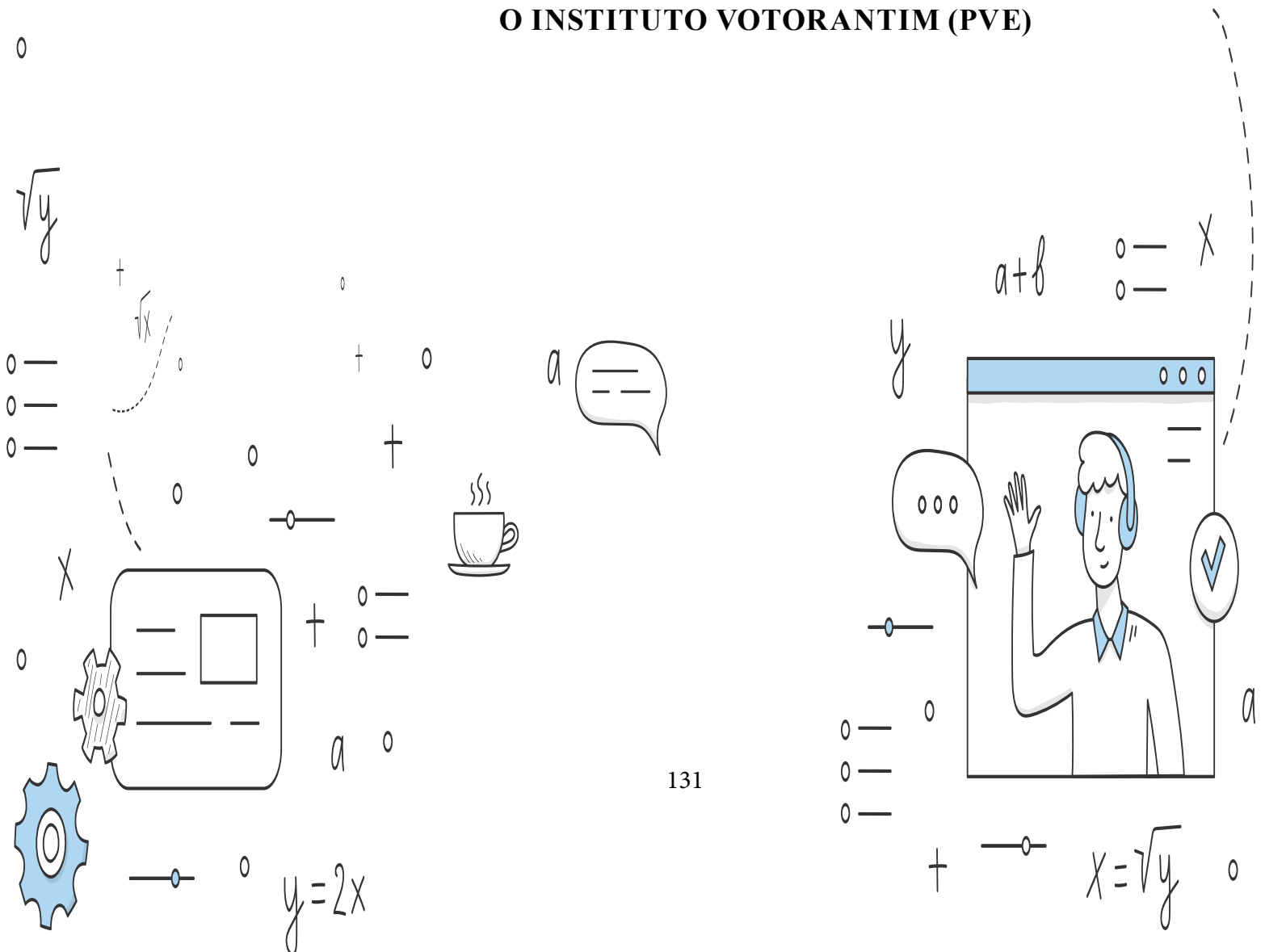


Capítulo

11

GESTÃO ESCOLAR NA PANDEMIA: PARCERIA COM

O INSTITUTO VOTORANTIM (PVE)



GESTÃO ESCOLAR NA PANDEMIA: PARCERIA COM O INSTITUTO VOTORANTIM (PVE)

SCHOOL MANAGEMENT IN THE PANDEMIA: PARTNERSHIP WITH THE VOTORANTIM INSTITUTE (PVE)

Claudinei Zagui Pareschi¹

Claudinei José Martini²

Introdução

Os gestores escolares, na posição de lideranças, tiveram um papel muito importante nesta pandemia e, do mesmo modo, se reinventaram perante as novas tecnologias educacionais que emergiam diante do desconhecido. O novo contexto pandêmico gerado pela Covid-19 trouxe novas e antigas demandas para a gestão escolar, dentre elas, a convergência e a interação das pessoas ao agir com as tecnologias de informação e de comunicação, dedicando-se a amenizar, da melhor forma possível, as perdas educacionais dos estudantes, que forçados a manterem o isolamento social, não puderam frequentar presencialmente as escolas.

Sem perderem de vista o modelo de gestão democrática, as equipes gestoras planejaram ações para que as escolas pudessem cumprir seu papel social e educativo, mobilizando professores, funcionários, alunos e suas famílias a darem continuidade no processo formativo e educativo de crianças e de jovens.

Com o avanço da pandemia e a decretação de fechamento de instituições de ensino em todo

1 Mestre em Educação pela UNIMEP e Gestor Escolar – Secretaria Municipal de Educação de Limeira – SP.

2 Especialista em Mídias na Educação pela UFSJ e Professor – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Educação em tempos de pandemia

país, nos meados de março de 2020, o Ensino Emergencial Remoto foi o recurso disponível a ser implementado no momento, no qual a relação entre alunos e professores, por meio das novas tecnologias digitais, passou a ser também uma preocupação no sentido da qualidade do aprendizado dos alunos, bem como no conhecimento informático dos professores, muitos desprovidos de formação específica para lidar com os atuais recursos digitais educacionais.

A ausência de disponibilidade de acesso à internet em muitos locais foi e continua sendo o grande entrave de alcance à rede mundial de computadores, seja por motivos financeiros ou pela falta de equipamentos tecnológicos apropriados, que muitas famílias e mesmo alguns profissionais da Educação enfrentam em seus cotidianos escolares, pois o sistema educacional brasileiro carece de investimentos tanto tecnológicos quanto de formação aos profissionais da educação em serviço.

A partir dessas e outras constatações surgiram alguns questionamentos pertinentes, dentre eles: como capacitar e motivar os professores a fim de empregarem as ferramentas tecnológicas disponíveis para facilitar a aprendizagem, a comunicação e a interação com os alunos? Como atingir aqueles alunos que não têm acesso à tecnologia?

Assim, podemos perceber a importância da ação do gestor escolar neste tempo de incertezas e de dificuldades materiais e de saúde. É a equipe gestora, em parceria com toda a comunidade escolar, quem faz com que as ações educativas ocorram, motivando professores e alunos a darem continuidade em suas atividades com o compromisso e a qualidade que o ensino remoto exige. Nesse sentido, por meio de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho procura elencar alguns dos desafios enfrentados pelos gestores, durante o início da pandemia até os dias atuais, e algumas ações desenvolvidas por eles, em especial, algumas práticas desenvolvidas na SME - Limeira (Secretaria Municipal de Educação de Limeira) em parceria com o Instituto Votorantim (PVE).

Gestão democrática na pandemia: Desafios

Educação em tempos de pandemia

Ao falarmos sobre a gestão democrática escolar, antes de tudo, precisamos compreender, em um breve momento, o que é Democracia.

A Democracia constitui-se de um sistema político fundamentado no modelo de participação e partilha de poder entre os cidadãos, alicerçado sobre um conjunto de direitos e deveres constitucionalmente estabelecidos de acordo com sua faixa etária e suas funções sociais exercidas, “que se orienta pelo respeito mútuo, pelo diálogo e pela participação solidária em prol do bem comum, em todas as relações sociais cotidianas” (INSTITUTO VLADMIR HERZOG, 2015, p. 11). Sendo assim, nosso papel, enquanto gestores e educadores, é conceber situações de ações práticas na escola para que o aprendizado se realize em comunidade de maneira democrática.

Sobre isso, a gestão democrática, amparada pela Constituição Federal de 1988 (art. 206, inciso VI), estendendo-se também sobre as Constituições Estaduais e nas Leis Orgânicas dos Municípios como uma determinação constitucional, bem como a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 (LDB – art. 3, inciso VIII), consiste no fazer juntos, no consultar as pessoas antes de tomar decisões, na experimentação de formas não autoritárias de exercício do poder, definindo coletivamente o rumo dos trabalhos no ambiente escolar. Tal preceito está explícito no artigo 14, incisos I e II da mesma lei:

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996, p. 6).

À vista disso, a função da gestão escolar vai além do que apenas administrar, pois objetiva a:

[...] orientação valorativa de objetivos e metas, com os processos decisórios

Educação em tempos de pandemia

e normativos pertinentes e as responsabilidades daí decorrentes. A gestão escolar democrática é um processo em construção permanente, sempre referente às características próprias de cada escola e da realidade social e cultural de seu entorno. Tem um caráter pedagógico e emancipatório, no sentido da formação de personalidades democráticas em direção à cidadania ativa (BENEVIDES, 2015, p. 14-15).

Nessa metodologia, todos os membros da comunidade escolar vivem e aprendem a participar e atuar em uma conjuntura democrática, convivendo com o diálogo e colaborando para o desenvolvimento e o crescimento de características pessoais, individuais e coletivas.

Sendo assim, Libâneo (2015, p. 89) completa que a gestão democrática se baseia na participação e no conceito de autonomia³. “A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento dos profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar”.

O conceito antigo de gestão, baseado num modelo hierárquico e autoritário, foi modificado e, agora, leva em consideração que todas as pessoas podem contribuir para uma boa gestão. O gestor deixa de ser aquele que ordena as regras para as pessoas seguirem passivamente e passa a ser aquele que motiva a equipe, de maneira afetiva/amorosa, a participar do processo de tomada de decisão para juntos chegarem a um objetivo.

De acordo com Pareschi; Pareschi e Martini (2017, p. 4), “o gestor estimula a criatividade da equipe, tomando decisões sem ignorar as posições das pessoas da equipe”. Ele precisa assumir uma nova postura por meio de uma gestão participativa e compartilhada:

Ele passa a reconhecer as potencialidades das pessoas e a valorizar os membros de sua equipe, dando vez e voz para criar um sistema cooperativo e não

³ A autonomia para Libâneo significa “a capacidade das pessoas e dos grupos a livre determinação de si próprios, isto é, de conduzirem a própria vida (LIBÂNEO, 2015, p. 89).”

Educação em tempos de pandemia

mais competitivo sempre atento à formação continuada. Busca o envolvimento de todos com responsabilidade e comprometimento. Valoriza as trocas, compartilha as práticas exitosas, busca transparência nas decisões, objetividade nas ações e simplicidade nos procedimentos (PARESCHI; PARESCHI; MARTINI, 2017, p. 4).

Com as escolas fechadas por causa da pandemia da Covid-19, a gestão foi desafiada a pôr em prática a gestão democrática. Foi um momento difícil em que o gestor teve que se reunir com a equipe escolar para a tomada de decisões coletivas, visando atender as demandas decorrentes do momento pandêmico. A maior preocupação com o avanço da pandemia da Covid-19 foi criar estratégias para se evitar a evasão escolar.

Alves (2020) afirma que o isolamento social causado pela pandemia despertou muitas doenças psicológicas nas pessoas, além de aumentar a fome e o desemprego no país, afetando fortemente a economia. Com isso, as medidas de políticas públicas deveriam ter sido mais fortes.

O prolongamento desse distanciamento tem efeitos negativos na saúde física e mental provocados por medo de infecção, frustração, tédio, informações divergentes, falta de contato pessoal, falta de espaço em casa e falta de renda. Para mitigar estes efeitos, várias ações conjuntas devem ser realizadas, como o comitê de pais, que tem papel de conciliador na escola; deve também apoiar hábitos saudáveis de alimentação; psicólogos oferecendo serviço de apoio; assistência social para ajudar os pais a lidar com os problemas familiares (ALVES, 2020, p. 3).

O autor recomenda também que gestores educacionais e escolas “busquem diminuir o medo, a tristeza e a frustração por parte dos professores e alunos com apoio tecnológico da internet e com-

putadores, para que consigam atingir o objetivo proposto nesse novo calendário escolar brasileiro com aulas remotas” (ALVES, 2020, p. 4).

Freire (2021), em sua pesquisa no Estado de Alagoas, constata que há muitas carências que dificultam a vivência de um ensino de qualidade para todos, como a dificuldade do acesso a equipamentos adequados. Afirmar também que, “além das faltas materiais, o ensino remoto traz uma nova perspectiva de ensino em que estudantes e professores precisam de apoio para lidar com ansiedades e incertezas tão recorrentes no mundo em pandemia” (FREIRE, 2021, p. 7).

Peres (2020, p.24) denota que, com a mudança do ensino presencial para o ensino remoto, o desafio que se impõe aos gestores de escola passou a ser o de “inovar-se para liderar com eficácia e eficiência esse novo contexto educacional, mantendo a credibilidade do processo de ensino e aprendizagem apesar das adversidades”. O gestor precisa agregar valores à equipe para fazer a diferença na individualidade e na coletividade:

Dentre eles a sensibilização para que os objetivos comuns da instituição de ensino não sejam esquecidos, sendo retomados a partir de uma nova realidade, considerando também a ampliação da construção de ambientes cooperativos, de respeito, de senso de pertencimento, de autodesenvolvimento (PERES 2020, p. 24).

Maria Helena Bonilla atenta para a urgência de uma alfabetização digital no Brasil, uma circunstância primordial para promover um maior alcance da população a tais tecnologias:

Mas o que é mesmo um nível de alfabetização digital mínimo? Está indicada a oferta de treinamento básico para que a população possa adquirir essa habilidade nesse curto espaço de tempo, sugerindo inclusive o (auto) aprendizado, disponível a custo zero (em vídeo e/ou na rede), cursos livres, presenciais e a distância, testes de habilitação reconhecidos pelo mercado, como formas de

promover essa “alfabetização” aligeirada (BONILLA, 2001, p. 7).

Percebe-se, com a fala da autora, que os investimentos na capacitação da população são baixos diante das necessidades urgentes em capacitar as pessoas de maneira rápida por meio de cursos de curta duração, e alerta para a falta de políticas públicas que democratizem o acesso ao mundo digital, de forma a incluir efetivamente o indivíduo na Sociedade da Informação, observando sempre que a necessidade educacional básica da população brasileira seja a alfabetização formal ampla, especialmente, neste momento de grave crise de saúde mundial.

Anteriormente à pandemia da Covid-19, o mundo todo já havia sido transformado pelo advento das novas tecnologias e pela Cybercultura⁴. Houve mudanças significativas na educação originadas pelo uso das novas tecnologias por professores e alunos. Com o ensino remoto emergencial decretado pelos governos, o gestor teve de compreender a posição e a importância dos professores nesta nova realidade e acreditar no processo de mudança, incentivando-os a utilizar os meios tecnológicos a fim de oferecer uma educação de qualidade aos alunos.

Ao mesmo tempo, precisou envolver as famílias no processo educacional, aconselhando-as a participarem da vida escolar de seus estudantes. Sobre as novas demandas do gestor na pandemia cita Santos; Alves e Arraes (2021):

O gestor escolar tem assumido responsabilidades nas escolas cada vez mais complexas, como o processo de democratização que envolve a participação da comunidade participativa, bem como a ampliação do acesso escolar, considerando diferentes culturas e atendendo às vulnerabilidades sociais; o processo da globalização como foco nas novas tecnologias, a exemplo; as aulas híbridas e remotas a que professores e gestores precisaram se adequar de forma rápida dentro do contexto da pandemia da covid 19; e sobretudo, o desafio

4 Cybercultura foi o termo utilizado por Levy (1999) para designar a cultura mediada pelas novas tecnologias no ciberespaço.

de contribuir para que a função social da escola seja alcançada (SANTOS; ALVES; ARRAES, 2021, p. 10).

Contudo, ainda há, no meio dos professores, uma resistência ao uso das novas tecnologias, também chamada de tecnofobia⁵. Belloni (2009) compreende que a tecnologia não é boa nem má em si mesma, sua eficiência como ferramenta de apoio na educação depende muito do uso que se faz dela. A autora nos traz a máxima de que sua integração na educação é uma necessidade: “já que as tecnologias já estão no mundo, transformando todas as dimensões da vida social e econômica, cabe ao campo educacional integrá-las e tirar de suas potencialidades comunicacionais e pedagógicas o melhor proveito” (BELLONI, 2009, p. 104).

Estudos mostram que a prática dos professores, mesmo com o uso das novas tecnologias, continua com a metodologia de aulas expositivas. Muitos não aproveitaram as tecnologias disponíveis para manter a interação com os alunos. Os gestores tiveram a função de tomar providências para que os professores mudassem essa metodologia, e também ajudá-los no processo de transposição didática das aulas presenciais para as aulas virtuais. Incentivar as reuniões on-line interativas pelos aplicativos Zoom, Google Meet, reuniões pelo WhatsApp, etc. foi uma das ações dos gestores. Além da motivação dos professores para o uso das novas tecnologias, foi preciso oferecer a eles os recursos, as ferramentas necessárias para o desenvolvimento do ensino remoto emergencial.

Paro (2015) nos chama a atenção ao fato de que o processo pedagógico deve tomar o estudante como sujeito. Por meio da educação, ele forma sua personalidade e se apropria da cultura: “Educar não é apenas explicar a lição ou expor um conteúdo disciplinar, mas propiciar condições para que o educando se faça sujeito de seu aprendizado, levando em conta seu processo de desenvolvimento biopsíquico e social desde o momento em que nasce” (PARO, 2015, p. 49).

O planejamento das atividades e a organização da escola são muito importantes. Libâneo (2015, p. 169) refere-se ao processo organizacional como um processo de “racionalização do uso dos

5 Tecnofobia é o termo utilizado para designar o medo, resistência ou aversão a tecnologia.

recursos humanos, materiais, físicos, financeiros, informacionais”, indispensáveis para o bom funcionamento da escola. A equipe gestora cria a rotina dos vários setores da escola, desde o trabalho do professor até os serviços de limpeza e a conservação dos espaços escolares, sempre pensando em propiciar as melhores condições para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem dos alunos. Para que a família e os estudantes pudessem participar das aulas remotas, eles precisavam perceber que tudo foi bem organizado pela equipe.

Outro grande desafio para as equipes gestoras foi promover a atividade colaborativa entre os professores num momento em que o trabalho acontecia remotamente. Promover a união da equipe também foi fundamental para que as ações pudessem ser efetivadas, formando uma rede onde um apoiasse o outro. Por isso, os gestores fizeram reuniões virtuais semanais com seus professores para socializar as dificuldades, as ações e os materiais pedagógicos produzidos por eles, promovendo o diálogo entre a equipe, dividindo também as dúvidas e angústias geradas pelo momento pandêmico.

É importante lembrar que as famílias também sofreram muito com a pandemia e algumas delas entraram em vulnerabilidade social. Muitos perderam o emprego ou tiveram a diminuição dos seus recursos financeiros, tendo dificuldade para manter equipamentos eletrônicos e internet. Outros não sabiam utilizar a tecnologia, não tinham tempo, paciência, etc. Logo, foi necessário uma aproximação com as famílias a fim de entender todas essas realidades para poder saber como apoiá-los. Além disso, a realidade social da comunidade escolar e do entorno sempre deve ser considerada na hora da equipe gestora criar ações de intervenção. E para manter a comunicação com os pais, os canais mais utilizados foram os telefones e e-mails da escola, os grupos de WhatsApp e as redes sociais, como páginas do Facebook e Instagram.

PVE (Parceria pela Valorização da Educação) – Instituto Votorantim

Em 2020, gestores da Secretaria Municipal de Educação de Limeira – SP (SME-Limeira)

puderam contar com a parceria do Instituto Votorantim. O Programa Parceria pela Valorização da Educação (PVE), do Instituto Votorantim, tem como objetivo “contribuir para a melhoria da educação pública nos municípios de atuação das empresas investidas da Votorantim, trabalhando em duas grandes frentes – gestão e mobilização”⁶.

O programa contou com o apoio técnico da Comunidade Educativa CEDAC, atuando por meio de encontros virtuais, com a finalidade de apoiar os gestores no planejamento e implementação de políticas públicas educacionais para a melhoria da aprendizagem. O PVE atua no apoio de desenvolvimento de competências, auxiliando os gestores no desenvolvimento de melhores práticas de gestão, sempre estimulando a troca de experiências e a construção conjunta do conhecimento.

No ano de 2020, as ações do PVE auxiliaram as equipes gestoras na reorganização da equipe escolar, na melhora do relacionamento com as famílias, na realização de atividades pedagógicas remotas e no planejamento da busca ativa. A partir das formações, os gestores criaram um plano de ação e fizeram registros das ações realizadas, tendo como foco a recuperação de aprendizagem dos alunos e a mobilização das famílias. A atuação do PVE foi focada na qualidade e na equidade.

Com a parceria do PVE, os gestores da SME-Limeira passaram a realizar as seguintes ações durante a pandemia, em sintonia com o Plano Adaptativo Municipal⁷:

- Plantão diário na unidade escolar: para organizar escala de trabalho e a realização de todos os encaminhamentos orientados pela SME, decorrentes do Plano Adaptativo SME/COVID-19;
- Manutenção da comunicação: criou-se canais de comunicação para manter vínculos com a SME-Limeira, com professores, funcionários e com as famílias dos estudantes para um melhor acompanhamento da comunicação, preparação das aulas e [seu] desenvolvimento com os estudantes;
- Merenda escolar: organização de montagem de kits de gêneros alimentícios e disponibilizá-los às famílias dos alunos;

6 Cf. informações da página do Instituto Votorantim disponível em <https://comunidadeeducativa.org.br/parceria-pela-valorizacao-da-educacao-pve>

7 Disponível em: <https://pve.institutovotorantim.org.br/wp-content/uploads/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Webinar-PVE-A%C3%A7%C3%B5es-de-Limeira.pdf>.

- Apoio ao estudante: divulgação às famílias dos conteúdos disponibilizados na Plataforma da SME-Limeira e outras;
- Realizar cadastro das propostas na Rede de Compartilhamento de Experiências: compor um banco de atividades com a contribuição dos professores da Unidade Escolar.
- Preparação do material para impressão: imprimir as atividades contidas nos roteiros de estudo, nos livros didáticos e no material de orientação aos pais;
- Compor uma escala de trabalho para os docentes e demais funcionários: para organizar e distribuir os kits pedagógicos de uma forma que se evite a aglomeração de pessoas. Registrou-se, por meio de uma planilha, para comprovação futura, a participação do docente e dos funcionários nessa atividade;
- Elaborar comprovantes de retirada dos kits pedagógicos: a serem assinados pelos responsáveis;
- Chamar a atenção das famílias para as orientações presentes na capa do material: em especial, para o prazo para devolução do material a ser avaliado e corrigido pelo professor.
- Busca ativa: fazer a busca ativa dos estudantes que não estavam participando das atividades remotas e encaminhar os casos mais graves de negligência ao serviço de assistência social.
- Incentivo ao uso das tecnologias e à formação continuada dos professores: incentivar os professores a utilizarem os recursos tecnológicos disponíveis para facilitar e dinamizar o trabalho pedagógico com os estudantes, e incentivá-los a realizarem cursos de formação oferecidos pela SME-Limeira em sua plataforma PERFORME e em outras plataformas como AVAMEC e TRILHAS.

Considerações Finais

Neste artigo ficou evidente que os gestores escolares enfrentaram muitos desafios durante a suspensão das aulas presenciais e tiveram um papel muito importante em motivar os professores a

utilizarem as tecnologias disponíveis em suas aulas, a fim de manter a interação com os alunos. Todavia, manter o vínculo com os pais também foi importante para o sucesso das atividades, já que foram eles que mediam em casa as atividades, apoiaram os filhos na resolução de problemas, etc. Ademais, o gestor precisou acompanhar a comunicação dos professores com os pais e ajudá-los a superar as dificuldades que apareceram no processo.

O professor, planejando atividades dinâmicas mediadas pelas novas tecnologias, pode promover a superação de desafios, melhorando a comunicação e o entendimento por parte dos estudantes. Para Moran (2000, p. 63), “ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial”.

Ainda segundo Moran (2004, p. 3), “para educar com qualidade, implica em ter acesso e competência para organizar e gerenciar as atividades didáticas em, pelo menos, quatro espaços, ou seja, a sala de aula; o laboratório; a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem e a inserção em ambientes experimentais e profissionais”.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) podem ser um recurso eficaz para auxiliar o professor, sempre acompanhadas de metodologias adequadas conforme as necessidades do aluno. O papel do professor, mesmo com o uso de tecnologias em suas aulas, ainda é o de construir um aluno crítico e autônomo e, para isso, são necessárias mudanças para o aperfeiçoamento de um melhor ensino-aprendizagem.

Por fim, com o Ensino Remoto Emergencial imposto pelo isolamento social da pandemia da Covid-19, ainda em curso durante o desenvolvimento deste artigo, percebemos, por meio de estudos e vivências, que as equipes gestoras das escolas, em especial da SME-Limeira, com o auxílio do PVE do Instituto Votorantim, se esforçaram em criar estratégias para fazer com que professores e alunos, funcionários e famílias, na medida do possível, assumissem seus papéis e suas responsabilidades para juntos propiciar momentos formativos.

Referências

ALVES, Gabriel Cunha. Desafios da gestão escolar frente à pandemia de Covid-19. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 33, 1 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/33/desafios-da-gestao-escolar-frente-a-pandemia-de-covid-19>. Acesso em 05/09/2021. Acesso em: 08 out. 2021.

BENEVIDES, Maria Victoria. Direitos Humanos, do que se trata? Em *Democracia na Escola: caderno temático*, 1 ed. São Paulo: 2015. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/40125.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

BEZERRA, Narjara Peixoto Xavier; VELOZO, Antônia Pereira; RIBEIRO, Emerson. Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. *Rev. Pemo, Fortaleza*, v. 3, n. 2, e323917, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.3917>. Acesso: 21 ago 2021.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 out. 2021.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 22 ago. 2021.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

Educação em tempos de pandemia

BONILLA, M. H. O Brasil e a alfabetização digital. *Jornal da Ciência*, Rio de Janeiro: abril de 2001.

FREIRE, Juliana Gonçalves. Ensino Remoto e o Papel da Gestão Escolar em tempos de Pandemia. In: VII Semana Internacional de Pedagogia 2020 - Maceió - AL (on-line), 2021. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/vii-semana-internacional-de-pedagogia-2020/trabalho/174614>. Acesso em: 05/09/2021.

INSTITUTO VLADMIR HERZOG. Democracia na escola: caderno temático / Vlado Educação - Instituto Vladimir Herzog. - 1. ed. - São Paulo: Instituto Vladimir Herzog, 2015. - (Projeto respeitar é preciso!).

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6ª edição. São Paulo, Hec-cus, 2015.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, vol. 4, n. 12, mai./ago. 2004.

MORAN, José Manuel et al. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

PAIVA, Francisco J. de. Gestão participativa: impactos sobre a produtividade organizacional. Curiti-

ba: Appris, 2016.

PARESCHI, Claudinei Zagui; PARESCHI, Adriana Zaurizio; MARTINI, Claudinei José. Gestão democrática: Possibilidades e desafios. *Revista Gestão Democrática*, v.7, 2017. p. 1-8. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-cientificos/gestao-democratica-possibilidades-e-desafios>. Acesso em: 05/09/2021.

PARO, Vitor Henrique. *Diretor escolar: educador ou gerente?* São Paulo: Cortez, 2015.

PERES, Maria Regina. Novos desafios da gestão escolar e de sala de aula em tempos de pandemia. *Revista de Administração Educacional*, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 20-31, set. 2020. ISSN 23591382. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/246089>. Acesso em: 05/09/2021.

SANTOS, M. N. dos.; ALVES, F. C.; ARRAES, A. V. A. Gestão escolar no contexto pandêmico. *Ensino em Perspectivas*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6069>. Acesso em: 03/09/2021.

Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).

Educação em tempos de pandemia

O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Índice Remissivo



A

Aulas

página 68

página 116

página 119

página 125

página 143

C

Covid 19

página 59

página 96

página 101

página 102

E

Educação

página 52

página 107

página 109

página 110

página 133

Escola

página 72

página 86

página 97

página 131

página 134

I

Internet

página 99

página 117

P

Pandemia

página 60

página 114

página 115

página 123

página 132

